UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA– DEGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEOG

DÂMARIS DE JESUS BRAGA

PERCEPÇÃO E AMBIENTE: O IGARAPÉ DO PASSARINHO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

MANAUS-AM
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA– DEGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEOG

DÂMARIS DE JESUS BRAGA

PERCEPÇÃO E AMBIENTE: O IGARAPÉ DO PASSARINHO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia. **Linha de Pesquisa 1**: Espaço, Território e Ambiente". Requisito obrigatório à obtenção de título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa 1: Espaço, Território e Ambiente.

Orientador (a): Drª. Amélia Regina Batista Nogueira.
PPGEOG - UFAM

MANAUS-AM
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Braga, Dâmaris de Jesus
B813p Percepção e ambiente: o igarapé do passarinho através dos mapas mentais de estudantes do ensino médio / Dâmaris de Jesus Braga . 2024
151 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Percepção. 2. Representação. 3. Mapas Mentais. 4. Topofilia. 5. Topofobia. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestrado e Doutorado Conceito 4 CAPES
Aprovado pela Resolução Nº 011 – CONSUNI de 11/07/2006
Reconhecido através da Portaria Nº 1.077 - MEC, de 31 de agosto de 2012

PERCEPÇÃO E AMBIENTE: O IGARAPÉ DO PASSARINHO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dâmaris de Jesus Braga

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Geografia (PPGEOG-UFAM) do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, área de concentração: **Espaço, Território e Ambiente**, realizada no dia **16 de Setembro de 2024,** como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Banca Examinadora	**Assinatura**
Profª. Drª. Amélia Regina Batista Nogueira **Presidente (PPGEOG/UFAM)**	
Profª. Drª. Ednea do Nascimento Carvalho **Membro Titular Externo (UFOPA)**	
Profª. Drª. Mircia Ribeiro Fortes **Membro Titular (PPGEOG/UFAM)**	
Dâmaris de Jesus Braga **Discente**	

MANAUS-AM-BRASIL
2024

Ao Autor de toda a Ciência, Fonte de Conhecimento
e poder. Ao Meu DEUS Eterno, meus pais, amigos e minha orientadora,
Com carinho e profunda gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao poder e sabedoria do Deus Trino por toda força, proteção e carinho por ter me conduzido até aqui. A Ele toda Honra e toda Glória! Pelo privilégio da vida e existência e por ter me proporcionado a oportunidade de estudar e superar obstáculos.

Aos meus pais e irmãos: Alciberto Araújo de Braga e Francisca dos Santos de Jesus; aos irmãos Hellen Caroline de Jesus Braga, Jair Miller de Jesus Braga, Israel de Jesus Braga e Akárita de Jesus Braga pelo incentivo, compreensão e apoio.

A minha Orientadora Profª Drª**.** Amélia Regina Batista Nogueira ao qual tenho esmero carinho, admiração e respeito por sua sapiência, paciência, sugestões inteligíveis para o aprimoramento em cada detalhe para a finalização deste trabalho. E por seus conselhos de ouro! Minha Eterna Gratidão, lindona!

A Universidade Federal do Amazonas e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, e a todos os professores do Departamento de Geografia pela dedicação e socialização do conhecimento.

Ao meu amigo e Orientador de TCC da UEA, Prof. Dr. Flávio Wachholz, pela parceria na confecção do “Mapa de Localização” deste trabalho!

A EETI Profª Lecita Fonseca Ramos, na pessoa da Gestora Profª Arethuza e Pedagoga Vanessa pelo apoio, e à FAPEAM – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas pela bolsa de estudo que foram para mim de grande importância para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A Professora de Geografia e amiga Isamara Tiago, da Escola Estadual de Tempo Integral Profª Lecita Fonseca Ramos pela ajuda, amizade e parceria nas Oficinas dos Mapas Mentais.

A todos os amigos do mestrado pelas palavras de incentivo, apoio e compreensão, em especial aos amigos: Carlos Madureira, Tairone, Germano, Jéssica, Jennifer, Rosely, Eduardo e Renan. Pessoas lindas de alma e íntegras em suas convicções e conselhos. A vocês, o meu carinho, amizade, respeito e o meu profundo desejo é que sejam realizados e muitos sucesso na vida profissional e acadêmica, gratidão pela parceria meus melhores!

Por fim, a todos os amigos, irmãos da mesma fé e familiares que contribuíram direta e indiretamente para a realização desta pesquisa. Eu não

conseguiria mencionar todos neste pequeno espaço, mas saibam que devo a cada um a “Minha Eterna Gratidão! ”.

Ser é existir no Mundo!
Merleau-Ponty

RESUMO

Com o avanço das atividades humanas no presente século, se remonta um cenário que representa uma ameaça latente ao ambiente e à própria sociedade, podendo estar relacionados ao nível de compreensão e percepção que os indivíduos têm da problemática ambiental que envolve seus lugares de vida e existência. A partir desse pressuposto, fomos instigados a refletir sobre a percepção e o ambiente do Igarapé do Passarinho. Esse aspecto tornou-se a base principal que impulsionou essa pesquisa. Assim, o objetivo geral desse estudo foi: Compreender a percepção de estudantes do Ensino Médio em relação ao Igarapé do Passarinho, observando se este espaço é de topofilia ou de topofobia. Os objetivos específicos que delinearam este trabalho foram de: 1. Contextualizar historicamente o processo de ocupação do Igarapé do Passarinho; 2. Verificar através da percepção dos estudantes do ensino médio a relação que estes têm com o Igarapé do Passarinho; 3. Representar o Igarapé do Passarinho a partir dos mapas mentais desenhados pelos estudantes das séries finais do ensino médio e, por fim; 4. Entender a relação da comunidade com o Igarapé do Passarinho tomando como referência a percepção e a representação através dos mapas mentais dos estudantes do Ensino Médio. Para alcançarmos esses objetivos, buscamos os princípios metodológicos da fenomenologia, tendo a percepção como uma categoria importante para a compreensão das paisagens estudadas, sendo os mapas mentais os elementos principais desta pesquisa. Os sujeitos sociais envolvidos foram 100 estudantes matriculados nas três séries do Ensino Médio em turno integral, dos anos letivos de 2023 e 2024, da Escola Estadual de Tempo Integral Profª Lecita Fonseca Ramos, situada na Rua: Imburana nº 89 bairro: Monte das Oliveiras, Zona Norte de Manaus. Dos Mapas elaborados pelos estudantes, selecionamos 20 que são discutidos nesse trabalho e representam os aspectos sociais e ambientais no contexto ambiental urbano.

Palavras-Chave: Percepção, Representação, Mapas Mentais, Topofilia e Topofobia.

ABSTRACT

With the advancement of human activities in the present century, a scenario emerges that represents a latent threat to the environment and society itself, which may be related to the level of understanding and perception that individuals have of the environmental issues that involve their places of life and existence. Based on this assumption, we were encouraged to reflect on the perception and environment of Igarapé do Passarinho. This aspect became the main basis that drove this research. Thus, the general objective of this study was: To understand the perception of high school students in relation to Igarapé do Passarinho, observing whether this space is one of topophilia or topophobia. The specific objectives that outlined this work were: 1. Historically contextualize the process of occupation of Igarapé do Passarinho; 2. Verify, through the perception of high school students, the relationship they have with Igarapé do Passarinho; 3. Represent Igarapé do Passarinho based on mental maps drawn by students in the final years of high school and, finally; 4. Understand the community's relationship with Igarapé do Passarinho taking as a reference the perception and representation through the mental maps of high school students. To achieve these objectives, we seek the methodological principles of phenomenology, with perception as an important category for understanding the landscapes studied, with mental maps being the main elements of this research. The social subjects involved were 100 students enrolled in the three grades of full-time high school, from the academic years 2023 and 2024, at the Escola Estadual de Tempo Integral Profª Lecita Fonseca Ramos, located at Rua: Imburana nº 89, neighborhood: Monte das Oliveiras, North Zone of Manaus. From the Maps created by the students, we selected 20 that are discussed in this work and represent the social and environmental aspects in the urban environmental context.

Keywords: Perception, Mind Maps, Topophilia and Topophobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização da Área de Estudo. 13
Figura 2: O igarapé do Passarinho, na década de 1920. Hoje poluído (Capa de revista da Associação Comercial do Amazonas)..... 52
Figura 3: Mosaico da oficina de Mapas Mentais com os discentes do Ensino Médio da EETI Profª Lecita Fonseca Ramos – Manaus-AM. 101
Figura 4: Margem direita do Igarapé do Passarinho em 17 de agosto de 2022. 110
Figura 5: Tubulação de Esgotos nas margens do Igarapé do Passarinho, despejando águas das residências diretas no leito do canal fluvial. 114
Figura 6: Margem esquerda do canal de drenagem mostra as barras laterais composta por acúmulo de sedimentos naturais. 123
Figura 7: Retirada dos sedimentos pelas dragas das margens e do canal fluvial do Igarapé do Passarinho e Resíduos Sólidos. 125
Figura 8: Vista espacial do Igarapé do Passarinho em dias de chuvosos. 126
Figura 9: Vista da ocasião em que houve uma das maiores inundações e rompimento de uma das pontes de concreto pela força da água em abril de 2009..... 128

LISTA DE MAPAS MENTAIS

Mapa Mental 1: Igarapé do Passarinho visto sob uma perspectiva lateral da EETI. Profª Lecita Fonseca Ramos 102
Mapa Mental 2: Igarapé do Passarinho vista espacial de um estudante do EETI Prof. Lecita Ramos. 104
Mapa Mental 3: Trecho do Igarapé do Passarinho representado espacialmente. 106
Mapa Mental 4: Representação do Igarapé do Passarinho totalmente poluído. 107
Mapa Mental 5: Representação do Igarapé do Passarinho o antes 108
Mapa Mental 6: Representação do Igarapé do Passarinho vista de uma área de Preservação Permanente. 109
Mapa Mental 7: Igarapé do Passarinho. 111
Mapa Mental 8: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho. 112
Mapa Mental 9: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho. 114
Mapa Mental 10: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho. 115
Mapa Mental 11: Representação do Igarapé do Passarinho. 117
Mapa Mental 12: Esboço Representativo do Igarapé do Passarinho em Preto e Branco.. 118
Mapa Mental 13: Representação em desenho do Igarapé do Passarinho. 119
Mapa Mental 14: Representação Mental do Igarapé do Passarinho. 121
Mapa Mental 15: Representação Cognitiva do Igarapé do Passarinho. 124
Mapa Mental 16: Representação Espacial sob uma perspectiva lateral do Igarapé do Passarinho. 125
Mapa Mental 17: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho. 127
Mapa Mental 18: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho. 129
Mapa Mental 19: Representação de um Igarapé Restaurado. 130
Mapa Mental 20: Representação e Concepção do Igarapé do Passarinho. 131

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Conceitos-chave para o entendimento da Topofilia/Topofobia. 47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I – GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO 27

1.1. O método Fenomenológico e a Geografia: Contribuições teórico-metodológica na Geografia 38

1.2. A categoria Lugar e a Geograficidade fenomenológica 41

CAPÍTULO II – O LUGAR VIVIDO, PERCEBIDO E CONCEBIDO: O IGARAPÉ DO PASSARINHO 50

2.1. Transcrição Histórica do Lugar: O Igarapé do Passarinho visto do lado de lá! 51

2.2. Conceitos de Percepção em Mapas Mentais 55

2.3.Conceitos de Topofilias e Topofobias 65

CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES DO IGARAPÉ DO PASSARINHO 69

3.1. *Topofilias* e *Topofobias* nos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio 94

3.2. Igarapé do Passarinho nos Mapas Mentais: Representando o Mundo Vivido dos Estudantes 95

CONSIDERAÇÕES FINAIS 132

ANEXOS 136

REFERÊNCIAS 138

1. INTRODUÇÃO

A proposta de estudar o Igarapé do Passarinho através dos Mapas Mentais de estudantes do Ensino Médio na presente pesquisa de dissertação se deu *a priori* pela aluna-pesquisadora através de seu trabalho de conclusão de curso - TCC, concluído em agosto de 2019 pela Universidade do Estado do Amazonas - (UEA), Pois, em seu terceiro objetivo específico que foi de avaliar a percepção ambiental dos alunos do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica, utilizou-se de mapas mentais desenhados pelos alunos para compreensão do Igarapé analisado. Assim, a discente-pesquisadora buscou aprofundar sua pesquisa no mestrado acadêmico.

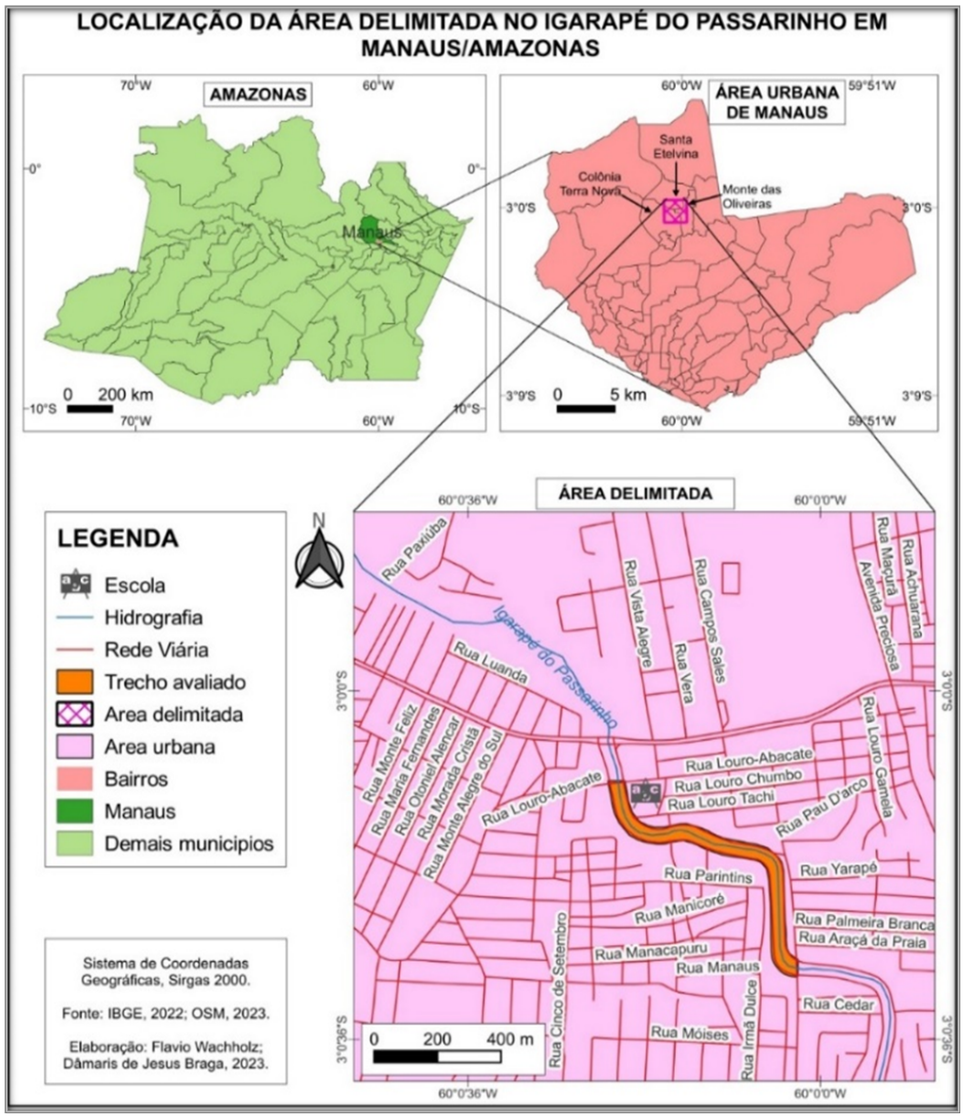
Dessa forma, a pesquisa se refere a uma temática que vem recebendo significativa relevância nos trabalhos acadêmicos e nas pesquisas atuais. Sendo assim, a realização deste estudo, justifica-se em função da necessidade de se ampliar e aprofundar conhecimentos acerca de estudos sobre percepção e representação do espaço vivido, dentro da visão e compreensão, se este espaço no caso, o Igarapé do Passarinho, é de *topofilia* ou de *topofobia*; em razão disto, podemos compreender através dos mapas mentais que foram desenhados pelos estudantes do Ensino Médio à percepção que estes têm do lugar onde circulam todos os dias de suas casas para a escola e, vice e versa.

O aporte teórico deste estudo encontra-se respaldado nas experiências dos estudantes em relação ao seu entorno e ao lugar observado e estruturado por eles. Consequentemente, espelhado no mapa mental, a partir da experiência particular e individual de cada ser social, como um produto ou resultado de uma imagem concebida. O estudo está pautado, não apenas no olhar do pesquisador, mas do pesquisado, esta é uma questão de grande relevância para a própria pesquisa científico-acadêmica. Em razão disto, a pesquisa se volta para quem vivencia o canal fluvial em ambiente urbano, no caso, o Igarapé do Passarinho, o que muitas vezes, é assolado por desastres naturais e sociais como inundações, desmatamento, assoreamento, queimadas, acúmulo de resíduos sólidos, assaltos, acidentes de trânsito, violência urbana entre outros.

Nessa conjuntura de problemáticas socioambientais, temos o estudante-morador como o agente que transita nesse espaço geográfico, sendo afetado direto e indiretamente pelo mesmo, e o percebendo também.

Para melhor compreensão, é importante destacar que Manaus é entrecortada por densa rede fluvial, destacando-se o Igarapé do Passarinho, onde o seu sistema de drenagem é de suma importância em relação ao ciclo hidrológico. A rede de drenagem deste curso hídrico é delimitada entre os bairros: Cidade Nova, Novo Israel, Nova Cidade, Monte das Oliveiras, Colônia Terra Nova, Santa Etelvina e Tarumã-Açu. Estes referidos bairros fazem parte das Zonas Norte e Oeste de Manaus, principais zonas de espraiamento da cidade nas últimas décadas, como mostra a figura 1 abaixo:

Figura 1: Mapa de Localização da Área de Estudo.



A extensão desta bacia hidrográfica em linha reta corresponde a 12 km e sua área é de aproximadamente 27,3 km^2. Inicia na Zona Norte no bairro Nova Cidade e Se estende em direção à Zona Oeste até a sua foz, na confluência com o Igarapé da Bolívia, no Bairro União da Vitória. As coordenadas que compreendem a nascente do seu canal principal são 3º 0' 41.23" "latitude Sul e 59º 58' 47.60" longitude Oeste; e na foz correspondem a 2º 58' 30.64" latitude Sul e 60º 2' 11.08" longitude Oeste. Com relação à Manaus, trata-se de um município que possui área equivalente a 11.401,092 km^2, limitando-se ao norte com o município de Presidente Figueiredo; ao sul com o Careiro da Várzea e Iranduba; a leste, Rio Preto da Eva e Itacoatiara e a oeste, Manacapuru e Novo Airão. A população é de aproximadamente 2.063.547 pessoas habitantes, conforme dados do (IBGE, 2023).

Apesar de estar em ambiente urbano, o nosso objeto de análise é pouco estudado, principalmente no que diz respeito a compreensão do Igarapé do Passarinho a partir das representações dos mapas mentais de estudantes do Ensino Médio. Elaboramos o projeto tomando como referências, teóricos da fenomenologia da percepção, tais como: O filósofo existencialista Merleau-Ponty; os geógrafos, Yi-FuTuan, Amélia Regina Batista Nogueira, Salete Kozel Teixeira, Ana Buttimer, Wether Holzer, Edward Relph, Roberto Lobato Corrêa entre outros. A pesquisa parte de uma abordagem da Geografia Humanista Cultural, nos referenciamos na obra de Werther Holzer, também no livro ***Geografia e modernidade***, de Paulo César da Costa Gomes, Edmund Husserl, considerado o fundador da Fenomenologia que nos trazem a contextualização da Geografia Humanista-Cultural que precisamos para o embasamento teórico-metodológico deste trabalho.

Este trabalho dissertativo consiste em trazer uma contextualização histórica e panorâmica da constituição da Geografia Humanística Cultural dentro da visão da percepção e representação do mundo vivido. Em seguida, procuramos entender o nosso suporte de estudo, que é o mapa mental como uma representação do espaço vivido, e por fim, entender a percepção do ambiente através dos estudantes do ensino médio da EETI Profª Lecita Fonseca Ramos como moradores da área escolhida para o referido trabalho de dissertação, a partir dos significados das terminologias das palavras ***Topofobia*** e ***Topofilia***, termos estes que foram estudados por Yi-Fu Tuan, Geógrafo Sino-Americano. Para a compreensão dos

sentimentos representados e percebidos do imaginário mental do Igarapé do Passarinho desses sujeitos que fazem parte do mesmo.

A presente pesquisa de dissertação surge também da importância de compreendermos os estudantes como os arquitetos de suas representações espaciais, afinal, isto estabelece a tomada de decisão, a observação e a reflexão do ambiente vivido. Dessa maneira, entender a percepção do lugar em que vivem seus sentimentos e emoções dentro do cenário fenomenológico do ambiente em que este reside ou não, materializando em formas de desenhos ou croquis. A partir dessas representações espaciais, faremos a seguinte interrogação: Que paisagem os alunos percebem e concebe desse igarapé, chamado de Passarinho?

A pesquisa nos levou a compreender a percepção do ambiente dos discentes como forma de construir uma educação mais crítica e autônoma. Assim sendo, partimos de alguns questionamentos, para a formulação dos objetivos específicos:

- Como se deu o processo de ocupação do referido Igarapé e qual é a relação que estes têm com o mesmo?
- Como estes estudantes vêem o Igarapé do Passarinho dentro do ambiente urbano? E como cada aluno os concebe e os representa em seus Mapas Mentais?
- Os mapas mentais refletem sentimentos ***topofílicos*** ou ***topofóbicos***?
- Por fim, qual a relação da comunidade com o Igarapé do Passarinho? Tomando como referência a percepção e representação através dos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio da Escola escolhida para a realização da pesquisa?

A partir desses questionamentos fomos, em busca de respostas pautadas em teóricos da temática, nas narrativas e nos mapas mentais dos estudantes do Ensino Médio. Pois, entendemos que a educação é o caminho para a construção de cidadãos críticos e livres para entender o mundo em que vivem.

E, para além dos mapas convencionais ou tradicionais, que apresentam escalas, legendas, latitude e longitude dentre outros elementos que os compõem, nosso estudo não pretende se esgotar por aqui, mas avançar para despertar a importância de utilização da representação dos mapas mentais de jovens das séries finais do Ensino Médio, de uma escola pública, como um caminho eficaz para

interpretação do espaço vivido por estes, e termos uma compreensão e representação do mundo real desses discentes.

Como forma de responder as indagações desta pesquisa, estabelecemos como objetivo geral, compreender a percepção de estudantes do Ensino Médio em relação ao Igarapé do Passarinho, observando se este espaço é de ***topofilia*** ou ***topofobia***. E os objetivos específicos buscaram:

1. Contextualizar historicamente o processo de ocupação do Igarapé do Passarinho;
2. Verificar através da Percepção dos Estudantes do Ensino Médio, qual a relação que estes têm com o Igarapé do Passarinho;
3. Representar o Igarapé do Passarinho a partir dos Mapas Mentais dos Estudantes;
4. Entender a relação da comunidade com o Igarapé do Passarinho tomando como referência a percepção e representação através dos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio.

Para trabalhar os objetivos propostos, consideramos os princípios metodológicos da fenomenologia. O trabalho foi desenvolvido dentro das ciências humanas com a abordagem da Geografia Humanista e Cultural, sob a perspectiva da percepção. O método de abordagem é o fenomenológico, que segundo Dartigues (2008), é um método que renovou a maneira de abordagem dos fenômenos humanos.

A fenomenologia permite, conforme Merleau-Ponty (2011), o estudo das essências das coisas e para se compreender tais essências é preciso que haja o entendimento de quem a vivencia, o ser social. Corroborando com essa assertiva, Nogueira (2014) enfatiza que para a fenomenologia, quem vive o fenômeno é extremamente importante, bem como a descrição que se faz do fenômeno, “a descrição aqui ressaltada não é apenas do sujeito que pesquisa, mas aquela de quem vive o fenômeno”. (NOGUEIRA, 2014 p. 35). A escolha da fenomenologia como aporte teórico-metodológico nessa pesquisa, foi, sobretudo, a certeza de que os sujeitos sociais envolvidos na pesquisa revelariam novos elementos acerca do tema.

A pesquisa é de ordem qualitativa, Lima e Moreira (2015) destacam a importância dessa abordagem para a compreensão do fenômeno estudado, pois garante uma visão detalhada do assunto, além de seu foco ser a subjetividade,

onde os resultados não podem ser obtidos pelas questões quantificáveis. Neste tipo de abordagem, a quantidade de dados ou informações cede lugar à qualidade do fenômeno estudado, pois geralmente busca uma compreensão na qual a experiência tem grande relevância. Nas pesquisas qualitativas, os sentimentos são de suma importância, um estudo sob a ótica fenomenológica, requer primeiramente uma abordagem qualitativa, em vista disso, a pesquisa não se apoia em estatísticas ou códigos.

A perspectiva fenomenológica pressupõe aproximação entre o sujeito e o objeto, assim, os estudantes residentes em Manaus que vivenciam os problemas sociais, econômicos e ambientais no Igarapé do Passarinho bem como os demais moradores residentes no entorno foram os protagonistas nessa pesquisa.

Este princípio nos levou a escolher o Mapa Mental como instrumento principal da pesquisa. Embora os participantes sejam jovens as experiências acumuladas nessa primeira fase da vida já os possibilitam a percepções acerca das questões estudadas; além do que as aulas de geografia possibilitaram a elaboração dos mapas mentais. Sobre os mapas mentais, Nogueira (1994), ressalta que os mesmos são resultados da acumulação de experiências vividas, logo, os mapas mentais estão presentes no cotidiano humano e são construídos a partir da percepção individual.

A escolha desse instrumento está associada a dois aspectos: 1º) A representação de símbolos, signos e artefatos que evidenciam o que os sujeitos da pesquisa têm em suas mentes, adquiridas a partir de suas experiências; 2º) Os envolvidos são estudantes, sobre isso, Nogueira (2014) propõe o uso dos mapas mentais nas aulas de geografia, sugerindo que os mapas produzidos pelos alunos devem ser utilizados nos estudos sobre a cidade e seus problemas, como é o caso das problemáticas sociais e ambientais no entorno do Igarapé do Passarinho e também, por ser a produção de mapas mentais uma atividade prazerosa para o estudante.

Para a elaboração dos mapas mentais, os estudantes utilizaram: Papel Ofício A3, Lápis, borracha, lápis de cor, pincéis multicores, e uma folha de caderno para fazer a descrição de seus mapas mentais. Durante os encontros, foram utilizados computador e Datashow, na digitalização dos mapas, utilizamos CORELDRAW, CAMSCANNER e um celular Galaxy A23 5G marca Samsung.

Os envolvidos nessa pesquisa foram estudantes matriculados nas séries finais do Ensino Médio, da Escola Estadual de Tempo Integral Profª Lecita Fonseca Ramos, localizada na Rua Imburana, nº 89, Bairro Monte das Oliveiras – CEP: 69.093-855 zona norte de Manaus, escola na qual a professora de Geografia atuante na referida escola, é a docente Isamara Tiago. Possui 12 salas de aula, laboratório de informática, laboratório de ciências, auditório, biblioteca, sala multiuso, quadra poliesportiva e outras dependências necessárias para o funcionamento de uma escola. A escola oferece Ensino Médio com 420 alunos matriculados, distribuídos no turno integral. Está sob a gestão da Profª Drª. Arethuza Karla Amorim Cavalcante, desde fevereiro de 2019. Tendo como colaboradores 47 pessoas, sendo 1 gestora, 19 professores, 1 bibliotecário, 1 secretária acadêmica, e outros cooperadores laborativos.

Os 100 estudantes estavam matriculados nas turmas 1, 2, 3, 4 da 1ª, 2ª e 3ª série do ensino médio no ano letivo de 2023 e 2024, turno integral, todos entre as faixas etárias dos 15 a 17 anos; eles se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa, juntamente com a permissão de seus responsáveis. Os estudantes residem em diversos bairros da cidade de Manaus, especificamente na Zona Norte (Cidade Nova, Cidade de Deus, Colônia Terra Nova, Colônia Santo Antônio, Monte das Oliveiras, Nova Cidade, Novo Israel, Novo Aleixo e Lago Azul).

Como ressaltado acima, a presente investigação possui como aporte teórico, o método fenomenológico, proposto pelo filósofo alemão Edmund Husserl, pelo qual é realizada a descrição e análise da consciência, isto é, o estudo dos fenômenos e dos objetos que se mostram “a nós”, compreendendo o sentido, tanto de ordem física quanto de caráter cultural (CHAUÍ, 2006).

Conforme Ana Buttimer (1982) não é difícil definir a fenomenologia, podendo ser “definida como um método filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa de explicar isso em termos de significado e significância” (BUTTIMER, 1982 p. 171). Neste sentido, a fenomenologia tenta transcender o dualismo cartesiano e propõe um novo modo de conhecer.

O método fenomenológico, segundo Ales Bello (2006), possui duas etapas, sendo, a primeira consiste na busca do sentido dos fenômenos ou redução eidética e a segunda se refere como é o sujeito que busca o sentido ou redução transcendental.

Assim, trata-se de uma abordagem qualitativa que é muito importante nos estudos relacionados à educação, como é o foco desta pesquisa. Nesse tipo de abordagem, não há uma preocupação com a quantificação dos resultados. Pelo contrário, a pesquisa qualitativa:

> Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Percebe-se que a preocupação desse tipo de pesquisa é com a perspectiva dos sujeitos, estando, portanto, em concordância com o nosso objetivo principal de estudo que foi analisar a percepção de estudantes em relação ao Igarapé do Passarinho, considerando-os como protagonistas em nossa investigação.

Quanto aos meios, à pesquisa é bibliográfica, foi realizado trabalho de campo que aconteceu na Escola Estadual de Tempo Integral Profª Lecita Fonseca Ramos sendo dividida em duas Etapas: a primeira Etapa da nossa pesquisa constituiu de atividades com os estudantes do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries), rodas de conversas para elaboração de mapas mentais pelos discentes, mas antes, realizamos uma aula sobre o Espaço Urbano, em conjunto com a Professora Isamara, nas aulas e nos tempos de Geografia e, depois, como método de avaliação, solicitamos que os estudantes escrevessem uma redação sobre o ***Espaço Geográfico do Igarapé do Passarinho*** e desenhassem os mapas mentais baseado nas informações que foram apresentadas em aula e das experiências de vivência ao circularem no Igarapé do Passarinho. Assim, foi solicitado que seus mapas mentais fossem transpostos para o papel A3, que representassem suas percepções sobre o Igarapé estudado, e expressassem seus afetos ou desafetos pelo mesmo, inspirações e aspirações de seu lugar vivido. Utilizamos GPS, para identificar as coordenadas e limitar a área geográfica; máquina fotográfica digital para registro da oficina dos mapas mentais realizada.

Esses procedimentos metodológicos da pesquisa de campo foram realizados em dois momentos. O ***primeiro momento*** iniciou durante o 2º Semestre de 2023, no decorrer de cinco aulas sequenciais, todos os alunos presentes nas respectivas turmas, estudaram questões sobre desmatamento, resíduos sólidos, queimadas, violência urbana, moradias em espaço urbano etc. As aulas foram dialogadas com a participação direta dos estudantes e das professoras Isamara Tiago e Dâmaris

Braga. A atividade principal aconteceu por meio de narrações de situações ligadas ao acúmulo excessivo de resíduos sólidos, o leito fluvial contaminado, assaltos, espaços comerciais, áreas de lazer e lixeiras viciadas em volta do Igarapé do Passarinho. Em cada uma das turmas, identificamos os estudantes e as áreas descritas, essas anotações foram importantes para sabermos, quais estudantes estavam mais dispostos e realmente envolvidos e preocupados com a problemática da pesquisa.

Nossa aproximação com os estudantes, só foi possível com a colaboração da professora de Geografia da escola escolhida, esta, nos disponibilizou os tempos das aulas de geografia das três séries em que a mesma leciona, assim, foram elaborados cerca de 100 mapas mentais.

Embora tenhamos formado grupos para discussão dos mapas mentais, a pesquisa se deteve nos mapas individuais dos alunos. Os estudantes disponíveis eram de idades distintas entre dezesseis e dezoito anos de idade, sendo três turmas da 1ª série, duas turmas da 2ª série e uma turma da 3ª série do Ensino Médio.

O ***segundo momento*** da nossa pesquisa de campo com os autores dos mapas mentais do Igarapé do Passarinho foi desenvolvido, no primeiro semestre de 2024, aconteceu por meio de encontros realizados na própria escola com a participação dos estudantes da 1ª, 2ª e 3ª Série do Ensino Médio. Estivemos assim, com os discentes que participaram do primeiro momento conosco para termos um diálogo aberto, e assim, entendermos as representações mentais de seus desenhos, e o que eles pretenderam expressar, com suas percepções mentais sobre o Igarapé do Passarinho? Qual o significado que eles dão em relação ao Igarapé em Espaço Urbano, o que esta configuração paisagística reporta em seus sentimentos sensoriais? De amor, afetividade? Ou Aversão, medo, pavor por este lugar? E quais as causas que motivaram ou motivam neles esses “sentir” esses ou outros “sentimentos”? A partir dessa conversa, através de uma redação de 30 linhas transcreveram a mensagem que pretenderam transmitir em seus desenhos.

É importante ressaltar que os estudantes não foram induzidos a escolher uma parte específica da paisagem do Igarapé do Passarinho, as recomendações foram apenas que ela deveria estar ligada de alguma forma aos sentimentos deles de afeição/amor ou rejeição/medo pelo lugar. O último encontro serviu para agradecermos e encerrarmos a pesquisa de campo. A fase completa da pesquisa de campo compreendendo os dois momentos aconteceu entre os meses de junho

de 2023 e março de 2024, equivalente ao 2º semestre de 2023 e o 1º semestre de 2024.

O delineamento da pesquisa por meio de estudo bibliográfico, e foi desenvolvida a partir de material já publicado e elaborado, ou seja, de material impresso e digital em formatos de livros, artigos científicos, teses e dissertações, disponíveis em plataformas e sites de pesquisa confiáveis, tais como: Google Acadêmico, Scielo, Google Earth etc.

A escolha da escola estadual EETI Profª Lecita Fonseca Ramos, se deu por ser uma Escola de Ensino Médio da Educação Básica e também por sugestão da orientadora desta pesquisa, que trabalhássemos os mapas mentais com os estudantes das séries finais do Ensino Médio, pois já tínhamos trabalhado com os estudantes do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º ano) na monografia. Além disso, quando um aluno participa da escola espera-se que o estudante da educação básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) possa integrar em sua prática cotidiana uma leitura mais crítica da realidade em que vive.

Consideramos que a pesquisa foi importante, pois valorizou o conhecimento de estudantes das séries finais da Educação Básica do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Tempo Integral localizada em Manaus-AM, trazendo as experiências desses discentes em relação ao lugar onde vivem, tendo como *lócus* de observação e reflexão o Igarapé do Passarinho em ambiente urbano. Reportando a discussão fenomenológica da geografia humanística, que se pauta no filósofo Merleau-Ponty quando esse afirma que: “Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido. Se queremos pensar a própria ciência com rigor. Apreciar exatamente o alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual é a sua segunda expressão”. (MERLEAU-PONTY *apud* NOGUEIRA, 2001 p. 104).

Tomamos como referência também os estudos realizados por Nogueira, em sua dissertação de mestrado e posteriormente em sua tese de doutorado. Fomos avançando nas discussões da fenomenologia e da percepção, sendo utilizados como aportes teóricos para a geografia, e, assim, enriquecendo as análises teóricas e metodológicas feitas em diversas pesquisas aqui no Estado do Amazonas e em alguns municípios, em academias de Ensino Superior e comunidades ribeirinhas.

Por fim, assim como Nogueira, (2001 p.84), acreditamos que os Mapas mentais, são: “Mapas elaborados a partir das imagens que temos dos lugares

vividos". Imagens estas, que os homens constroem pouco a pouco, sua visão de mundo, seus valores são formados a partir do que este vê e percebe.

A elaboração da dissertação ocorreu em duas fases. A primeira contemplou as bases teóricas e fundamentais desse estudo, diante de uma vasta pesquisa bibliográfica, buscamos embasamentos que apoiassem as convicções estabelecidas desse trabalho e principalmente abarcassem os principais conceitos utilizados. Essa fase embasou toda a pesquisa, como também se fundamentaram na elaboração os dois primeiros capítulos.

O primeiro capítulo sob o título: **Geografia Humanista Cultural: Percepção e Representação**. Expõe as discussões teóricas acerca do método fenomenológico e a Geografia: Contribuições teórico-metodológicas na geografia. Em seguida, são estabelecidas as bases que sustentam a definição da Categoria lugar e a Geograficidade.

O segundo capítulo, intitulado: **O Lugar vivido, percebido e concebido: O Igarapé do Passarinho**. Abrange a discussão sobre a transcrição histórica do lugar: O Igarapé do Passarinho visto do lado de lá. Os Conceitos de Percepção em Mapas Mentais e Conceitos de *Topofilias* e *Topofobias*. Os dois primeiros capítulos, não apresentam objetivamente às percepções dos estudantes sobre o tema, mas elas estão implícitas, isso é comprovado quando interpretamos os Mapas Mentais expostos no terceiro capítulo.

A segunda fase da pesquisa, como já foi detalhada, se configurou na pesquisa de campo (elaboração dos mapas), concluída com as interpretações dos mapas, juntamente com as descrições de cada estudante. Os resultados são apresentados no terceiro capítulo, intitulado: **Percepções do Igarapé do Passarinho**. Uma breve discussão sobre percepções e representação dá início ao capítulo; seguida pelos subcapítulos 3.1. Topofilias e Topofobias nos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio e o 3.2. Igarapé do Passarinho nos Mapas Mentais: Representando o Mundo Vivido dos estudantes. Dentre os 100 mapas, selecionamos 20 para compor esse capítulo, estes contemplam o Igarapé do Passarinho, não degradado e pós-degradação humana do lugar.

Por fim, fizemos considerações importantes sobre a pesquisa, sobretudo, a participação dos estudantes e suas percepções acerca do assunto. Os três capítulos que compõem esse trabalho dissertativo permitem uma leitura agradável e reveladora diante dos aspectos que envolvem a percepção e o ambiente do Igarapé.

Capítulo I

Geografia Humanista Cultural: Percepção e Representação

CAPÍTULO I – GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Como aporte teórico, partimos de Werther Holzer, pois este traz a contextualização que precisamos para entendermos a ciência geográfica e sua constituição humanístico-cultural ao longo dos tempos. Tomando como referência sua obra, ***"A geografia humanista: sua trajetória de 1950-1990"*** e sua tese ***"Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A Crônica dos viajantes no Brasil do Século XVI",*** defendida em 1998 iniciamos as reflexões. Ainda nos debruçamos na obra ***Geografia e modernidade***, de Paulo César da Costa Gomes; e o artigo de António Christofoletti "***As perspectivas dos estudos geográficos***." Entre outras referências que lemos e fichamos para melhor compreensão desse estudo. Não pretendemos iniciar e nem esgotar o debate, pois este já vem sendo construído há mais de 40 anos, mais precisamente em julho de 1976, quando a partir da publicação dos *"Annas of the Association of American Geographers" que publicava o artigo "Humanistic Geography"* de Yi-Fu Tuan, e que ainda hoje alimenta nossas reflexões.

O trabalho de Tuan, era como se fosse uma declaração de independência de um movimento que vinha sendo gerado há mais de dez anos e que, naquele momento, assumia a feição ou a forma, de um campo disciplinar distinto dentro da Geografia Norte-Americana. É referente a este marco, o que iremos dissertar neste primeiro capítulo.

O que pretendo reportar ao longo das páginas seguintes é voltar no tempo ao surgimento da ideia de uma Geografia Humanista. Sua construção como campo disciplinar diferiu-se nas décadas de 1970 e 1980, e, suas relações sempre presentes e nos últimos anos mais estreitam, com a Geografia Cultural e a Geografia Histórica. (MARTINEZ, 2003)

Sendo assim, a Geografia Humanista foi um movimento de ideias que destacou os aspectos humanos. A Geografia humanística tentou compreender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da percepção humana. (MARTINEZ, 2003)

Com a chegada da Geografia Humanista, assim como a perspectiva crítica, também esteve relacionado com a desilusão dos geógrafos diante da perspectiva

quantitativistas. Mas, ao contrário dos geógrafos críticos, que buscaram imprimir o discurso político como forma de enfrentar os problemas da humanidade, os humanistas defenderam a construção de uma Geografia calcada em novas teorias e metodologias, edificadas sob novos aportes filosóficos, como veremos adiante (MARTINEZ, 2003 p. 67-68).

O ascender da Geografia Humanista encontra-se, de acordo com Holzer (1992, p.6-7), nos subcampos específicos dessa disciplina, como os da Geografia Cultural[1] e da Geografia Histórica, onde a abordagem quantitativa não havia conseguido muitos avanços e nem progredido na direção esperada.

O desenvolver da Geografia Humanista, "pôde ser concebido por volta da década de 1960 nos Estados Unidos, deve-se muito às contribuições herdadas daqueles subcampos da ciência geográfica. " (MARTINEZ, 2003 pg. 68)

Em relação à Geografia Cultural, as contribuições mais expressivas vieram das reflexões de Carl Sauer, sobretudo de seu trabalho publicado em 1925 com o título *The Morphology of Landscape (A Morfologia da Paisagem)*, que chamou a atenção dos geógrafos humanistas pelo fato de enfocar o estudo da diferenciação da superfície terrestre a partir da análise da paisagem cultural[1], buscando captar todos os significados nela presentes. (MARTINEZ, 2003 p. 67-68)

Pode-se dizer que a Geografia Cultural, particularmente pela obra de Sauer, contribuiu para "manter vivo o culturalismo e o antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo, o que certamente permitiu a reação e a ruptura na década de 70" (HOLZER, 1992, p.46), enquanto que a Geografia Histórica, especialmente pelas ideias de Wright, "preconizou o alargamento das relações entre a Geografia e as humanidades". Durante a década de 1960, vários geógrafos passaram a retomar os estudos históricos e culturais, face o retrocesso da abordagem quantitativa, vindo a contribuir para a criação de uma Geografia Humanista. (MARTINEZ, 2003 p. 68-69)

Ainda durante a década de 1960, David Lowenthal tornou-se uma figura importante na discussão epistemológica da Geografia. Tendo sido muito influenciado por Sauer, Lowenthal retomou as ideias de Wright, buscando compreender a subjetividade dos mundos individuais a partir da "relação entre o

[1] De acordo com Sauer, "a paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado (chore). Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem [...] A paisagem cultural é moldada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado" (SAUER *apud* CORRÊA; RODENDHAL, 1998, p. 13).

mundo exterior e as imagens em nossas cabeças" (LOWENTHAL, 1982, p.103), e, segundo ele, o ambiente possui uma singularidade que é própria para cada indivíduo, concluindo que:

> Visões particulares do mundo divergem uma das outras até mesmo no interior dos limites dados pela necessidade lógica, fisiologia humana e pelos padrões de grupo. Em qualquer sociedade, indivíduos com embasamento cultural semelhante, que falam a mesma língua, percebem e compreendem diferentemente o mundo (LOWENTHAL *apud* HOLZER, 1992 p.163).

Nesse sentido, "cada indivíduo" ou "ser no mundo" possui uma visão singular e única de seu ambiente, uma visão que é concebida a partir de vivência pessoal, da experiência, do aprendizado, da memória e da imaginação. Dessa forma, a pesquisa epistemológica de Lowenthal, (*apud* HOLZER, 1992, p.61) "se preocupa com todo o pensamento geográfico, científico e outros: como ele é adquirido, transmitido, alterado e integrado em sistemas conceituais; e como o horizonte da geografia varia entre indivíduos e grupos".

Em razão dos trabalhos de Lowenthal se difundirem no mesmo instante em que a perspectiva humanista começava a ganhar terreno. Logo, ficou reconhecido pelo seu pioneirismo, sendo considerado, por isso, um dos principais genitores dessa corrente do pensamento geográfico.

Os esforços pioneiros dos geógrafos culturais e históricos, compelidos na renovação da disciplina a partir de enfoques centralizados na subjetividade das atuações humanas, foram firmados em 1976, quando a perspectiva humanista foi de fato reconhecida como campo autônomo da ciência geográfica nos meios especializados dos Estados Unidos (HOLZER, 1992, p.234). Essa estima foi alcançada com a publicação de dois importantes artigos, ambos traduzidos para o português, *Humanistic Geography (Geografia Humanista)*, de Yi-Fu Tuan, e *Grasping the Dynamism of Lifeworld (Agarrando o dinamismo do mundo da vida)*, de Anne Buttimer, juntamente com o lançamento do livro *Place and placelessness (Lugar e ausência de lugar)* de Edward Relph. (MARTINEZ, 2003 p. 70-71)

Em geral, esses geógrafos estavam unidos aos estudos da percepção do entorno e do comportamento, podendo ser aliados, de acordo com Holzer (1992, p.8), em pelo menos três perspectivas distintas: os que se ligavam à psicologia comportamental, à sociologia e à filosofia existencialista; os que procuravam abrir novos campos de estudo para a Geografia analítica (Quantitativa), utilizando-se de

métodos neopositivista; e os culturalistas, que buscavam se aproximar das contribuições neopositivista da psicologia comportamental e estruturalista da semiologia[2]. (MARTINEZ, 2003 p. 70-71)

Apesar das divergências entre essas perspectivas, todos aqueles geógrafos estavam ligados por um ponto de vista em comum, pois todos concordavam que, com Gomes Mendoza, Muñoz Jimenez e Ortega Cantero (*apud* HOLZER, 1992, p.9), "a mente humana – entre cujas funções está a percepção do meio, a elaboração de imagens acerca dele e a tomada de decisões tendentes a modificá-lo – é um campo fundamental e indispensável de investigação geográfica".

Embora, aqueles geógrafos tivessem a preocupação comum de estudar o homem enquanto indivíduo, enfocando a subjetividade das relações humanas com a sociedade e a natureza, havia uma discordância básica entre eles, pois enquanto alguns se interessavam mais pelo desenvolvimento de novas teorias dentro da Geografia, outros estavam mais preocupados com os aspectos epistemológicos da disciplina. Essa diferença acabou provocando a divergência nas pesquisas em dois grupos distintos: "um mais comportamental e positivista, outro procurando alternativas para a ciência tradicional e encontrando na fenomenologia[3] um caminho para seus anseios" (HOLZER, 1992, p.71).

Foi exatamente a partir deste último grupo de pesquisadores, apoiados na base teórico-conceitual da fenomenologia existencialista, que se originou o campo autônomo denominado Geografia Humanista. É importante ressaltar, porém, que a Geografia Humanista, mesmo tendo uma base teórica fenomenológica, também recebeu contribuições de outros aportes filosóficos como idealismo, pragmatismo e existencialismo. Johnston (*apud* HOLZER, 1992 p.319-320) resumiu a distinção entre esses diferentes aportes filosóficos da seguinte maneira:

> O idealismo considera que toda a realidade é uma construção mental, e o mundo só existe a partir da representação do indivíduo. O pragmatismo acredita que as ações são estruturadas a partir da interpretação subjetiva do mundo. A fenomenologia à investigação e descrição do fenômeno como experiência consciente, feita sem preconceitos ou pressuposições. O

[2] Como ciência, a semiologia se ocupa com o estudo de todos os sistemas de signos (imagens, gestos, ritos, costumes) e todos os sistemas de comunicações existentes na sociedade. **Fonte:**https://semiologiamedica.ufop.br/sobre-semiologia

[3] Embora a fenomenologia venha sendo utilizada como suporte filosófico da corrente de pensamento humanista a partir da década de 1970, na Geografia ela foi primeiramente empregada por Sauer (1925). Para ele, "toda ciência pode ser encarada como fenomenologia, o termo 'ciência' sendo utilizado no sentido de processo organizado de aquisição de conhecimento em lugar do significado restrito e corrente de um corpo unificado de leis físicas" (apud CORRÊA; RODENDHAL, 1998, p.13).

> existencialismo vê a realidade como criação das ações livres do indivíduo. (JOHNSTON *apud* HOLZER, 1992 p. 319-320)

Foi a partir da fenomenologia existencialista, que a Geografia Humanista se colocou como uma alternativa à ciência espacial positivista. Ao negar a existência de um mundo objetivo, os humanistas também contestam a própria validez dos métodos positivistas que buscam a compreensão daquela objetividade. A perspectiva humanista, ao contrário, prioriza a subjetividade do mundo, preocupando-se com a experiência, o pensamento, e a intencionalidade humana, adquirindo, assim, uma visão antropocêntrica que se opõe à clássica separação entre sujeito/objeto da ciência positivista tradicional e ao cientificismo (HOLZER, 1992, p.189).

Mello, 1991 p.29, sintetizou o movimento humanista como aquele que:

> [...] resgata o homem e o trata com todos os seus atributos, situando-o no centro de todas as coisas, como produtor e produto de seu próprio mundo e assim estuda o(s) mundo(s) habitado(s), logo experienciado(s) por homens e não um mundo hipotético. Desta maneira, busca tomar consciência da própria existência de cada um, em relação ao mundo, discordando da sistematização do pensamento humano e a tendência em reduzir o mundo a leis, rejeitando testes hipotéticos, teorias desenvolvimentistas, medidas e técnicas de laboratório. MELO (1991, p.29)

Para Ana Buttimer (1982, p.169), “os procedimentos científicos convencionais nunca são autoconscientes, originam-se de uma ‘atitude naturalística’ que observa, classifica e ‘explica’ os fenômenos dentro de uma estrutura de postulados *a priori*”. Entre os geógrafos que defendem a abordagem humanista fundamentada na fenomenologia, Mercer e Powell (*apud* JOHNSTON, 1986, p.213) alertaram para o “perigo muito real do pesquisador, pressupor que conceito organizado de maneira cognitiva em sua própria mente ‘existem’ organizado de forma igualmente clara nas mentes de seus interlocutores”. Outros, como Tuan, atentaram para o fato de que a perspectiva humanista procurar romper o confinamento dos cientistas presos a estruturas conceituais pré-determinadas, revelando, assim, todo um conjunto de materiais que os próprios pesquisadores podem não estar conscientes. Estes materiais incluem:

> [...] a natureza e a gama de experiência e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambiguidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas (TUAN, 1982, p.159-160).

Relph (*apud* HOLZER, 1992, p.188) também destacou a distinção entre o método fenomenológico e o método científico, enfatizando que:

> Enquanto o primeiro “é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções”, o segundo “é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias”. (RELPH *apud* HOLZER, 1992 p. 188)

Portanto, o método de análise positivista é rejeitado precisamente, pois separa o observador daquilo que ele está estudando, ou seja, separa o sujeito do objeto. O método fenomenológico, ao contrário, “contrapõe-se às observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto e nem pelo sujeito” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.22). O interesse da fenomenologia se encontra na experiência, definida por Tuan (*apud* HOLZER, 1992, p.219) como “a totalidade de meios pelos quais nós chegamos à compreensão do mundo: nós conhecemos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção”.

Diante disso, destaca Tuan (1982, p.146), que este é um dos pontos cruciais que distingue as abordagens científicas, que tendem a “minimizar o papel da conscientização e do conhecimento humano”, das abordagens humanistas, que procuram “entender a qualidade da conscientização humana por meio das atividades e dos fenômenos geográficos”. Para os geógrafos humanistas, o mundo objetivo não existe, pois, todo o conhecimento do mundo resulta dos significados que cada indivíduo atribui ao mundo. Em vista desses pressupostos teóricos, o mundo vivido e a experiência humana se apresentam como uma metodologia alternativa tanto para o teste de hipóteses, quanto para a construção de teorias não-positivistas (RELPH *apud* JOHNSTON, 1986, p. 211). Ainda sobre o caráter da investigação fenomenológica, Christofoletti (1982, p.22) assim escreveu:

> A fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científicas, naturalistas e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. (RELPH *apud* JOHNSTON, 1986, p.211)

Ao se referir à distinção entre a razão positivista e a razão fenomenológica, Holzer (1997, p.78) assinalou que, enquanto a primeira “baseia-se na dúvida metódica e atribui apenas às ciências naturais o que é racional, objetivo e científico”, a segunda “se refere à existência humana, independente de que possa ser expressa em categorias de quantidade”. Ainda de acordo com Holzer (1997, p.78):

> [...] enquanto a filosofia cartesiana e positivista produz a matematização da natureza e a consequente ruptura entre o mundo da vida e o mundo da

> ciência, a fenomenologia procura reaproximar a ciência da vida, a partir de nossas experiências e percepções que temos do mundo. (HOLZER, 1997 p. 78)

Logo, a investigação geográfica, pautada sob a perspectiva humanista, não se limita apenas em analisar os fatores materiais da sociedade, mas, sobretudo, as coisas que existem no pensamento. Para Roberto Lobato Corrêa (1995, p.30):

> A Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal, e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 1995 p. 30)

Ao estimar o estudo da subjetividade humana, a perspectiva humanista volta-se para a compreensão do mundo vivido aferindo um significado especial às categorias de espaço e lugar.

Distintamente da abordagem positivista, que usa o conceito de espaço newtoniano tido como receptáculo para os eventos e objetos físicos do mundo (BUTTIMER *apud* HOLZER, 1992, p.239), a fenomenologia considera o espaço como um contexto experienciado que apresenta certa espessura, na qual a integração espacial se faz, mais pela dimensão afetiva do que pela métrica (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.23). Do mesmo modo, as noções de perto e longe estão mais associadas à afetividade do que à proximidade física, pois, muitas vezes, as pessoas estão mais ligadas afetivamente com lugares distantes do que aos lugares mais próximos fisicamente.

Em vista disto, o lugar obtém reconhecimento de sentido próprio para a Geografia Humanista. Os geógrafos humanistas não consideram o lugar como uma localidade qualquer, mas sim aquele lugar onde o indivíduo se encontra ambientado e que possui um significado para ele. (MARTINEZ, 2003 p. 76). Assim, Tuan (1980, p.106) utilizou o termo *topofilia* para expressar essa noção de lugar, definindo-a em sentido amplo como “os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material”.

Dessa forma, o lugar é construído pela experiência de cada indivíduo, tendo outras dimensões que o da objetividade, como tristeza, alegria, solidão, nostalgia, etc., decorrentes da percepção que se estabelece com o meio (SILVA *apud* MARTINEZ, 2003 p. 76).

A abordagem humanista, calcada no aporte filosófico da fenomenologia, como vimos, tem despertado o interesse de boa parte dos geógrafos

contemporâneos, sobretudo nas últimas décadas. Independente das críticas que essa corrente de pensamento tem recebido, principalmente de geógrafos marxistas, que a consideram conservadora e alienada (ANDRADE, 1987 p.115).

A abordagem humanista vem alcançando uma grande ascensão, tendo uma contribuição indiscutível para a evolução do pensamento geográfico. Entre essas contribuições podem-se destacar: O levantamento de questões filosóficas que ascenderam a discussão epistemológica na Geografia; a reabilitação de categorias de análise como a de lugar e espaço; a aproximação com outros campos do conhecimento como a psicologia e antropologia; e a abertura de uma discussão que tem levado à revisão teórica sobre a relação homem/ambiente (HOLZER, 1992, p.320).

A latente influência do humanismo, nas Ciências Sociais, durante os últimos anos, aflorou uma enorme diversidade de concepções que são marcantes na história do pensamento geográfico. Muitos estudiosos seguiram esta orientação metodológica como traz Gomes:

> [...] invocam autores diferentes, tentando obter deles novas vias para o conhecimento geográfico. Encontram-se aí, tanto marxistas como L. Althusser, G. Poulantzas, ou ainda, K. Marx e F. Engels, quantos sociólogos e filósofos, como J. P. Sartre, M. Ponty, G. Bachelard, J. Habermas, M. Weber, C. Geertz, A. Giddens, ou ainda, fenomenologistas, como E. Husserl, M. Heidegger e K. Jasper, e até mesmo literatos, como Shakespeare, Goethe e Hesse. (GOMES, 2007, p. 304).

Dessa maneira, Paulo César da Costa Gomes aborda algumas das características principais do Humanismo, que foram retomadas pela Geografia:

> A primeira diz respeito à visão antropocêntrica do saber. A segunda característica é a adoção de uma posição epistemológica holística. O Humanismo refutou vigorosamente o procedimento analítico, acusado de perder a riqueza do todo, limitando-se à análise das partes. O terceiro ponto importante para os humanistas refere-se à consideração do homem como produtor de cultura. A cultura, no sentido de atribuição de valores às coisas que nos cercam. Assim, esta cultura só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram. O quarto ponto relaciona-se ao método. Se o método lógico e analítico trabalha com abstrações artificiais, somente um procedimento que leva em conta os contextos próprios e específicos a cada fenômeno pode ser considerado como eficiente. Esse método chama-se hermenêutica. O quinto ponto diz respeito à relação entre a ciência e a arte. “Para chegar a uma verdadeira interpretação das culturas, em sua inscrição espacial, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social”. (GOMES, 2007, p. 314).

Em razão disto, a Fenomenologia, na Geografia Humana, “[...] diz respeito ao que Kirk denominou de ambiente dos fenômenos”. O conteúdo daquele ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um de seus elementos é o resultado de um ato

de intencionalidade. Acrescentou ainda esse autor, “que o seu significado é atribuído pelo indivíduo, sem o qual ele não existe, mas com o qual ele influencia o comportamento” (JOHNSTON, 1986, p. 211). Logo, a Fenomenologia vai estudar como tais significados são definidos.

Conforme os estudos de Roberto Lobato Corrêa (2003) foi em meados da década de 1970 que surge a Geografia Humanista e Cultural que se apresenta como mais uma crítica à Geografia lógico-positivista, calcada nas filosofias do significado como a fenomenologia e o existencialismo.

Nesta corrente de pensamento, o pesquisador observa como os indivíduos estruturam o ambiente de um modo inteiramente subjetivo; o pesquisador deve agir sem pressuposições ou julgamentos, não usando nenhuma de suas próprias ideias ao procurar compreender seu objeto de estudo.

É importante perceber também que nessa corrente de conhecimento, o conceito de paisagem e de região foram revalorizados, e o conceito de território tem na Geografia Humanista, uma de suas matrizes. O lugar se tornou o conceito-chave mais relevante, e o espaço adquiriu para muitos autores, o significado de espaço vivido.

Em vista disto, nesta corrente do pensamento os conceitos de paisagem, região e território são bem apreciados e sua principal característica é a valorização da subjetividade do homem, levando em consideração a experiência vivida para o conceito de lugar.

É de conhecimento geral, que no transcursar do aperfeiçoamento do campo do conhecimento da Ciência Geográfica, a Geografia, se mostrou como um campo do conhecimento que buscou e busca continuamente a compreensão do mundo e suas contradições, no centro das relações sociais, na apropriação e uso do ambiente.

Em vista dos pressupostos acerca de estudos relacionados à Geografia humanista e cultural e sua arquitetação como ciência, como traz os estudiosos humanistas culturais, esta, busca compreender as relações socioespaciais. Logo, o presente trabalho de dissertação de mestrado inicia-se com a apresentação da construção da Geografia Humanista ao longo da história e do tempo, seguindo para a fenomenologia como aporte teórico-metodológico dentro dessa perspectiva de estudo.

Neste sentido, Corrêa (2003) chamou a atenção para o pensamento de Yi-Fu Tuan, no que se refere ao estudo do espaço "[...] no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência" (CORRÊA, 2003, p. 30).

Tuan argumentou ainda que "[...] existem vários tipos de espaços, um espaço pessoal, outro grupal, onde é vivida a experiência do outro, e o espaço mítico-conceitual que, ainda que ligado à experiência, extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas" (CORRÊA, 2003, p. 30).

Tuan tratou ainda do espaço sagrado como sendo, "[...] o *lócus* de uma hierofania, isto é, uma manifestação do sagrado" (CORRÊA, 2003, p. 31). Esse autor destacou outro estudo que também tratou do espaço sagrado: o de Rosendhal em 1994, que definiu "o espaço sagrado como o "ponto fixo", lugar da hierofania, e o entorno; envolvendo o espaço sagrado aparecem, respectivamente, os espaços profanos direta e indiretamente vinculados: todos configuram o espaço da pequena vila" (CORRÊA, 2003, p. 31).

A temática do espaço vivido está particularmente vinculada à Geografia francesa e tem suas raízes, sobretudo na tradição vidaliana. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismos que vão traduzir. Em relação ao conceito de espaço vivido, o estudo de Gallais (*apud* CORRÊA, 2003) reiterou que é de fundamental importância, pois a partir do conceito de distância o autor colocou em evidência aspectos importantes sobre o espaço vivido nas sociedades primitivas tropicais.

Gallais (*apud* CORRÊA, 2003) afirmou que "nas sociedades industriais o espaço vivido está assentado sobre uma cadeia relativamente neutra de unidades quilométricas geradora de uma concepção homogênea de distância objetivada por custo ou tempo" (CORRÊA, 2003, p. 32). Tal homogeneidade reflete certa identidade cultural, que inclui uma linha regular e monótona de contagem tanto do espaço, como do tempo, além da eficiência da técnica que elimina certas especificidades do meio.

Conforme Corrêa (2003), nas sociedades tropicais primitivas, o espaço e o tempo, são concebidos descontinuamente, com bloqueios ou cortes brutais. O espaço vivido é fragmentado em função do pertencimento ao mesmo povoado,

linhagem, tribo, grupo etnolinguístico, casta ou área cultural, que fornecem referenciais básicos para o cotidiano em sua dimensão espacial.

A Filosofia Fenomenológica propõe um verdadeiro conhecimento a partir de uma experiência originária pelo viés da redução fenomenológica, que procura o essencial na experiência particular. O meio utilizado nesta perspectiva é a descrição minuciosa, despojada de todo preconceito. Este procedimento, que consiste em afastar todos os pressupostos, deve afastar também os conceitos e as categorias universais como aquelas citadas por Tuan, as quais estão em total contradição com os preceitos de base da Fenomenologia clássica.

A Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real.

Na Fenomenologia, entende-se que não há um mundo objetivo separado da existência do homem. É nesse mundo objetivo, aliado à existência do homem, que o conhecimento se desenvolve. Todo conhecimento resulta do mundo da experiência por isso, não pode ser independente daquele mundo.

Nessa corrente de pensamento, o geógrafo vai estudar como os indivíduos estruturam o ambiente de um modo inteiramente subjetivo; o pesquisador deve agir sem pressuposições ou julgamentos, não usando nenhuma de suas próprias ideias, ao procurar compreender seu objeto de estudo. Dentro desse propósito, o conceito de paisagem foi revalorizado, assim como a região, e o conceito de território tem na Geografia Humanista uma de suas matrizes. O lugar se tornou o conceito-chave mais relevante, e o espaço adquiriu para muitos autores, o significado de espaço vivido.

Com base nos teóricos que estudamos até agora, a contextualização histórica da Geografia Humanista está apoiada em pressupostos da Fenomenologia que envolve os seguintes aspectos, segundo Corrêa:

> [...] Subjetividade, intuição, sentimentos, experiência no simbolismo e na contingência; privilegia o singular e não o particular, e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de do mundo real. A partir do início dos anos setenta do século XX, com a publicação dos trabalhos de Edward Relph e de Yi-Fu Tuan, a aplicação dos conceitos da Fenomenologia à Geografia se manifestou com clareza. Tuan entendeu que a Fenomenologia possibilitou restabelecer o contato entre o mundo e as significações por ter a verdadeira medida da subjetividade, pois conhecer o mundo é conhecer a si mesmo. (CORRÊA, 1995 p. 30)

Diante disso, entende-se que não há um mundo objetivo fora da existência do ser humano. Afinal, é neste mundo objetivo, aliado à existência desse sujeito universal, que o conhecimento é desenvolvido e consolidado.

1.1. O método Fenomenológico e a Geografia: Contribuições teórico-metodológica na Geografia

A fenomenologia, o existencialismo e outros aportes filosóficos serviram em distintos momentos como base fundamental à formação epistemológica humanista na geografia. O intuito na presente pesquisa de dissertação, não é nos aprofundarmos sobre a fenomenologia, nem esgotar a temática, por estarmos cientes de não sermos filósofos e sim geógrafos. Em vista desse pressuposto, cabe a contribuição da fenomenologia em relação à temática escolhida em nossos estudos, e que, *a priori* coube discorrermos sobre alguns conceitos, métodos, e autores que trabalharam o método fenomenológico. Dentre os geógrafos que abordaram e abordam a fenomenologia, enquanto aportes teóricos à Geografia têm a contribuição de Buttimer.

A autora citada diz que “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência a tornar-se sujeito, mais do que objeto de pesquisa, e, então, procurar por denominador comum na experiência dos outros.” (BUTTIMER *apud* NOGUEIRA, 2004 p. 212). Dessa maneira, a geografia fenomenológica expande sua visão, deixando de restringir apenas ao mundo físico e humano, passando a considerar a existência do mundo vivido, ou melhor, do espaço vivido.

Em conformidade a esta junção entre a fenomenologia e a geografia, a fenomenologia enquanto método de pesquisa contribui com um novo olhar em relação ao objeto de estudo geográfico e ao sujeito, que experiencia ou vivencia os fenômenos, trazendo um diálogo entre a pessoa e o lugar, incluindo-a em um contexto sociocultural e fazendo-a vivenciar o mundo vivido. Buscando encontrar uma discussão, seja no âmbito da geografia cultural, humanista ou na percepção geográfica. Traz-se como arguição acerca deste assunto, Merleau-Ponty que, embora, seja filósofo, deixou sua contribuição à geografia, quando corrobora acerca do mundo vivido.

Merleau-Ponty, afirma que “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, ou ao qual, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente

com ele, mas não a possuo. O mundo é aquilo que percebemos" (MERLEAU-PONTY, 1999 p.14). Compreendemos que é utilizada a expressão "mundo vivido" na filosofia, na geografia, esse "mundo vivido", vem como a representação do "lugar". Para Ponty, este, entende a fenomenologia como estudo das essências, da percepção e da consciência.

Quanto às análises e estudos da fenomenologia à geografia, destacam as de Relph:

> [...] o método fenomenológico é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções, ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional do desenvolvimento de hipóteses e técnicas prévias. (RELPH *apud* HOLZER, 1992 p. 188).

Para Wether Holzer, esse método descreve as essências da estrutura perceptiva, não aceitando o mecanismo da ciência, e passando a valorizar a experiência e a intencionalidade humana, ou melhor, como esse ser se relaciona com o mundo, contrapondo-se à visão cartesiana do mundo.

Debates foram produzidos em torno de quem teria sido o precursor na discussão fenomenológica, se espalhou essa questão por diversos lugares, conforme Santos:

> [...] o próprio Sauer teria feito um ensaio sobre a abordagem de uma fenomenologia da paisagem, com a geografia cultural, mas coube a Dardel ser o grande pioneiro do caminho da fenomenologia para a geografia. No ano de 1952, Eric Dardel publicou *Le home et al terre-naturale de La réalite geographique* (O homem e a terra natural da realidade geográfica); porém, foi com Relph que esses estudos foram perscrutados. (SANTOS, 2011 p. 22).

A atitude de conceber o lugar e a valorizar as diversas percepções do homem apresenta-nos um olhar daquele que o vivencia e não apenas daquele que fala sobre o fenômeno apresentado na pesquisa. É de suma relevância ressaltar como suporte à reflexão feita por Nogueira, 2014, em relação a essa análise:

> O homem, com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis, dele foi pensado pela geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que essas interpretações, que levam em conta o sujeito enquanto indivíduo seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e a ciência não interessaria. Retornou-se então, à discussão mais racional onde o homem foi tratado enquanto população, povo, classe, recursos humanos. (NOGUEIRA, 2014 p.32)

Eric Dardel foi um dos grandes críticos, assim como os fenomenológicos clássicos que rebatiam a materialização da ciência, à naturalização dos fenômenos

humanos, e, enquanto geógrafo, salientou sobre o mosaico espacial: O espaço tem vida, tem cor, têm essência. Como podemos ver a seguir, para Dardel:

> "O espaço não é uma realidade subsistente: ele se subtrai lá onde o homem não pode segui-lo. Não é o homem que faz uma ideia do espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar. A terra não é somente origem, ela é presença. " (DARDEL, 2011 p.51)

Por anos, a obra de Dardel foi desprezada pelos geógrafos, aconteceram várias tentativas de inclusão do pensamento deste autor nas pesquisas geográficas, mas coube a Relph, Tuan e Guelke valorizarem os estudos de Dardel. Assim, a principal obra que fundamenta o método fenomenológico pela geografia, foi defendida por Relph em sua tese titulada *The Phenomenon of place* (O fenômeno do Espaço). (SANTOS, 2011 p. 23)

O questionar, sobre o que competiria ao geógrafo estudar, tendo como base a fenomenologia, que detêm do método fenomenológico para explicação do mundo vivido, à força que une **o ser** e o **conhecer**, como traz o significado de "Lebenswelt" (vida diária). Como traz Buttimer acerca de "Lebenswelt" (1976):

> Na transposição conceitual para a geografia, cabe ao geógrafo tomar consciência do "Lebenswelt", o que implica no contato direto com sua experiência do mundo, na apreciação da autonomia de outros mundos vividos, e no engajamento em um diálogo aberto e respeitoso com ele. O trabalho do geógrafo, então é o de explorar o lugar, como fenômeno geográfico, a partir do mundo vivido. (BUTTIMER (1976) *apud* HOLZER, 1992)

A fenomenologia é um aporte importante nas análises geográficas, mas a percepção vem contribuir como complementação e aprofundamento nesse estudo, já que é o ponto de partida, para alcançar a essência. É importante salientar que as categorias lugar e espaço, tornam-se elementos de interesses de análises nos estudos de Relph, o qual estabelece seis tipos de espaços existenciais ou vividos.

A abordagem cultural e o significado geográfico de cultura, como aporte teórico, devem ser destacados nessa pesquisa. Ambos são abordados por Paul Claval como:

> A experiência do espaço é feita por meio dos sentimentos humanos, as geografias vividas dependem da visão, da audição, do olfato, do gosto e do sentido do tocar, e variam em função da mobilidade e da força de quem as vivencia. (CLAVAL, 2001 p.62)

O objetivo da Geografia Pós-Moderna é compreender o sentido e o significado que as pessoas dão a essas experiências. Conforme os dizeres de Claval, os geógrafos passaram a avançar, a entender a diversidade real dessa

vivência de mundo, e descobriram a fecundidade do tema das imaginações geográficas, retomando às expressões de Derek Gregory[4], isto se deve à contribuição da geografia cultural como forma de valorização das culturas diferenciadas dos lugares, como questiona Claval: Por que os lugares diferem? Este responde ao dizer que é: “Porque os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não o percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e, em função dos mesmos critérios. ” (CLAVAL, 2001 p. 40). Aqui o autor citado, esclarece que cada pessoa percebe o lugar a partir de sua experiência individual, logo, forma a sua própria visão de mundo.

Este estudo de cunho humano culturalista da geografia, aproxima o homem do seu lugar, do seu espaço, do seu ambiente, apresentando assim um universo rico em informações que contribuem em distintos estudos da área do conhecimento, sejam elas, especificamente culturalistas, humanistas ou fenomenológicas.

A proposta da nossa pesquisa dissertativa é reconhecer nessas “geografias’, possibilidades de discussão, que possamos resgatar a contribuição de grandes teóricos geógrafos ou filósofos, que por muitas décadas, foram esquecidos, como o renomado Eric Dardel, dentre outros autores estudiosos da temática escolhida que contribuirão para a fundamentação da nossa redação final.

1.2. A categoria Lugar e a Geograficidade fenomenológica

Conforme os estudos de Holzer, o conceito da categoria “lugar’, inicia com Carl Sauer, através do estudo da paisagem na geografia (1925), perpassa por Eric Dardel (1952) até chegar a autores como Tuan, Buttimer, Relph (1976). A construção conceitual de “lugar”, assim como outros aportes teóricos e metodológicos da ciência geográfica, tivera suas abordagens transformadas ao longo das décadas, principalmente no campo da geografia cultural, e posteriormente na geografia humanística.

Ainda de acordo com Wether Holzer, (2003 p. 113) “lugar, conceito espacial que por muito tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido

[4]**Derek Gregory:** Geógrafo Britânico, nasceu em 1951 na Grã-Bretanha, atualmente é Professor de Geografia na University of British Columbia em Vancouver, Pós-Graduado em Geografia Histórica. **Referência Eletrônica:** Verónica Hollman, «**Derek Gregory»,** Terra Brasilis [En línea], 10 | 2018, Publicado em 26 dezembros 2018, consultado em 05 dezembros 2022. URL:http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2644;DOI:https:// doi.org/10.4000/terrabrasilis.2644

locacional de um determinado sítio.” Sobre este conceito positivista, não se está desmerecendo a importância da ciência positivista na geografia humanista, mas sim, ressaltando a contribuição da nova discussão desenvolvida principalmente da escola Americana, que resgatam obras de teóricos como Eric Dardel.

Por desprezar a riqueza material representada pelas experiências do mundo vivido, bem como as concepções que derivam dessas vivências, “a geografia trilhou um longo caminho até introduzir o homem como ser pensante em suas pesquisas” (MELLO, 1991, p.1).

Em vista disso, nos dizeres de Tuan *apud* Fernandes, 2010 p. 78:

> A movimentação humanista tem como foco o homem e o trata ou o estuda a partir de seus significados, valores, objetivos, dilemas e ações em oposição ao enfoque abstrato, mecanicista e determinista dos paradigmas anteriores. A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanísticos a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo vivido. Essa perspectiva, ao defender a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, propõe uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982; 1983 *apud* FERNANDES, 2014 p, 78).

A partir dos esboços mencionados anteriormente, surgem com grande relevância para esta tendência geográfica. No lugar o indivíduo se encontra ambientado e integrado. Tal expressão conceitual compõe este mundo pleno de sentimentos e afeições, um centro de significância ou um foco de ação emocional do homem. O lugar não é o todo, ou qualquer localidade, mas aquele que exprime afetividade e valores para o indivíduo ou a sua coletividade (CHRISTOFOLETTI, 1982).

Quanto aos mapas mentais, ainda, Nogueira (1994 p. 38) afirma que foram entendidos como “representação do mundo real, do mundo vivido.” Esse mundo real, a qual a autora define, está relacionado à própria vivência do morador em relação ao lugar e da forma que ele o concebe e o percebe em seu imaginário mental conforme a sua realidade, passando a entender o próprio sentido de o seu próprio ser.

Como a experiência é sempre a vivência de alguma coisa, todas as experiências diretas de seres humanos são experiências em e de seu mundo vivido, elas o constituem, são dirigidas a ele, são nele testadas e vivenciadas. O universo vivido é simplesmente todo o conjunto das experiências cotidianas, direções e

ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses. De acordo com a filosofia fenomenológica, cada indivíduo constrói o seu próprio mundo. Em razão disto, subjetivamente, duas pessoas jamais poderiam vivenciar a mesma situação da mesma forma (SCHUTZ, 1979). Neste particular, (Buttimer (1982) apud Schutz (1979) p. 167), assinala que:

> Os fenomenologistas têm sido os porta-vozes mais sistemáticos deste esforço. Desafiando muitas das premissas e dos procedimentos da ciência positivista, expuseram uma crítica radical do reducionismo, da racionalidade e da separação de "sujeitos" e "objetos" na pesquisa empírica. Com os existencialistas, apregoam o argumento da libertação da experiência vivida, apelando por descrições mais concretas do espaço e do tempo, e de seus significados na vida humana diária (SCHUTZ, 1979, p,167).

Por considerar como traço comum a inseparabilidade de sujeito-objeto, a fenomenologia estuda de maneira radical os fenômenos da consciência ou da experiência vivida, busca os fatos como são produzidos, interpretando a apreensão da essência e desta maneira investiga os atos e o entendimento sobre o mundo vivido. Neste contexto Mello esclarece que:

> O lugar surge como conceito-chave na geografia humanística advindo da noção fenomenológica de mundo vivido emocionalmente, modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambiguidades, envolvimentos, sonhos, desatinos, "canções que minha mãe me ensinou", base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento *topofóbico* (MELLO, 2005, p. 34).

Outro geógrafo que traz diferentes colocações em relação ao lugar é Yi-Fu Tuan, quando "trata o lugar como um dos conceitos que define a natureza da Geografia, sendo este apreendido a partir da experiência que se tem dele." O próprio Tuan em Nogueira, 2014, ressalta que:

> O lugar possui espírito, personalidade, existe um sentido do lugar, este sentido do lugar é dado pela experiência do corpo que através dos sentidos percebe cada lugar de forma diferente e com características específicas. Existe assim, um cheiro do lugar, um barulho do lugar, uma estética do lugar. O lugar é dado a partir da experiência de cada um, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes, o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele. Nesta experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mística com o lugar. (TUAN (1930), 1983 *apud* NOGUEIRA, 2014 p. 58)

Experienciar o lugar, é relacionar ao nosso próprio cotidiano, como cada um de nós reagimos a elementos constituintes dos cinco sentidos sensoriais, tais como os olfativos, como o cheiro, o paladar, que é o gosto, o tato, o sentir, tocar, e o ver, a visão de cada lugar. Assim, o lugar, deixa de ser caracterizado somente como unidade de localização de uma comunidade, ou de uma cidade, e passa a ter um

sentido mais existencialista, não que seja errado identificar ou localizar geograficamente o lugar, afinal, o mesmo compõe as cinco categorias da geografia. Mas, porque não se extrai a essência das pessoas em relação ao lugar.

O significado do termo Experienciar ou Experiência, de acordo com Tuan, 1930 é:

> Experienciar é vencer os perigos, “experiência” provém da mesma raiz latina “experimento”, “experto” e “perigoso”. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido é experimentar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido é experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo. Por que alguém se arrisca? O indivíduo é compelido a isso. Está apaixonado, e a paixão é um símbolo de força mental. (TUAN, 1983 p. 10)

Entende-se a partir de Tuan, que: “[...] todos os lugares são pequenos mundos [...].” Ou seja, lugares estes, que podem ser entendidos como “símbolos públicos” ou “campos de preocupação”, mas o poderio de “criação de lugares” depende segundo o mesmo autor, das “emoções humanas que vibram nos campos da preocupação”. (TUAN, 1983 p. 10).

Em vista disto, podemos concordar com os dizeres de Nogueira, 2014 p. 58 que “em todos os trabalhos e estudos de Tuan, vemos a retomada da geografia existencial, iniciada por Eric Dardel”.

Sob esta perspectiva, para Dardel (2011), a paisagem é compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre. Contudo, para além dessa construção suscinta, o autor aponta que isso implica em “muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão, que une todos os elementos” (Dardel, 2011, p. 30).

Cabral (2000 p. 34-45) observa que essa “ligação interna” que une os elementos da paisagem levantada por Dardel (2011) seria justamente a presença e o envolvimento do homem nela. A paisagem exprimiria, então, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo, porque representa a inserção do homem no mundo; é o “lugar do combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (Dardel, 2011, p. 32).

Em vista disso, para Dardel (2011) as relações humanas com espaços, paisagens e lugares recebem o nome de geograficidade: “[...] uma relação concreta

[que] liga o homem à Terra, [...] como modo de sua existência e de seu destino" (DARDEL, 2011 p. 1-2).

Ainda sob os estudos de Dardel (2011), "a geograficidade incluiria não só a relação física entre homem e seu ambiente, mas estaria também revestida de uma dimensão existencial, subjetiva". (DARDEL, 2011 p. 1-2) Conforme Cabral (2000), trata-se de "uma cumplicidade constante entre o homem e seu entorno". Cabral (2000, p. 41) aponta que "mais vivida do que expressa, a geograficidade é uma ideia que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes nos quais vivemos". Quando estas experiências do homem com seu entorno são positivas e agradáveis, são consideradas topofílicas; no entanto, quando são negativas, desagradáveis ou repulsivas, são experiências topofóbicas. Topofilia e topofobia são, então, conceitos associados ao caráter do ambiente e aos valores e atitudes daqueles que o experienciam (Tuan, 1980).

Para Tuan (1980), geógrafo que popularizou o conceito, a topofilia "é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 1980 p. 5), "útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material" (TUAN, 1980 p. 107). Relph (1979) detalha um pouco mais o termo:

> Topofilia é um sentimento direcionado para o lar, para o que é confortável, detalhado, diverso e ambíguo sem confusão e tensão; envolve experiências estáticas dos lugares naturais e construídos pelo homem e os apelos mais persistentes e persuasivos de ambientes atrativos, como litorais e paisagens centrais. Em resumo, topofilia inclui qualquer coisa dos ambientes que nos faça senti-los como estar nos relaxando ou estimulando, e tudo o que nas nossas atitudes ou costumes nos capacite a experenciar locais como dando-nos prazer (RELPH, 1979 p. 19).

Quanto a topofobia, esta é definida a partir da topofilia, sendo um contraponto dessa: "o elo afetivo com o meio engendra não só afeição, mas também desprezo" (Tuan, 1980, p. 114), "experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão" (Relph, 1979, p. 20).

Tuan (1980) aponta que o elo afetivo com o lugar é entendido aqui como dueto inseparável topofilia/topofobia (Guimarães, 2002) - não é, naturalmente, a emoção humana mais forte: no entanto, quando ela se manifesta, é sinal que um determinado lugar ou paisagem é o lócus de "acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo" (GUIMARÃES, 2002 p. 107).

Criando assim, uma relação sentimental do sujeito com aquele espaço. Ou seja, a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos (Tuan, 1980), quando o elo afetivo do homem com o meio é estabelecido e a paisagem se transforma, de fato, em "paisagem vivida" (e não apenas contemplada). Dessa forma, assimilar uma paisagem é importante para além da apreciação estética: a paisagem somente se revela em sua profundidade quando o sujeito que a experiencia tem consciência do contexto histórico, social e cultural que o enreda. (SIFFERT, 2022 p. 09).

Guimarães (2002) aponta que, embora sejam antagônicos entre si, os conceitos de topofilia e topofobia não são mutuamente excludentes, podendo-se verificar a existência desses dois sentimentos vinculados a uma mesma paisagem, seja por parte de uma só pessoa ou de sujeitos participantes de grupos sociais distintos. Esse apontamento corrobora com a conceituação de paisagem desenvolvida, especialmente, por Cosgrove (1989): socialmente construída e essencialmente simbólica, ela contém vários níveis mútuos de significação, a depender de quem a vive e interpreta. Nesse sentido, topofilia e topofobia podem ser instigadas pelos símbolos, imagens, sentimentos e expressões concretizados na paisagem. Guimarães (2002) sumariza que:

> Esta simultaneidade da topofilia/topofobia respectiva à natureza da experiência ambiental destes diversos grupos está firmada em suas especificidades culturais, na interpenetração dos níveis subjetivo e objetivo da experiência e da percepção e cognição relativos à paisagem vivida. [...] Para muitos destes grupos, os sentimentos topofílicos estruturam-se, mesclados aos sentimentos topofóbicos, inconscientemente, emergindo de maneira espontânea em sensações e emoções agradáveis, responsáveis por uma intimidade física e emocional de intensa, mas suave afetividade: corpos e espíritos, ambientes e ambiências, povo e paisagens... (GUIMARÃES, 2002 p. 139).

Ao considerarmos essa "interpenetração dos níveis subjetivos e objetivo da experiência e da percepção", as relações topofílicas/topofóbicas do sujeito com a paisagem poderiam ser organizadas, então, em elementos-chave enumerados por Tuan (1980, p. 4): percepção, atitude, valor e visão de mundo. O Quadro 02 detalha a descrição desses quatro elementos.

Quadro 1: Conceitos-chave para o entendimento da Topofilia/Topofobia.

Termos	Descrição Conceitual
Percepção	É tanto resposta dos sentidos aos estímulos externos quanta atividade proposital. Pela percepção, certos fenômenos são claramente registrados pelo sujeito e outros permanecem obscurecidos, bloqueados.
Atitude	É primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Tem maior estabilidade que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, e de experiências. A percepção prescinde a atitude; age-se a partir daquilo que se percebe.
Valor	Difundido em características culturais e sociais do sujeito, diz respeito ao que é considerado de maior interesse por aquele que aprecia/vive/interpreta a paisagem.
Visão de Mundo	Trata-se da “experiência conceitualizada”. A visão de mundo é parcialmente pessoal e, em grande parte, social. É um sistema de atitudes e crenças bem estruturado – mesmo quando suas correlações pareçam arbitrárias – e se organiza sob uma perspectiva impessoal, objetiva.

Fonte: elaborado por: Dâmaris Braga, 2023 a partir de Tuan (1980, p. 4).

Ponderar esses quatro termos é relevante, pois as imagens de topofilia e topofobia são diretamente derivadas da realidade circundante, e da paisagem. As pessoas tendem a atentar para aspectos do ambiente que lhes inspiram maior interesse, e esse interesse é orientado por valores culturais específicos; nesse sentido, a vivência e interpretação da paisagem são diferentes para distintos sujeitos ou grupos sociais. Assim, as imagens topofílicas/topofóbicas extraídas da paisagem tendem a mudar à medida que os sujeitos e grupos sociais adquirem novos interesses, repertórios culturais. Daí, as facetas da paisagem "previamente negligenciadas são vistas agora com toda claridade" (Tuan, 1980, p. 137), transformando-se de acordo com as normas culturais vigentes em um determinado recorte do espaço e do tempo.

Portanto, entende-se que a geograficidade é a maneira de se relacionar com as coisas e as pessoas que nos cercam. É a extensão espacial da experiência humana que se desponta necessária desde o nascimento. São as respostas que oferecemos às nossas vivências. Sua complexidade e seu domínio tendem a se ampliar com o tempo. O tempo, por sua vez, constitui a referência a um decurso, o da nossa existência. Além do mais, o tempo diz respeito à ideia de identificação de passado, presente e futuro em relação a alguém, ou seja, ao sujeito geográfico. Assim sendo, para uma ampla e imersão compreensível do lugar vivido, percebido e concebido, percebemos que o cenário do Igarapé do Passarinho é de suma importância uma urgente discussão acerca dos principais conceitos que abordam a temática estudada, assuntos do próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O Lugar Vivido, Percebido e Concebido: O Igarapé do Passarinho

CAPÍTULO II – O LUGAR VIVIDO, PERCEBIDO E CONCEBIDO: O IGARAPÉ DO PASSARINHO

Na estrutura panorâmica que configura as representações do lugar vivido, percebido e concebido do nosso objeto de estudo, temos o Igarapé do Passarinho sob o olhar dos estudantes do Ensino Médio. Neste segundo capítulo, e posteriormente prosseguiremos no terceiro capítulo trazendo os desenhos mentais destas representações do igarapé estudado. Pretende-se compreender, quais são as expressões e impressões de diferentes modos de pensar e, portanto, viver, perceber, imaginar e conceber as diversas circunstâncias paisagísticas do Igarapé do Passarinho dentro da percepção holística e cognitiva desses alunos das séries finais da Educação Básica. Imagens mentais, que podem ser visualizadas a partir de diferentes linguagens como a artística em suas distintas modalidades, seja através da escrita, da fala, ou desenhada.

Ao reportarmos a origem social e cultural da humanidade, conforme consta vários arquivos e documentários, sempre o ser humano buscou representar o seu espaço vivido. Com base neste pressuposto, tais representações esboçavam os entendimentos desiguais entre sociedades e sujeitos acerca dos espaços, lugares e territórios experienciados. Esses lugares vividos ou experienciados, foram construídos ou arquitetados a partir das dimensões do vivido, percebido, imaginado e concebido pelos sujeitos que fazem parte desses lugares.

Essa pesquisa nasce também, da vontade por atividades escolares que possibilitem o ensino de Geografia de forma prática e significativa. Esse mesmo anseio, ampara a elaboração desta escrita, que tem como propósito, corroborar com novas práticas no ensino de Geografia, e desafiar um ensino que desperte nos discentes a vontade de saber geografar pelos espaços cotidianos que se locomovem. Assim, o trabalho pedagógico e geográfico com as representações desses estudantes, e com as diferentes linguagens, dentre elas a cartografia livre, se faz necessária no ensino de geografia, pois essa é a área de conhecimento que poderá proporcionar ao estudante a elaboração de saberes sobre os lugares onde ele e outros sujeitos sociais e culturais vivem.

Diante deste pressuposto, acerca do espaço, território, lugar e paisagem; percebidos, vividos e concebidos relacionados sob a perspectiva do mundo

individual, único dos sujeitos que fazem parte das interações sociais da composição socioambiental, temos o Igarapé do Passarinho analisado, que é considerado um canal fluvial intraurbano e que configura a composição paisagística e panorâmica da sede metropolitana do Estado do Amazonas, nesse caso, a Cidade de Manaus, especificamente na Zona Norte da metrópole urbana.

Sendo um afluente que compõe a Bacia hidrográfica do Tarumã-Açu e inicia no bairro Nova Cidade Zona Norte e se estende em direção à Zona Oeste desaguando até a sua foz, na confluência com o Igarapé da Bolívia, no bairro União da Vitória. (SOUZA, 2014 p. 14)

Em vista disso, ao longo dos subtítulos que compõe esse segundo capítulo será transcorrida suscintamente a trajetória histórica do lugar, sob a percepção dos alunos do Ensino Médio de uma escola pública de tempo integral. Traremos conceitos e definições acerca das diferentes percepções captadas pelos estudantes em seus mapas mentais. E por fim, os conceitos que transpõe o caráter intrínseco de nossa pesquisa científica que são os conceitos de *topofilias* e *topofobias.* Ambos os termos estudados pelo Geógrafo Sino-Americano Yi-Fu Tuan, definições estas que estão associados ao caráter sensitivo do ambiente estudado, pesquisado e os valores e atitudes dos discentes que o experienciam diariamente. (TUAN, 1980)

Portanto, em suma, a construção de conhecimentos escolares, inclusive os geográficos, envolve a criação de significado e significância sobre a realidade vivida, muito, e, ou um pouco diferentes, daqueles que comumente fora construído ao longo de nossa existência, e, “pensarmos fora da caixinha”, poderá nos despertar saberes que nunca antes foram percebidos, concebidos e apreendidos acerca do mundo ao nosso redor.

2.1. Transcrição Histórica do Lugar: O Igarapé do Passarinho visto do lado de lá!

Os documentários, blogs de historiadores amazonenses; tais como Antônio Loureiro, artigos científicos e as redações escritas pelos estudantes do Ensino Médio, nos trouxe um arcabouço fidedigno para transcrevermos um pouco acerca da história do Igarapé do Passarinho, o antes e a pós-poluição hídrica, conforme os relatos de estudantes e pais que moram e residiram em seu entorno.

Além disso, como corrobora (LOUREIRO, 2023 e SOUZA, 2014) quanto à composição hídrica do Igarapé do Passarinho é proveniente de uma “cachoeira” denominada e conhecida há tempos atrás de “Cachoeira do Passarinho” que sobrepõe o cenário do igarapé do Passarinho, afluente do rio Tarumã-Açu, e com o passar dos anos, passou a ser conhecida como sendo a Cachoeira do Tarumã Grande ou Cachoeira Baixa do Tarumã, em contraposição à cachoeira Alta do Tarumã, na realidade do Igarapé das Antas, mais adiante, na estrada. Há tempos pretéritos, foi um lugar paradisíaco, florestas pitorescas, rio caudaloso, limpo, paisagem *in natura,* podemos até dizer que era um paraíso na terra, como nos mostra a foto da segunda metade da década de 1920, provavelmente no momento da inauguração de um ponto turístico da cidade, ali localizado.

Figura 2: O igarapé do Passarinho, na década de 1920. Hoje poluído (Capa de revista da Associação Comercial do Amazonas*).*

Fonte:https://franciscogomesdasilva.com.br/historias-esquecidas-36

Essa foto foi publicada na capa da Revista da Associação Comercial do Amazonas, mostrando dezenas de pessoas em trajes de passeio da época, tendo ao fundo a floresta e a bela cachoeira do passarinho, em época intermediária de vazante, pois na enchente, ela desaparecia. Também só se chegava lá, quando a estreita estrada então recentemente inaugurada estava transitável, no tempo sem chuvas de agosto e setembro.

Por muito tempo, foi um bom local de atividades ao ar livre, piqueniques, mas não bem frequentado pelas famílias, que preferiam o Parque 10 ou os banhos particulares, por ser distante, sendo mais apropriado para as farras e bebedeiras, além do perigo da correnteza e das pedras. Sua beleza foi cantada em prosa, verso e música, enquanto no seu estado natural. Depois a área ocupada irregularmente por pessoas, dezenas de bares, restaurantes, dancings e motéis de terceira categoria, sob o consentimento de muitos. (LOUREIRO, 2023 e SOUZA, 2014)

A expansão da cidade ao longo das nascentes até a foz do Igarapé do Passarinho transformou-a em um esgoto ao céu aberto, sujo e fedorento, os destroços do progresso desordenado. O sítio urbano onde abrange o Igarapé do Passarinho, que perpassa pelo Conjunto Nova Cidade, Parque Eduardo Braga, Conjunto Galiléia, Monte das Oliveiras, Colônia Terra Nova I, II e III e Rio Piorini, em Manaus, no Estado do Amazonas. Conforme a definição de Cunha (2016):

> O Igarapé do Passarinho é um riacho formado por um pedaço do Rio Passarinho que passava no meio da floresta de Manaus. A quantidade de animais eram muito grandes e muitas pessoas usavam esse rio para lazer. No entorno desse riacho, ou canal fluvial, surgem os bairros Monte das Oliveiras e Nova Cidade. (Créditos: CMEI Jauary Guimarães de Souza Marinho).

O cenário onde se encontra hoje, o estado atual do Igarapé do Passarinho, é muito mais lembrado em uma época em que se podia tomar banho e nadar, como nos dizeres de Cunha (2016), podemos pensar em um cenário de um ecossistema natural não degradado, com uma vasta riqueza em biodiversidade nas quantidades de animais, vegetais etc., e o rio era utilizado como balneário, para lazer. Hoje o Igarapé do Passarinho traz uma paisagem caótica e fétida em comparação ao que foi, área de ocupação irregular em seu entorno, pois agora, não é tão arborizado. A ausência de árvores em todo o seu percurso hidrológico gera muito calor, a comunidade despeja lixos em excesso dentro do leito do canal fluvial. Quando está em períodos chuvosos, acontece o transbordamento do curso fluvial, devido ao acúmulo de resíduos sólidos e acúmulo de sedimentos em suas margens e dentro do leito hídrico.

Outros pontos negativos dentro desse cenário histórico do Igarapé do Passarinho que observamos, e os estudantes-moradores trouxeram em seus mapas mentais, e escreveram em suas redações, foram: O desmatamento exacerbado da margem do Igarapé, tipos de espécies vegetais do local, o nível de assoreamento do curso hídrico, tipos distintos de resíduos descartados no leito do mesmo, os tipos

de moradias que compõem este cenário urbano são construções em madeira, alvenaria, mista ou outro material, há uma diversidade de moradias conforme as condições financeiras dos moradores.

Afinal, ali a maior parte dos residentes são moradores de baixa renda, conforme estudos que fizemos alguns anos atrás por meio do Programa Ciência na Escola - PCE vivem com menos de um dólar por dia. Muitas das famílias recebem o auxílio do governo Federal, Estadual e Municipal; tais como: Bolsa Família, Leite do Meu Filho, Auxílio Alimentação, Auxílio Emergencial, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e do Auxílio Brasil.

O esforço apreendido neste trabalho dissertativo converge também para a investigação da relação homem-natureza, como estratégia para mudança de atitudes criarem pensamentos críticos, instigantes da realidade ambiental nos estudantes e moradores envolvidos no processo e na busca de identificar as demais pessoas de sua convivência e que são os responsáveis por essa destruição natural.

A etimologia do nome dado ao Igarapé do “Passarinho” consiste em ter sido o lugar habitado por uma grande diversidade de espécies de pássaros. Imaginem Bem-te-vis, Pica-Paus, Garças, Canários, araras e azulãos. Dentre várias espécies de árvores e arvoredos nas proximidades de um igarapé intraurbano, viviam essa população *in natura*. O Igarapé do Passarinho é uma área de preservação permanente pela lei governamental estatal, ou **APP (Área de Preservação Permanente)**, segundo o Novo Código Florestal Brasileiro, Lei nº 12.651/12, é área protegida, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, proteção do solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. A lei florestal determina que as áreas situadas perto de qualquer curso d’água têm como área de proteção permanente uma faixa que varia de acordo com o tamanho do curso fluvial.

O Igarapé do Passarinho tem uma vegetação situada em **APP (Área de Preservação Permanente)** deverá ser mantida pelo proprietário da área, pois a lei florestal determina que as áreas situadas perto de qualquer curso d’água têm com área de proteção permanente uma faixa que varia de acordo com o tamanho do curso hídrico. Apesar disso, o Igarapé degradado tornou-se um local de medo para os moradores, pois os índices de assaltos, acidentes de trânsito, usuários de drogas tem sido frequente. Além de enchentes e alagações que transbordam o nível da

normalidade a ponto de ocasionar inundações ou até mesmos casos sinistros de desastres naturais no local estudado.

Em suma, o Igarapé do Passarinho, é um lugar de aprender e morar. Muitas pessoas passaram a infância tendo uma paisagem composta por belas aves e ninhos. Para outros, hoje é um cenário de medo, pavor e violência urbana, assaltos a mão armada, mortes de animais, ou até mesmo de pessoas, resíduos sólidos, uma verdadeira lixeira à céu aberto. Mas para outros, uma grande riqueza natural que há tempos passados aprenderam a valorizar. (CMEI Profª Rita Etelvina de Cássia Gomes Moura).

2.2. Conceitos de Percepção em Mapas Mentais

Os conceitos sobre a percepção vêm sendo contextualizado como uma categoria presente nos estudos da ciência geográfica, mas esse fato, não é um aspecto exclusivo da atualidade dos estudos geográficos, conforme Nogueira (2014) os estudos da percepção na geografia não estão ligados há um determinado momento, ele foi se desenvolvendo ao longo da construção de seu aporte teórico-metodológico:

> Nota-se que os estudos da percepção na Geografia não é apenas parte de um momento da história do pensamento dessa ciência, o que vemos é que essa perspectiva se fez presente, mesmo que timidamente, nos debates teórico-metodológicos nos seus vários momentos. (NOGUEIRA, 2014 p.73)

Segundo Nogueira, as escolas geográficas: Francesa, Alemã, Norte-americana e Anglo-Saxônica tiveram seus debates acerca da percepção do ambiente ou do lugar, seja na ordem dos aspectos socioeconômicos e depois nas relações com os eventos catastróficos e naturais. Evidências estas, que de fato, a percepção esteve e está presente nos estudos de geografia.

Conforme os estudos de Almeida (2017 p. 38-39), a abordagem do pensamento geográfico referente à percepção em geografia através dos mapas mentais ganhou força a partir da década de 1960, quando vários geógrafos, assim como pesquisadores de áreas afins, adotou a percepção geográfica como fonte de análise e estudo.

Assim, nesta mesma linha de estudo, Stefanello; Silveira (2005) ressaltam que inicialmente a Escola Clássica Francesa considerou mais a percepção do que a Escola Alemã e a Norte-americana, fato explicado pelo caráter behaviorista que

predominava nestes dois últimos países. Na França, de acordo com estes mesmos autores os principais precursores dos estudos de percepção em geografia por meio dos mapas mentais foram: Deffontaines (1968), Gallais (1967), Rochefort (1961), Dardel (1950), Frémont (1968) e Collot (1950).

Essa abordagem do conhecimento geográfico teve inicialmente suas bases na Geografia cultural de Carl Sauer, e ficou denominada num primeiro instante de Geografia da Percepção e do Comportamento, para mais tarde ser efetivamente consagrada de Geografia Humanista.

Segundo Holzer (2001, p. 107), é no artigo ***Space and Place: Humanistic Perspectiv*** de Tuan (1974) que ocorre uma verdadeira guinada teórico-metodológica nos estudos geográficos desta natureza, pois segundo ele, até aquele momento as incursões no campo da Percepção Ambiental dedicavam-se a análise dos mundos pessoais, sobretudo, a partir da psicologia, em particular da teoria do aprendizado de Jean Piaget.

Tuan (2012) destaca de maneira preliminar, que devemos definir a percepção como a resposta dada pelos sentidos a partir dos estímulos do lugar vivido ou por questões individuais. Vejamos seu principal conceito: “Percepção é tanto a resposta dada pelos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. (TUAN, 2012 p.18). Para o geógrafo sino-americano, um traço comum entre os humanos que favorece a percepção, são os sentidos, segundo Tuan, os cinco sentidos sensoriais sendo estes; o tato, olfato, paladar, audição e visão se coadunam na formação da Percepção:

> Um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. O órgão do sentido mais exercitado varia de acordo com o indivíduo e sua cultura. (TUAN, 2012 p. 28)

O primeiro conceito importante na construção da Percepção são os sentidos, estes são responsáveis pela assimilação dos fenômenos existentes no lugar e pela experiência que é construída ao longo dos tempos junto ao espaço vivenciado. O exercício de cada sentido é individual e cultural. Tuan (2012), explica que: culturalmente a sociedade atual, em sua maioria tende a sobrepor a visão diante dos demais sentidos, pelo fato da grande quantidade de elementos que ativam ou

aumentam a atividade perceptiva da visão, fortalecendo ainda mais a ideia do “ver para crer”.

É importante salientar a relevância do uso do sentido, diante do espaço, ou melhor, da paisagem, pois está ligado diretamente aos aspectos ali apresentados, existem paisagens nas quais os ruídos são contundentes, em outras o odor é predominante, sobrepondo dessa maneira a audição e o olfato frente aos demais sentidos.

O segundo conceito que Tuan (2012), considera na formação da Percepção é uma resposta proposital ligada ao nosso comportamento perante o lugar, o autor afirma que a percepção é acompanhada de atitudes, estas são formadas através dos valores, então não basta somente visualizarmos, ouvirmos, cheirarmos ou tocarmos, é necessário que tenhamos uma carga de experiência diante de cada significado existente no lugar para que possamos formar a Percepção. Valores estes, que são construídos por um elo afetivo (a topofilia), ou a aversão/medo/pavor ao lugar (a topofobia). As paisagens apresentadas pelos estudantes estão carregadas de valores por eles atribuídos como indivíduos sociais, construídos pela experiência que eles possuem por serem atores principais de vivência nessas paisagens em ambiente urbano.

Os conceitos apresentados por Tuan (2012) são corroboradas na noção dada por Merleau-Ponty (2011), em que os sentidos nos dão a sensação, e, a partir daí construímos um juízo de valor diante dos fenômenos que os sentidos nos apresentam. Esse juízo de valor constrói fidedignamente a verdadeira Percepção, cuja, essência é a vivida, e ao mesmo tempo é percebida.

Para Merleau-Ponty (2011), podemos perceber através do corpo, desse modo, todos os sentidos estão atuando na formação da Percepção, mas são os elementos que vivenciamos no mundo que promovem a Percepção. Quando o autor fala de mundo, refere-se não apenas ao mundo físico, mas ao mundo cultural construído pelo ser humano e tomado por valores, conforme sua descrição:

> Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente nos ambientes da terra, do ar e da água, têm entorno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual serve. (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 465).

Logo, nossa percepção é formada diante de todos os elementos, sejam físicos ou culturais, mas os elementos não são nada, se a eles não forem atribuídos

valores e significados. Assim, a nossa Percepção estará voltada para os lugares nos quais os objetos ali contidos nos causem alguma sensação, ou melhor, nos comovam nos inquietem ou nos realizem; sem o princípio da sensação, jamais poderemos entender o fenômeno da Percepção. Desse modo, os objetos que percebemos já possuem valores e sentidos dados anteriormente pela ação humana, porém, a cada um deles ainda atribuiremos os nossos próprios valores e significados.

Um estudo, que busca compreender a percepção através de quem vivencia os fenômenos sociais e naturais do Igarapé do Passarinho, deve ser fundamentado na Percepção. Os elementos representados pelos estudantes são preenchidos de valores por eles atribuídos, mas também esses elementos são pré-preenchidos de significados e valores advindos da cultura que os discentes constituem.

A percepção é sem dúvida a fonte primordial para as representações presentes em nosso cotidiano, representamos aquilo que percebemos, captamos, ou melhor, reproduzimos artefatos simbólicos mediante a nossa Percepção. As paisagens estão tomadas de representações, são objetos que revelam nossa construção mental, as percebemos e às representamos. Conforme Nogueira (1994) esse processo já estava presente no princípio da interrelação do ser social e do lugar: “Os homens mentalizavam os seus lugares de vida, suas formas de vida e as representava”. (NOGUEIRA, 1994 p. 66). Logo, as transformações que realizamos no espaço, podem ser vistas como resultado daquilo que percebemos através da nossa vivência.

Por isso, tanto a Percepção quanto a Representação, estão presentes nos estudos geográficos, são geralmente abordadas juntas, atualmente, a maneira mais comum para realizar esse processo é o uso dos mapas mentais. Oliveira (2013) reitera essa ideia, destacando que a Representação é um elemento marcante da geografia e o uso dos mapas mentais é indispensável para a concretização desse processo. Os mapas produzidos a partir das construções mentais abriram espaço dentro da geografia para o elo entre a Percepção e a Representação.

Um importante estudo que contribuiu para esse processo foi realizado a partir da construção mental sobre a cidade. Lynch (1997) foi quem realizou esse estudo, contudo, seus objetivos não estivessem alinhados ao de muitos geógrafos que buscavam a imagem mental como fonte para seus resultados, segundo ao que ressalta Nogueira (2014), porém, foram os estudos de Lynch que marcaram a

preocupação da imagem que o ser social tem da paisagem e que afeta o seu comportamento diante da mesma.

Quanto à representação, Kozel (2013) afirma que as imagens mentais são construídas a partir da trajetória da vivência por meio da Percepção, construindo imagens repletas de símbolos, chamados de Mapas Mentais: “O ser humano é influenciado por aquilo que vê e sente, ativando a sensibilidade a atribuir ao que é visto, uma variedade infinita de simbologias”. (KOZEL, 2013 p. 65). Assim, é possível ativar estas simbologias por meio da elaboração dos mapas, onde as mesmas serão representadas. Para Kozel, a Representação é um processo marcado pela produção e sua concretização se traduz a uma imagem, geralmente um mapa.

Para Nogueira (2014), a Representação do espaço vivido se dá através dos Mapas Mentais, estes começaram a ser utilizados pelos geógrafos nos estudos relacionados a percepção:

> A denominação de Mapas Mentais chega inicialmente à Geografia pelos geógrafos que discutem a questão da percepção do meio e do comportamento. Sua função era de fornecer dados sobre os lugares para fins especificamente de planejamento. [...] Os Mapas Mentais ganham suporte teórico com a ampliação dos debates sobre a valorização do saber cotidiano dos lugares, do reconhecimento deste saber enquanto conhecimento do lugar. (NOGUEIRA, 2014 p. 106)

A *priori*, os mapas utilizados em vários estudos geográficos visavam apenas fornecer informações do comportamento perante o espaço, sem interessar muito as questões atreladas aos saberes e as experiências que os indivíduos constroem nos lugares onde vivem. Conforme a autora, esses aspectos colocaram o Mapa Mental como um recurso importante para esse entendimento.

Os estudos sobre mapas mentais surgiram a partir de 1960, com a consolidação da Geografia da Percepção e Comportamento. Estébanez (1980 p. 17) lembra que “os mapas mentais assumiram posturas com validade questionável indo do idealismo ao subjetivismo fenomenológico até posturas marxistas”. Mas, apesar de muitas críticas, os mapas mentais contribuíram para a consolidação dessa tendência comportamental, sendo um instrumento importante no estudo sobre território, pois, são imagens espaciais que as pessoas têm direta ou indiretamente do espaço onde vivem ou por onde já passaram.

As representações mostradas através dos mapas mentais podem ser de vivência do dia a dia, como por exemplo, os lugares construídos no presente ou no

passado, de localidades espaciais distantes ou ainda de acontecimentos sociais, culturais e econômicos, revelando desta maneira como o lugar é vivido e compreendido pelos sujeitos. Como foi o caso dos mapas mentais dos estudantes do Ensino Médio do EETI. Profª Lecita Fonseca Ramos, onde representaram o Igarapé do Passarinho através de seus desenhos mentais, em diferentes perspectivas e projeções, desde o cenário de uma área arborizada, ruas pavimentadas, desmatamentos, inundações, mortes dos animais, resíduos sólidos, lixeira a céu aberto. Visto por uns como cenário *in natura* e por outros, um mosaico de violência, assaltos, desigualdades sociais e indiferenças.

Muitos estudiosos trazem diferentes definições entorno dos mapas mentais. Tais, como: Cartas Mentais, Mapas Cognitivos, desenhos mentais etc. São algumas das denominações trazidas em tais estudos, mas há de se enfatizar que tais definições e abordagens muitas vezes dialogam entre si, de maneira que se complementem.

Em vista disto, as ideias dos discentes do Ensino Médio condizem com Galvão e Kozel (2008) sendo os mapas mentais protagonistas ou atores principais da ciência geográfica. Porém, segundo esses teóricos, vão além do entendimento do mundo e do ser social no mundo.

> Entendemos os Mapas Mentais como uma ferramenta de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém, seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado (GALVÃO e KOZEL, 2008 p. 38)

Dessa maneira, o mapa mental é uma forma de linguagem, que refletem valores, atitudes e vivências, cujos signos utilizados são construções sociais. Eles reportam as representações dos indivíduos sociais em relação ao espaço geográfico. Portanto, “revelam a ideia que as pessoas têm de mundo e assim, vão além da percepção individual, refletindo uma construção social” (Kozel, 2007 p. 117).

A proposta desse subtítulo no capítulo II da dissertação é de trazer Conceitos de Percepção em Mapas Mentais, pois no ensino de Geografia não tem sido trabalhado de forma eficaz a instrumentalizar os discentes o entendimento da espacialidade de maneira que tenham a competência de estabelecer relações entre o espaço geográfico e o seu próprio espaço de vivência.

Assim, as experiências de vivências contribuem para o aprendizado do educando, cujas atitudes pedagógicas inovadoras embasadas no estímulo da percepção espacial possibilitam a construção de cidadãos mais crítico, consciente e livre.

Em vista desse pressuposto, a Geografia é uma disciplina de natureza dinâmica, mas percebe-se que ainda continua a ser estudada e ensinada de maneira descritiva e tradicional. Esse método pedagógico dificulta a aprendizagem do estudante. Frente a esta realidade, verifica-se que o Ensino de Geografia necessita de novas metodologias de ensino, que ofereçam aos educandos a construção e participação no processo de ensino e aprendizagem, no qual sua percepção e saberes sejam valorizados.

Na visão de Amorin Filho (2007), ao considerar a motivação e a percepção, pode observar que há preferências dos indivíduos por alguns lugares e rejeição de outros, assim vão se construindo opiniões negativas e positivas acerca dos lugares. No estudo de Amorin (2007) “Estudo da Percepção como última fronteira da Gestão Ambiental” o autor coloca dez conceitos considerados fundamentais ao se referir à percepção em Mapas Mentais.

- **Atitude:** Estado de espírito do indivíduo voltado para um ou mais valores;
- **Cognição:** Processo psicológico por meio do qual o homem obtém, armazena e utiliza a informação.
- **Imagem:** Representação mental que se forma mesmo quando o objeto, pessoa ou lugar não faz parte da situação atual.
- **Paisagem:** Expressão observável pelos sentidos na superfície da terra e resultante da combinação entre a natureza, técnicas e a cultura dos homens.
- **Percepção:** É a função psicológica que capacita o indivíduo a converter estímulos sensoriais em experiência organizada e coerente.
- **Representação:** Processo que permite a evocação de objetos, paisagem e pessoas, independente da percepção atual.
- **Valor:** Qualidade que o homem atribui conscientemente ou não a um tipo de relação ou representação ou a um objeto.
- **Topocídio:** Aniquilação deliberada de lugares.
- **Topofilia:** Laço afetivo do ser humano com seu ambiente ou lugar de vivência.

- **Topofobia:** Aversão/Medo/Pavor a determinados lugares e paisagens.
- **Topo-reabilitação:** Recuperação de lugares destruídos. Assim, as relações entre o ser humano e o lugar vivido não podem mais serem tratados exclusivamente de maneira unilateral, ou seja, somente, os fenômenos visíveis, mas das interações entre o homem, o lugar vivido e as mudanças sociais e culturais.

Assim, para a compreensão e percepção do lugar, do espaço vivido, da paisagem, é necessário entender como as pessoas o vêem, o percebem e o sentem.

Um dos pioneiros na utilização dos mapas mentais como metodologia de investigação das relações entre o lugar vivido e o comportamento humano foi Kevin Lynch (1918-1984) em sua obra The image of the city (1960). Numa época em que a maioria das pesquisas e estudos era pautada por métodos quantitativos, o uso dos mapas mentais, Lynch verificou que essa forma de representação era muito eficiente, pois mostra não só a representação da paisagem, mas também uma realidade que não está escrita em nenhum lugar, mas na vivência de cada um. Fundamentado na Psicologia e na Antropologia, buscou desvendar como as pessoas percebiam seu entorno para avaliar a qualidade visual das cidades.

Em seus estudos, ele concluiu que os indivíduos têm visões próprias sobre os lugares, territórios e do seu cotidiano. Os símbolos de uma paisagem são identificados a partir das imagens mentais dos sujeitos sociais. Estas imagens mentais foram denominadas, inicialmente, como mapas cognitivos, mapas conceituais e, posteriormente, mapas mentais. Somente a partir da década de 1960, houve a preocupação de desvendar o significado das percepções dessas imagens mentais. (KOZEL, 2001).

Aliás, o termo Carta Mental, foi introduzido aos estudos geográficos por Gould (1973), ao debater o imaginário individual e coletivo relacionando a concepção de mundo. Para ele, os mapas mentais são imagens espaciais que estão na mente dos seres sociais, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos sociais e econômicos divulgados.

Para Kozel, (2001; 2007) o uso de mapas mentais, surgiu da busca da psicologia social em compreender as representações cognitivas do indivíduo. Assim, KASHIWAGI, 2010 entende a respeito de conceitos de percepção em Mapas Mentais tais como:

> Entendemos que identificar, interpretar e compreender os fenômenos do mundo vivido exige do observador muito mais que uma descrição de uma evidência imediata, mas o transcender do olhar sobre as coisas visualizando muito aquém do que sua visão permite. (KASHIWAGI, 2010 p. 152).

Os mapas mentais podem mostrar muito do que indivíduos percebem, pensam e sentem; expressão de suas opiniões do seu nível de conhecimento e experiência vivida e percebida. Sua confecção e análise podem contribuir na melhoria da qualidade de vida e nas ações futuras, no caso de um lugar, aliando essas representações com redações acerca do mesmo.

O uso de mapas mentais na construção da percepção espacial associado às experiências e vivências proporciona o desenvolvimento do conhecimento geográfico os quais complementam as aulas teóricas e contribuem para ampliar o interesse do aluno pelo conhecimento geográfico.

A construção da percepção espacial do estudante desenvolve a capacidade de interagir com o lugar vivido, observando as problemáticas e a realidade local, assim, formando uma posição crítica, ética e participativa frente ao espaço social no qual o mesmo está inserido.

O ensino de geografia busca ampliar o discurso e salientar a importância de se construir um olhar mais cuidadoso para as transformações que ocorrem no espaço, sejam elas de cunho político, cultural, econômico, natural, social, ambiental, individual, coletivo, etc. (RICHTER, 2010).

Entretanto quando o educador se encontra inserido neste meio, observa-se os problemas e desafios do ensino, fazendo-se necessário usar metodologias capazes de sobrepujar essa realidade, Richter acredita que:

> [...] a formação escolar dos indivíduos deve estar embasada na transmissão de saberes que contribua na construção de uma reflexão crítica e, principalmente, transformadora. De nada adianta participarmos da escola, se essa instituição não fornece os elementos indispensáveis para que os alunos possam compreender o meio em que vivem correlacionar os fatos e os fenômenos que interferem nas estruturas sócio-econômico-culturais, e construir bases para forjar a transformação (RICHTER 2010, p. 94).

A busca por uma metodologia que envolva e favoreça estes educandos para uma construção do conhecimento geográfico e que reflita na aprendizagem e na sua

formação para a vida, é importante, pois “muito mais do que apenas ampliar o vocabulário do aluno, com a inserção de conceitos como: espaço geográfico, território, região, lugar, redes, paisagem, etc., o trabalho didático de geografia deve pautar pela relação desses saberes científicos na observação e compreensão do cotidiano” (RICHTER, 2010, p. 95).

A geografia escolar pode propiciar a observação do espaço vivido e percebido, uma das formas de ação didática capaz de interagir com esses estudantes são os mapas mentais. Ao mapear, o estudante desenvolve habilidades como o ato de observar, representar, comparar, sintetizar, interpretar e verbalizar. Estas seriam algumas capacidades dos estudantes em mobilizar suas habilidades (saber fazer), seus conhecimentos geográficos e suas atitudes (saber ser) para solucionar determinadas situações problemas (ANDREIS, 1999).

Na formação do pensamento geográfico, a paisagem destaca-se como ponto de partida de análise, capaz de fazer a aproximação em primeira instância com o lugar de vivência. Desta forma, “estudo da paisagem não só traz consigo o ensino da geografia, como também o aperfeiçoamento da percepção, dos sentidos e do aparelho cognitivo, auxiliando de maneira ampla a aprendizagem do educando” (MACIEL; MARINHO, 2011, p. 59). Como aporte metodológico este estudo irá trabalhar com mapas mentais buscando através de eles entenderem e analisar a percepção da paisagem entre os educandos.

Ter a capacidade de compreender o lugar em que vive, permite assim, que o sujeito conheça sua própria história, sendo o mesmo, capaz de entender as coisas que ali acontecem. Callai (2000) faz uma análise da paisagem onde ela coloca que a geografia estuda a realidade, o mundo, através da leitura da paisagem, sendo possível de expressar tudo o que existe por detrás dela, sua história, seu movimento.

Para o geógrafo Collot a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista, uma extensão de território que se oferece ao olhar de um observador, acrescenta ainda a importância do encontro entre sujeito e mundo para a definição de paisagem. Ainda segundo Collot a paisagem não se dá somente ao ver, mas também ao pensar, e é no encontro entre um ponto de vista e o mundo que a paisagem transgride a oposição entre sujeito e objeto (AZARA, 2015).

> Na percepção da paisagem o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas organiza-os para dar-lhes um sentido. A

> paisagem percebida é, portanto, também construída e simbólica (COLLOT 1986, p. 211 apud SANTOS, 2010, p.19).

Neste ponto, o desenvolvimento e a capacidade de análise do educando de se compreender como sujeito histórico e social inicia-se no momento que o conhecimento geográfico a ser desenvolvido vem da sua vivência, da sua percepção, tornando-o desta maneira, protagonista do processo de ensino/aprendizagem.

Para Claval (2001, p. 51 apud SANTOS JÚNIOR, 2007) os estudos chamados em “escala micro”, podem desenvolver nestes estudantes uma compreensão melhor do espaço. A proposta metodológica parte do pressuposto que o conhecimento não seja apenas imposto ao educando, mas que ele possa ser desenvolvido a partir de sua realidade, de sua vivência, uma geografia que estude em primeira instância o lugar e aspectos inerentes à paisagem compreendidos pelo educando.

Visando elucidar tais questionamentos colocados até o presente momento, a pesquisa procura compreender como ocorre o processo perceptivo dos estudantes sobre a paisagem do curso hídrico. De acordo com as proposições feitas por Kozel (2007), considera-se que os mapas mentais corroboram para cartografar o processo perceptivo dos estudantes sobre a paisagem do Igarapé do Passarinho.

2.3.Conceitos de Topofilias e Topofobias

Dentro desta perspectiva, no conhecimento da relação dos seres sociais com o lugar ou com o ambiente material, surge o termo “topofilia”, inicialmente criado por Bachelard em 1969. Mas em 1979, aparece Tuan com o aprimoramento e ampliação do referido conceito, incluindo as experiências das paisagens e dos lugares. A partir deste mundo vivido, criamos uma aparente simpatia ou então, vivenciamos experiências felizes nele (CERDEIRA, 1999).

Conceitos importantes foram definidos e começaram a ser utilizados nos estudos de percepção geográfica, como os de topofilia e topofobia que ajudaram a fundamentar os estudos referente a Geografia Humanista que apresenta como referência epistemológica a fenomenologia.

De acordo com Tuan (1980, p.105) o termo topofilia consiste no elo afetivo que a pessoa ou um apurado grupo social possui em relação ao lugar ou ao

ambiente físico. Enquanto que o de topofobia está intrínseco aos sentimentos de desafeto e aversão que as pessoas têm para com determinados lugares, espaços ou mesmo paisagens (Tuan, 1980).

A topofobia é conceituada por Lindón (2009) como um conjunto de sensações que levam o indivíduo a experimentar sentimentos de rejeição em relação a um lugar específico. A topofobia compartilha um processo semelhante, no qual, com base nas percepções individuais, surge uma resistência, uma sensação de alienação e aversão a um lugar específico (JORDÃO, 2021).

O gênero pode desempenhar um papel significativo na formação de sentimentos de topofobia. Diferenças na massa muscular, na quantidade de gordura nos tecidos e na sensibilidade da pele entre homens e mulheres (TUAN, 2012, p. 61) podem levar a preferências distintas em relação a climas mais quentes ou mais frios, dependendo de qual ambiente se adequa melhor a cada gênero. A idade também influencia a experiência do espaço, especialmente entre pessoas idosas, que, devido a suas limitações de movimento (TUAN, 2012, p. 66), podem desenvolver sentimentos de topofobia em locais com ruas íngremes, calçadas desniveladas ou outros elementos que dificultem sua mobilidade.

Além disso, as cores presentes na cidade desempenham um papel na formação de sentimentos de topofilia ou topofobia. Ambientes mal iluminados, com paisagens cinzentas e sem vida, podem restringir a perspectiva das pessoas às características mais básicas de escuro e claro, preto e branco (TUAN, 2012, p. 28), tornando a topofilia mais difícil de existir e aumentando a probabilidade de surgir a topofobia.

Em especificidade aos conceitos existenciais dos sentimentos de topofilia (TUAN, 2012), das perspectivas fílicas ao espaço lugarizado e vivido e, bem assim, de Topofobia (TRIGG, 2017) as perspectivas fóbicas ao espaço lugarizado e vivido.

“As sensações, necessariamente passam pelos filtros culturais e individuais para se tornarem percepções. A percepção se dá no córtex cerebral, em um determinado momento correspondente à sensação.” (OLIVEIRA, 2012 p. 57 destaques da autora).

Conforme Tuan (1980, p. 105) o termo “topofilia consiste no elo afetivo que a pessoa ou um determinado grupo social têm em relação ao lugar ou ao ambiente físico”. Enquanto que o de topofobia está intrínseco aos sentimentos de desafetos e

aversão que as pessoas têm para com determinados lugares, espaços ou mesmo paisagens (Tuan, 1980).

A experiência referente a topofobia coexiste à experiência topofílica são simultâneas, como já afirmamos, ainda que formadas pelas contradições inerentes a esta interação, sendo vivenciadas a cada momento da experiência ambiental de determinados grupos culturais (LIMA, 1997: 83-84).

Esta simultaneidade da topofilia/topofobia respectiva à natureza da experiência ambiental destes diversos grupos está firmada em suas especificidades culturais, na interpenetração dos níveis subjetivo e objetivo da experiência e da percepção e cognição relativos à paisagem vivida.

Mediante a cognição, percepção, afetividade e memória; reconstruíram mundos vividos, resgatando a multiplicidade das imagens do lugar, porque é neste resgate que também reside a identidade de um ser humano, a conservação de seus testemunhos, o legado cultural, mediante a narrativa da própria história de vida, através das paisagens de seus espaços e lugares.

O contato entre a percepção do espaço circundante é direto para com a psiquê, em uma relação direta da pessoa para com o ambiente: “o caráter pessoal na relação ambiente-percepção, e daí pode ocorrer o surgimento de sentimentos para com o lugar, podendo estes, serem de afetividade (topofilia) ou ainda de rejeição, denominado (topofobia).” (SILVA; LOPES, 2014, p. 4).

Em suma, Topofilia pode ser descrita como “qualquer coisa dos lugares/ambientes que nos faça senti-los como estar nos relaxando ou estimulando, e tudo o que nas nossas atitudes e costumes nos capacite as experiências locais como nos dando prazer”. (RELPH, 1979 p. 19). Seguindo esta linha de pensamento, porém em um sentido macro, Tuan (1980, p. 106), descreve Topofilia como sendo a “compreensão de todos os laços afetivos dos seres humanos com o lugar físico.

Assim sendo, Topofilia passa a ser vista como a relação existente entre o indivíduo e o espaço, analisando o seu sentimento e sua afeição para com o lugar, isto é, seu amor em relação ao lugar. Em contraste, a terminologia topofilia, surge outro termo, também criado por Tuan (1979), a Topofobia, que é o antônimo de Topofilia, introduzindo a ideia de paisagem do medo, aversão pelo lugar, pavor, desgosto, repulsão, etc.

A cidade não pode ser compreendida somente a partir de sua construção física e das relações que ocorrem nela. Como ressalta Pineda (2013, p. 73), "o

espaço social está intrinsecamente ligado ao espaço físico", destacando a importância da apropriação e construção na perspectiva dos imaginários urbanos.

A capacidade humana de ser influenciado pelo espaço e, ao mesmo tempo, influenciá-lo cria uma ligação mútua entre o espaço físico, o sujeito-corpo e o sujeito-sentimento, conforme enfatiza Pineda (2009), fortalecendo ainda mais essa conexão.

Essa assertiva é constatada diante das interpretações dos mapas elaborados pelos estudantes, esses mapas confirmam e concluem as discussões até aqui estabelecidas. O próximo capítulo é, sobretudo, a confirmação evidente da percepção, representação e da expressão dos sentimentos de topofilias e topofobias dos estudantes das séries finais do Ensino Médio, em exposição dos mapas mentais sobre o Igarapé do Passarinho.

CAPÍTULO III

Percepções do Igarapé do Passarinho

CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES DO IGARAPÉ DO PASSARINHO

Este capítulo apresenta, reforça e confirma as discussões realizadas até o momento. As representações dos estudantes sobre suas percepções mentais foram interpretadas sob a perspectiva fenomenológica, cada desenho paisagístico do Igarapé do Passarinho é discutido frente às teorias e os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores, buscamos identificar as linguagens expressas dos estudantes em seus mapas mentais, frente às problemáticas socioespaciais do lugar analisado.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa participaram a partir da elaboração de mapas mentais, por meio dos quais representaram suas paisagens do Igarapé do Passarinho e suas perspectivas e aspirações sobre o mesmo, se é de topofilia ou de topofobia do lugar. Este capítulo discute as paisagens por eles representadas, mas acima de tudo, expressa os princípios metodológicos dessa pesquisa, pois os resultados foram obtidos sob a percepção dos estudantes, tratando-os como sujeitos sociais ativos e não somente como dados quantitativos, mas qualitativos, conforme descreve Nogueira (2014):

> O homem, com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi pensado pela Geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que essas interpretações, que levam em conta o sujeito enquanto indivíduo, seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e à ciência não interessaria. Retornou-se, então, à discussão mais racional, onde o homem foi tratado enquanto população, povo, classe, recursos humanos. (NOGUEIRA, 2014 p. 32)

Pressupõe-se que não se refere a um resultado baseado em índices numéricos e estatísticos. A presente pesquisa está centrada sob uma Geografia que nos leva a subjetividade que cada discente/estudante possui a partir de sua percepção acerca do tema estudado. Nossas discussões e considerações são permeadas sob os aspectos das problemáticas sociais e ambientais apresentadas nos desenhos mentais sobre o Igarapé do Passarinho. No início, dissertaremos sobre os termos ***topofilias*** e ***topofobias*** nos Mapas dos Estudantes do Ensino Médio, destacando principalmente que os Mapas se constroem sob as formas de Representação, e que esta, somente é possível através da percepção mental.

3.1. *Topofilias* e *Topofobias* nos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio

São de conhecimento geral, que a Geografia utiliza vários termos para se referir ao espaço geográfico, como por exemplo: espaço, lugar, ambiente, paisagem, território. Entretanto, a perspectiva humanista tem se esforçado para disciplinar o uso de pelo menos dois desses conceitos, que é o espaço e o lugar.

A categoria de lugar sempre esteve ligada às abordagens geográficas, indicando aspectos localizacionais, classificatórios ou determinando a presença de fenômenos. A partir da década de 1970, é incorporada uma concepção diferenciada das anteriores, agregando assim valores subjetivos referenciados pelos significados, propiciando sentido aos lugares, não podendo ser entendido sob a perspectiva dos fatos, objetos ou eventos, salvo quando vinculado a compreensão de sentimentos, significados e valores a ele atribuídos. Os seres humanos é que lhe dão significados (KOZEL, 2001, p.152).

De acordo com Tuan (1983.p.65), o espaço é qualquer porção da superfície terrestre que é amplo, desconhecido, temido e rejeitado. O lugar recortado afetivamente emerge da experiência e, é um “mundo ordenado e com significado”.

Os geógrafos humanistas insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade. Para o capitalista, o espaço é uma mercadoria destinada ao lucro, um meio de apropriação e controle. Para o homem comum, o espaço é transformado em lugar, nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos.

O espaço para Tuan (1983, 61), é aberto, livre, amplo, vulnerável e provoca medo, ansiedade, desprezo, sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Já o lugar é fechado, intimo, humanizado. Desta forma, a ternura, a empatia e a permanência, interferiram na formação e cristalização desse espaço.

Nessa perspectiva entende-se que espaço e lugar são distintos, cada qual tem suas individualidades e singularidades. Assim o espaço poder ser um lugar em questão de horas, por exemplo: durante a semana o centro da cidade pode ser um espaço ou um lugar, pois para muitos, o centro é apenas um espaço onde vem casualmente resolver algo, enquanto para outros é o lugar de trabalho, de lazer, enfim é a extensão de seu lar, portanto é lugar, Tuan (1983), afirma que a

passagem de lugar para espaço pode ocorrer por motivos de dor ou de vergonha. Assim, certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência.

O que inicialmente é feio “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo passa a ser o lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas efetivas, econômicas etc.

Neste contexto, a leitura dos espaços e dos lugares por meio das experiências, evidenciou a valorização do homem enquanto sujeito, buscando desta forma a relação do espaço e do comportamento humano no ambiente. Dessa maneira, desvenda-se um mundo verdadeiramente percebido, construído sob os fundamentos cognitivos, afetivos e simbólicos do lugar.

O ato ou a ação de manter algum sentimento especial por um local, de tornar lugar, advém das experiências que o sujeito social desenvolve ao longo do tempo nesse espaço. Experiências vivenciadas consideravelmente boas tendem a transformar um simples objeto espacial em um lugar, o qual marca o sujeito.

Por outro lado, más experiências vivenciadas sobre relações espaciais, também podem desenvolver sentimentos relativos ao lugar, geralmente de receio, resignação, medo e afastamento. Respectivamente nessa ordem, Tuan, designaria de Topofilias e Topofobias tais sentimentos. É sob esta perspectiva de interpretação que traremos os mapas mentais como os instrumentos dessa pesquisa, elaborados pelos estudantes, os mapas juntamente com as descrições e as respectivas interpretações são resultados desse trabalho.

3.2. Igarapé do Passarinho nos Mapas Mentais: Representando o Mundo Vivido dos Estudantes

Os Mapas mentais, conforme já foi apontado, constituem-se em imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano. O mundo vivido discutido por Dardel (1952) apud Kozel (2001), o mostra como sendo o mundo experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem e com o ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência.

Estes são ferramentas, entre outras coisas, de pensamento, de organização, de visualização, de integração de conhecimentos. Assim como uma ferramenta comum expande sua força física e em geral sua capacidade de realizar consertos e

produzir objetos, também os mapas mentais expandem sua inteligência nesses aspectos (ARCHELA, *et al*. 2004).

O Mapa Mental é um recurso gráfico que substitui o processo convencional de anotações sob a forma de listagem. Um bom Mapa Mental mostra a "fotografia" do assunto, evidencia a importância relativa das informações ou conceitos relacionados ao tema central e suas associações, (ARCHELA, et al.2004).

Niemeyer (1994, p.6), salienta que os mapas mentais são produtos de mapeamentos cognitivos, tendo diversas formas como: desenhos e esboços de mapas ou listas mentais de lugares de referência elaboradas antes de se fazer um percurso. De acordo com Tuan (1975, p.209), mapa mental como sendo, a planta de ruas. Dentro desse contexto Oliveira (2002, p.192), argumenta que o mapa exerce a função de tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade, quanto sobre o mundo da imaginação.

Esses mapas são representações espaciais oriundas da mente humana, que precisou ser lida como mapeamentos e não como produtos estáticos. Os mapas na percepção ambiental não devem ser vistos como produtos cartográficos, mas como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais. Conforme Tuan (1975, apud Seemann, 2003), os mapas mentais têm as seguintes funções:

- ✓ Preparam-nos para comunicar efetivamente informações espaciais;
- ✓ Tornam possível ensaiar comportamento espacial na mente;
- ✓ São dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas e coisas, eles ajudam, a saber, sua localização;
- ✓ Como mapas reais, os mapas mentais são meios de estruturas e armazenar conhecimento.
- ✓ Eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas.

Dentro desta perspectiva, é importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, mas são construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares reais vividos, produzidos e construídos materialmente (Kozel Teixeira e Nogueira, 1999)[5]. Desta forma, ao estudar os mapas mentais das

[5] KOZEL T. S. e NOGUEIRA. A. R. B. A. Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida, In: Revista do Deptº de Geografia de São Paulo. FFLCH-USP. 1999(13) 239-257).

pessoas, não podemos impor categorias acadêmicas e artísticas, mas devemos interpretá-los como uma forma de comunicação.

Sobre os mapas mentais, utilizamo-los como uma forma de representação para a compreensão do nosso objeto de estudo. Dentro do que aborda a geografia, temos as categorias que permeiam esta, como o Espaço, lugar, paisagem, território e região. Mas a nossa pesquisa pretende fazer a leitura do espaço, como lugar de vivência ou experiências; e que será representado através de Mapas Mentais, corroborando com Nogueira (2014), Castellar afirma que os mapas mentais:

> Os mapas mentais ou desenhos são representações em que não há preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. O aluno pode então, usar sua criatividade ou estabelecer critérios com a classe, pois as representações ocorrem a partir da memória. (CASTELLAR, 2010 p. 25)

Em vista disso, o mapa mental é estudado como um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica mais livre, sob a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos ao longo de sua formação escolar. Assim, além de utilizar a fala, a escrita, a imagem ou o próprio mapa convencional/tradicional, o aluno terá a oportunidade de apresentar em um mapa mental, suas interpretações a respeito de um determinado lugar, sendo essas provenientes de leituras mais científicas e detalhadas sobre a realidade.

Em razão disso, selecionamos quatro representações mentais dos estudantes do Ensino Médio, ao qual será exposta aqui na nossa metodologia, para demonstrarmos a *priori*, a percepção dos estudantes em relação ao Igarapé do Passarinho, lembrando que se trata de estudantes das séries finais da educação básica.

Nesta perspectiva, é importante destacar que os mapas mentais estão relacionados aos atributos do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, mas são, sim, construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares vividos e construídos materialmente e adquirindo significados afetivos (KOZEL; NOGUEIRA, 1999 p. 242).

Em relação ao objeto de análise por meio do mapa mental, concernente à Geografia, o seu uso e aplicação são mais comuns na Geografia Humanística e Cultural, dado que é efetuado aí o estudo sob a ótica do lugar e onde se prefere conceber o espaço como cognição, como possibilidade de representação por quem

nele vive e sente. Tuan (1979) considera que o lugar engloba as experiências e as aspirações do ser humano, compondo uma realidade que deve ser explicada à luz da apreensão das pessoas que agregam o universo de atores atuantes do estudo geográfico. O autor salienta: "[…] que o espaço não é uma ideia, mas um conjunto complexo de ideias (...) o lugar é um espaço estruturado" (TUAN, 1979, p. 89).

Não iremos enveredar por uma discussão aprofundada acerca dos mapas mentais, pois Nogueira (1994), já realizou esse estudo e deixou claro como os Mapas Mentais são suportes importantes para as pesquisas que se fundamentam na Percepção. Conforme a autora é um recurso indispensável para revelar aspectos que expressam valores intersubjetivos, revelando o elo de afeição, ou seja, sensações agradáveis e desagradáveis que temos diante das paisagens. Logo, os mapas mentais se materializaram como os instrumentos dessa pesquisa, elaborados pelos estudantes do Ensino Médio, os mapas juntamente com as descrições e as respectivas interpretações são os resultados deste trabalho.

Salientamos que os mapas mentais vêm como um recurso que não tem como objetivo substituir o processo convencional de anotações, mapeamento digital ou outros registros cartográficos, ele é o próprio recurso de análise e estudo do ambiente, um esforço de abstrair do sentido de como os sujeitos que vivenciam o lugar, os percebem.

É a busca do aumento da capacidade de apreendermos, da maneira mais imaginável possível, sobre o universo social do ser humano e como este percebe o seu Mundo. Assim, na figura 04, temos as impressões desenhadas do Igarapé do Passarinho em que nos transmite um "grito de socorro" pelo igarapé degradado. O que antes, fora espaço de lazer, banhistas, balneários, hoje apresenta poluição hídrica. Além, de ser um ambiente marginalizado, um lugar que traz muitos perigos, acidentes, animais mortos, resíduos sólidos demasiadamente entre outros fatores negativos em relação a essa área, considerados como uma **APP – Área de Preservação Permanente**[6].

[6]Áreas de Preservação Permanente (APP) são áreas protegidas pela Lei 12.651/2012, o "Novo Código Florestal Brasileiro", coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. As Áreas de Preservação Permanente estão localizadas ao longo dos rios ou de qualquer curso d'água; ao redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais; nas nascentes; no topo de morros, montes, montanhas e serras; nas encostas ou partes destas; nas restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues; nas bordas dos tabuleiros ou chapadas; e em altitude superior a 1.800 metros. Não é permitido fazer uso dos recursos florestais em áreas de APP. A supressão da

No total, 100 redações foram escritas por estudantes do Ensino Médio o olhar e a leitura dos estudantes e moradores do entorno do Igarapé do Passarinho e suas nuances perceptivas acerca desse ambiente poluído. Mas o que nos chamou a atenção nas escritas das redações, foi à questão da poluição hídrica, e uma possível solução para esta problemática ambiental. E um dos estudantes deixou frases de impacto, que vale apena transcrevermos aqui: ***"Às vezes uma boa ação geraria várias outras"***, é igual aquela frase: ***"Uma pessoa extraordinária, com bons atos pode mudar o mundo." (Lucas Luid 2º/02).***

Percebe-se a preocupação que os discentes têm em relação ao Igarapé do Passarinho, demonstram esperanças e desesperanças, mas acredita-se em um amanhã melhor, um ambiente mais limpo; é fácil observarmos que os igarapés cortam a cidade de Manaus inteira, e mais do que isso, hoje suas margens dão espaço para centenas de moradias, espaços sem infraestrutura e saneamento básico. A palavra igarapé origina do tupi, significa caminho de canoa, segundo Antônio Guerra, em seu dicionário Geomorfológico. Os canais ramificados dentro da maior bacia hidrográfica do mundo mostram o potencial da região Norte do Brasil. Ao contrário do que se espera, mesmo com água em abundância, não há qualidade.

A Bacia Hidrográfica segundo a Agência Nacional das Águas - ANA pode ser vista como "o caminho que a água percorre" de diversos pontos e elevações escoando para um mesmo ponto. Em Manaus, em razão das características físicas e naturais dos terrenos, a maioria dos igarapés nasce a partir de vários afloramentos hídricos no subsolo. Nesse caminho, a ordem natural é seguir da nascente por córregos estreitos e rasos, depois ficam cada vez maiores quando vão se juntando a outros cursos.

A bacia hidrográfica, segundo Mendonça (2012), é uma unidade fundamental da paisagem, onde os elementos físicos e sociais se interagem para organizar o espaço geográfico. Estas características são bastante evidentes, pois é na bacia hidrográfica que se manifesta o arranjo combinado de fatores ambientais, com uma dinâmica que resulta, principalmente, dos processos conduzidos pela água. Como as bacias hidrográficas se constituem por uma extensão variável do território, verifica-se que as atividades econômicas, industriais ou urbanas, estão sempre

---

vegetação em APP somente poderá ser autorizada apenas em casos de utilidade pública ou interesse social. Fonte: https://snif.florestal.gov.br/pt-br/conservacao-das-florestass/183-areas-de-preservacao-permanente**Acesso em**: 06/11/2023.

afetando o meio ambiente, seja de forma direta ou indireta. (SOUZA *apud* MENDONÇA, 2014 p. 37).

Os estudantes que participaram da pesquisa constituíram em uma amostra de 100 discentes, foram escolhidos 20 estudantes de cada turma, que apreciavam desenhar e “curtem” a disciplina de Geografia da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. Foi realizada a seleção dos estudantes e uma roda de conversa com diálogo aberto, e assim, trocou-se ideias acerca do Igarapé estudado e qual a visão deles sobre o mesmo; Foi apresentado um pouco do contexto histórico e fisiográfico da bacia hidrográfica do Passarinho; Em seguida fizemos uma oficina de desenhos de mapas mentais e construção textual sobre o ***“Espaço Urbano do Igarapé do Passarinho”,*** os alunos foram estimulados em rodas de conversas a expressarem quais os sentimentos que possuem acerca do Igarapé do Passarinho? De afeto, ou desafeto? Medo ou Amor pelo lugar, esperanças ou desesperança pelo lugar? Assim, após a realização das oficinas conseguimos obter as respostas necessárias para respondermos os objetivos específicos que norteiam a presente pesquisa.

Esclarecendo aqui que esta atividade de redação foi feita com os alunos que não curtem desenhar, para incluir estes na oficina de mapas mentais como mostra a foto dos discentes realizando a atividade de desenho dos Mapas Mentais e a escrita da redação em sala de aula.

Figura 3: Mosaico da oficina de Mapas Mentais com os discentes do Ensino Médio da EETI Profª Lecita Fonseca Ramos – Manaus-AM.

Fonte: Pesquisa de Campo (2023).
Organização: BRAGA, D.J, 2023.

A primeira interpretação sobre os Mapas Mentais dos estudantes serviu de base para selecionarmos quais mapas iriam compor esse trabalho. Selecionamos 20 mapas que trazem os aspectos das diferentes expressões das problemáticas sociais e ambientais percebidas e representadas pelos estudantes através dos desenhos mentais. Tais temáticas destacam a Violência urbana, resíduos sólidos, queimadas, assaltos à mão armada, desmatamento, acúmulo de sedimentos nas margens do Igarapé etc.

O primeiro mapa representa uma perspectiva da lateral do entorno da Escola Estadual de Tempo Integral Professora Lecita Fonseca Ramos, situada à Travessa da rua: Louro Chumbo, s/n. º, no bairro Monte das Oliveiras, Zona Norte de Manaus é fruto de uma antiga reivindicação da comunidade de seu entorno, que datava cerca de 7 anos. O lugar onde hoje está localizada foi, até meados de 2003, um terreno baldio, tomado por mato, lixo e uma lagoa suja, atraindo insetos e pragas, o local estava cercado por ruas com pavimentação e iluminação precária. Depois de intensas lutas dos líderes comunitários, o terreno onde está implantada a escola foi doado com o objetivo claro de ali construir-se a escola do bairro.

Ao ler as produções textuais e os mapas mentais dos estudantes do Ensino Médio, observa-se que a percepção de suas representações cognitivas volta-se

para quatro principais temáticas socioespaciais, sendo estes relacionados às questões à violência urbana (assaltos à mão armada, morte dos animais e pessoas e despejadas no canal do igarapé, criminalidade), às questões socioambientais (poluição hídrica, resíduos sólidos, lixos, desmatamento, acúmulo de sedimentos nas margens do Igarapé, inundações, assoreamento, limpeza etc.), questões socioeconômicas (moradias, comércios, área de lazer, bancas, segurança, iluminação das ruas etc.).

Mapa Mental 1: Igarapé do Passarinho visto sob uma perspectiva lateral da EETI. Profª Lecita Fonseca Ramos

Fonte: Estudante S, R. Manaus,

Estudante S, R. (2024):

> Acho ruim a escola ser próxima ao Igarapé, porque em janeiro e fevereiro, tiveram vários casos de doenças por veiculação hídrica, tais como a dengue, febre amarela pelos vetores transmissores de doenças aos moradores. A escola sendo próxima ao mesmo, estamos em risco de doenças não somente à dengue, mais há outras também. Há outras questões pertinentes sobre o Igarapé do Passarinho, questões estas, que poderiam ser diferentes, como a segurança, a iluminação de vias públicas a noite e principalmente a limpeza e o cuidado com certas partes do Igarapé. A iluminação no igarapé é inexistente, quando anoitece, além de se tornar um espaço do medo, perigoso, muitas das vezes as pontes ficam muito vazias, sem fluxo de pedestres. Atualmente, tem alguns portes de luz, mas acho que necessita de mais iluminação para as crianças, jovens, ou até mesmos pessoas adultas que às vezes passam sozinhas correndo o risco de serem assaltadas ou até mesmo mortas por delinquentes, usuários de entorpecentes etc.

O estudante representa a escola em relação ao Igarapé do Passarinho, sob uma perspectiva lateral, ele destaca a insegurança e o medo de transitar na avenida Tenente Roxana (Antiga Avenida Passarinho), no horário de saída da escola, e principalmente à noite. Pois há muitos riscos de assaltos à mão armada, tanto por armas de fogo, como arma branca. Além do mais, expressa o seu descontentamento da localização da Escola ser praticamente às margens do Igarapé do Passarinho, e entre os primeiros meses do ano, por apresentar um tempo muito chuvoso, a veiculação de doenças por vetores hídricos tais como a dengue, febre amarela, viroses etc. Até mesmo os alunos correm riscos de serem afetados também.

Sua percepção está para além do visível, não é preciso ver e nem se envolver em um assalto para sentir medo, ele se forma muito mais pelos aspectos subjetivos entre o campo da segurança e insegurança que permeiam o viver na cidade.

Podemos perceber sentimentos topofóbicos do lugar por parte desse estudante, ao dizer sobre seus receios quanto à falta de iluminação, insegurança ao longo do Igarapé do Passarinho pelas vias pavimentadas em suas margens. Além do perigo das doenças transmitidas por mosquitos da dengue, chicungunha, febre amarela entre outras, tanto quanto para os moradores quanto aos estudantes da escola.

O segundo mapa representa o Igarapé do Passarinho visto sob uma perspectiva espacial de cima pelo estudante (S, L.) 2ª Série/4 do Ensino Médio. O mapa mental é uma representação de um determinado lugar ou espaço, produzido de próprio punho.

Nele, o autor, o fazedor de mapas, possui a “liberdade” de expressar a sua interpretação sobre um dado lugar, como por exemplo, de um bairro da cidade ou de toda a extensão da cidade, ou até mesmo de um igarapé em espaço urbano. Comunicando, através desta representação, suas impressões gráficas sobre os espaços de vivência. Para isto, são utilizados os recursos e símbolos na composição do mapa, para que o mesmo possa ser lido por outras pessoas. (Denis Richter, 2011).

O igarapé do passarinho sob a percepção dos estudantes-moradores é um canal fluvial em ambiente urbano, que infelizmente contém água poluída, pois o cuidado tanto dos moradores quanto das autoridades políticas, são de descaso e

por vários anos é utilizado como uma lixeira à céu aberto. A água que permeia o Igarapé, não vem diretamente só pelas precipitações em tempos chuvosos, vem das casas, dos comércios, e dos moradores que despejam água sujas e fétidas. Além dos lixos como plástico, vidros, sacolas etc.

O que ocasiona inundações, entupimentos dos bueiros, e acaba trazendo mau cheiro, ao redor. As matas ciliares tomam conta da paisagem do lugar e colabora para o lixo ser acumulado. E consequentemente, em dias chuvosos, acomete inundações.

Mapa Mental 2: Igarapé do Passarinho vista espacial de um estudante do EETI Prof. Lecita Ramos.

Fonte: Estudante S, L. Manaus,

Estudante S, L. (2023):

> Uma solução para acabar com o acúmulo de lixo e resíduos sólidos no leito do Igarapé seria o incentivo da reciclagem, ensinando a percepção que o lixo prejudica as próprias pessoas, que o jogam no igarapé. As conexões das saídas dos esgotos, também poderiam ser mais estratégicas, pois no meio do Igarapé não parece ser um ponto bom para a saída de água suja e contaminada. As pontes que ficam no Igarapé servem para facilitar a mobilidade dos moradores, porém, muitos usam a ponte para o tráfego de veículos como as motos. Outra solução para o Igarapé seria uma boa infraestrutura, facilitando na saída da água, e também tendo limpezas regulares para a retirada dos lixos.

As representações oriundas das imagens mentais para (Richter, 2011) não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. Logo, os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real observado através do

olhar particular de um ser humano, com uma história, uma cultura, um aporte cognitivo e emocional, pela visão de mundo, e por intencionalidades que permite identificar como esse ser social, compreende o lugar em que está inserido, e como ele se relaciona com o mesmo. É necessário que o professor, instigue os estudantes, de modo criativo, para aproveitar esse valioso recurso, permitindo que o educando ultrapasse a condição de mero leitor de mapas acrítico e torne-se leitor e mapeador consciente de sua realidade e de seu cotidiano.

A representação do estudante juntamente com sua descrição, revela uma paisagem natural acrescida da paisagem construída e a representação dos elementos humanos, ressaltando o igarapé poluído, as ruas pavimentadas, os veículos, como carros, pontes de ferro, arvoredos, resíduos sólidos dentro do igarapé etc.

Com o uso dos mapas mentais, para a representação da realidade ambiental, cada signo (as "palavras" do mapa) servirá de referência para um elemento que conduz ao entendimento da percepção ambiental dos estudantes. Os mapas mentais, também possibilitam à inclusão de elementos subjetivos que, geralmente, não estão presentes nos mapas tradicionais e rementem a linguagem dos sentimentos *topofílicos* e *topofóbicos*[7], fazendo com que o mapeador expresse sua afetividade e, muitas vezes, seu inconsciente. "Essa característica torna mais rica essa representação de próprio punho, por incluir contextos que podem ampliar a compreensão do espaço". (RICHTER, 2011 p. 125).

Nossa próxima paisagem sobre a percepção ambiental do Igarapé do Passarinho traz um cenário onde mostra a poluição hídrica, tais como a presença de animais mortos, pneus de veículos automotores, a coloração da água turva em razão da contaminação do lençol freático. Dentre outras situações adversas e contraditórias socialmente expressas nesse desenho mental.

[7] Tuan (2005) acredita que o fato de as imagens serem extraídas do lugar não significa que o mesmo as tenha determinado, nem que certos meios possuam o irrelevante poder de despertar sentimentos *topofílicos* e *topofóbicos.* Para ele, o ambiente pode não ser a causa direta da topofilia ou topofobia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma as alegrias e as ideias. "A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *lócus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida". (TUAN, 1980 p. 106).

Assim sendo, os mapas mentais representados pelos estudantes são imagens e representam uma articulação entre os elementos constitutivos do espaço vivido, demonstrando como eles entendem o ambiente local. A linguagem dos mapas é a semantização que os discentes fazem do Igarapé do Passarinho enquanto espaço de vivência, de sensações e de percepções.

Mapa Mental 3: Trecho do Igarapé do Passarinho representado espacialmente.

Fonte: Estudante A, C. K. Manaus 2023.

Estudante A, C. R. K. (2023):

> Eu quis demonstrar no meu mapa mental, que o Igarapé do Passarinho, nesses últimos tempos, anda bem mais poluído que antes. E eu acredito que com a ajuda da nossa sociedade e do governo, podemos fazer o nosso igarapé um lugar menos poluído e com uma paisagem mais bonita e apresentável. Com o governo unindo forças, podemos montar grupos, para minimizar a poluição hídrica, assim, como outros grupos para verificar onde acontecem os impactos por alagamentos, para poder pensar atuar com medidas para diminuir as quantidades de prejuízo. Eu acredito que com a colaboração de todos, podemos fazer uma possível revitalização de nosso igarapé, um lugar bonito, e habitável. Pois assim, mostraremos para as futuras gerações uma paisagem reconstruída.

Como podemos ver no mapa, a perspectiva da Avenida Tenente Roxana (Antiga Avenida Passarinho), com algumas árvores, ônibus, moradias, paradas de ônibus, pessoas fumando algum tipo de entorpecente, animais dentro do igarapé, pneus lançados no canal fluvial, ponte que ligam de uma margem à outra margem, os limites do igarapé estudado.

Ao construir os mapas mentais, os estudantes necessitam “dar-se conta” dos elementos do espaço vivido. Isso, não é uma tarefa fácil. Exige conhecer o lugar, o

ambiente local. Segundo Bello (2006), esse processo é a percepção ou o resultado do “dar-nos conta”, isto é, da tomada de consciência dos fenômenos circundantes.

Os mapas mentais de acordo com Kozel, (2007 p.115): Como construções sígnicas requerem uma interpretação e decodificação; Lembrando que essas construções sígnicas estão inseridas em contextos: sociais, espaciais, e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades”.

Como visto na imagem representativa do estudante sobre sua percepção subjetiva do lugar vivido e concebido pelo mesmo.

Mapa Mental 4: Representação do Igarapé do Passarinho totalmente poluído.

Fonte: Estudante C, S. J. M. Manaus, 2023.

Estudante C, S.J.M. (2023):

> [...] uma representação do estado precário do Igarapé do Passarinho, devido a má sensibilização das pessoas com o lugar. O igarapé acabou sendo poluído e talvez seja irreversível a voltar a ser o que era antes.

A paisagem representada no mapa 04, mostra praticamente o igarapé como um esgoto a céu aberto, o que já fora um lugar de lazer, onde pessoas iam para tomar banho e se divertirem. Mas, com o passar dos anos, as pessoas foram poluindo sem se importarem para as consequências de suas atitudes sociais, e hoje em dia, um esgoto sem saneamento e quando chove, acontece o transbordamento do mesmo, prejudicando pessoas, moradias ao seu redor, comércios etc.

Para Bertin (2014 p. 66) diante de um estímulo externo ou interno o sujeito seleciona na memória a imagem mental correspondente ao seu entendimento, o

que resulta em um nível de compreensão que constitui em um tipo de filtro de representação subjetiva, intersubjetiva e social.

O mapa mental 05 representa uma paisagem do Igarapé do Passarinho do antes da poluição hídrica e a pós-degradação ambiental do canal fluvial. A linguagem presente nos mapas mentais evidencia uma pluralidade de concepções espaciais que relacionam percepções vinculadas ao lugar e ao ambiente, mas também reproduzem elementos característicos do mundo globalizado. Essa representação plural imbrica com a própria concepção da Geografia que apresenta o espaço geográfico como o espaço da vida, onde natureza e sociedade se relacionam e se influenciam.

Mapa Mental 5: Representação do Igarapé do Passarinho o antes e o pós-degradação hídrica e paisagística.

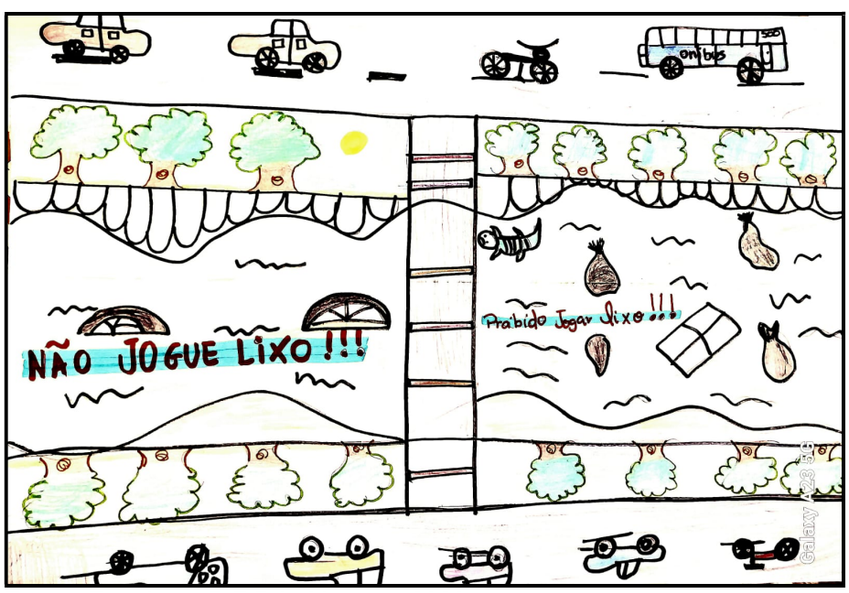
Fonte: Estudante T, E. Manaus, 2023.

Estudante T, E. (2023):

> O Igarapé do Passarinho que (antes) anos atrás pessoas se encontravam para se banhar, lavar suas roupas, agora está em uma situação desagradável, se observa vários lixos flutuando na corrente do rio. Alguns animais mortos e até mesmo vivos, como cobras, jacarés etc. Agora, com o passar do tempo, o Igarapé está totalmente poluído, não é só de âmbito ambiental, mas também visual. Os moradores reclamam da situação, pois em dias chuvosos acaba acontecendo enchentes inundando; casas, comércios etc. Em algumas situações, já avistaram corpos flutuando, ou partes de membros. Ainda temos fé num amanhã bem melhor.

O mapa do Igarapé do Passarinho representado pelo estudante no desenho 05 reporta o antes e o agora do Igarapé ao longo dos anos com a contaminação hídrica do mesmo ao longo dos tempos. O governo do Estado do Amazonas, ainda tentou intervir através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM. Com o objetivo de promover a limpeza e retirada dos resíduos sólidos. Contudo, alguns colaboraram com solução eficiente, e outros continuaram com seus velhos hábitos. Além das mudanças de hábitos e costumes, leis ambientais mais rigorosas, e assim, promoveríamos melhorias não só no âmbito local, mas refletiria também em âmbito global. Afinal, pequenas atitudes refletiriam nas futuras gerações.

Mapa Mental 6: Representação do Igarapé do Passarinho vista de uma área de Preservação Permanente.



Fonte: Estudante P,F.D.L. Manaus, 2023.

Estudante P, F.D.L. (2023):

> Desenhei uma ponte do Igarapé do Passarinho. Na minha visão, o Igarapé é praticamente um lixão agora. Se você olhar para o Igarapé, só verá lixo. Por quê? – Pessoas inconsequentes jogam lixo todos os dias onde o Igarapé enche de lixo. E quando chove, acaba entupindo a passagem da água, pois só tá lixo.

A representação em desenho do Igarapé do Passarinho, e a perspectiva do estudante traz um olhar um pouco crítico acerca de apresentar praticamente um lixão a céu aberto. A obstrução da passagem hídrica em razão do acúmulo de sedimentos no leito do canal, ocasiona inundações em tempos de chuvas.

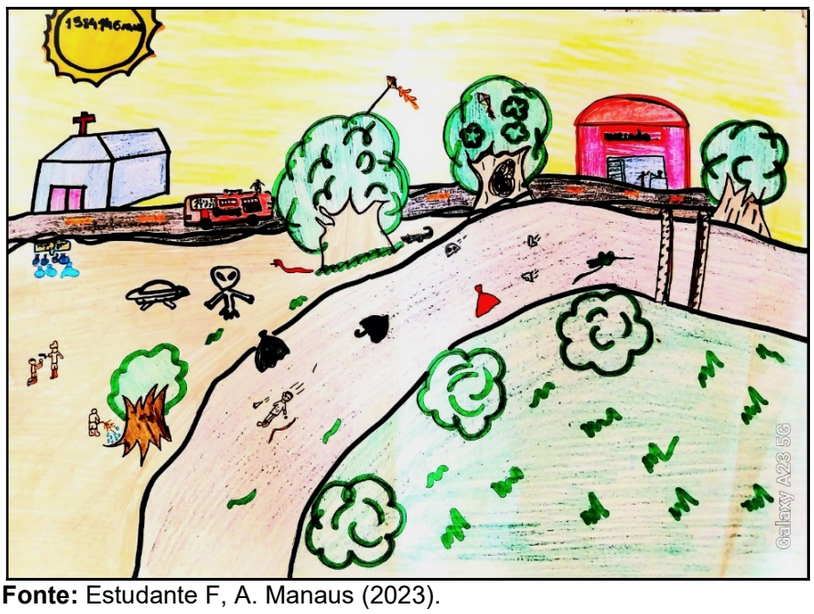
O Mapa 07 traz uma representação do Igarapé do Passarinho bem poluído. Tais como, resíduos sólidos dentro e fora do canal fluvial, assaltos no entorno da avenida que compõe o lugar, animais peçonhentos, animais mortos, TVs, vidros etc. É visível o volume de resíduos domésticos despejados em suas margens. A coloração da água, cinza escuro, devido o alto nível de contaminação hídrica como mostra a figura 07.

Estes locais deveriam ser sempre destinados à preservação, com a presença da cobertura vegetal, permitindo a infiltração e a permanência da água. E assim, se não fosse à intensa ocupação humana nessas feições geomorfológicas, as enchentes não teriam caráter desastrosos e catastróficos como tem atualmente.

Figura 4: Margem direita do Igarapé do Passarinho em 17 de agosto de 2022.

Fonte: Dâmaris Braga, 2023.

Mapa Mental 7: Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante F, A. Manaus (2023).

Estudante F, A. (2023):

> O Igarapé do Passarinho, na atualidade, está totalmente poluído por móveis e lixos despejados por pessoas que residem próximo e os descartam lá. Além, de quando chove forte, há transbordamento do nível da água alagando moradias, comércios etc. Ocasionando um tráfego muito perigoso no trânsito, podendo ocorrer acidentes. Tornando assim, uma grande problemática ambiental para a população da área. Pois, além da poluição extrema que acomete ao Igarapé, o odor que exala da água é muito forte.

Podemos notar tanto por meio do desenho do estudante **do mapa 07**, como por sua fala em destaque o descontentamento, a rejeição pelo lugar. Em razão das enchentes, a questão do congestionamento do trânsito, o odor fétido que exala da água é forte como diz o mesmo.

Neste sentido de percepção e representação feita por este discente, Amorim Filho (2002, p.19) também contribui para o esclarecimento do conceito de percepção, quando escreve que esta é uma “[...] função psicológica que capacita o indivíduo a converter os estímulos sensoriais em experiência [...]”, sendo que essa experiência ocorre de forma organizada e coerente. Destaca-se, portanto, que para esse autor, a noção de percepção se dá diretamente pela interação entre os estímulos sensoriais (Visão, audição, tato, olfato e o paladar), que são apropriados pelo sujeito, e as suas experiências pessoais, que juntos cooperam para organizar de forma coerente, em sua mente, a realidade percebida. Este estudo confirma-se evidências através dos dizeres e do desenho mental do estudante do mapa 07.

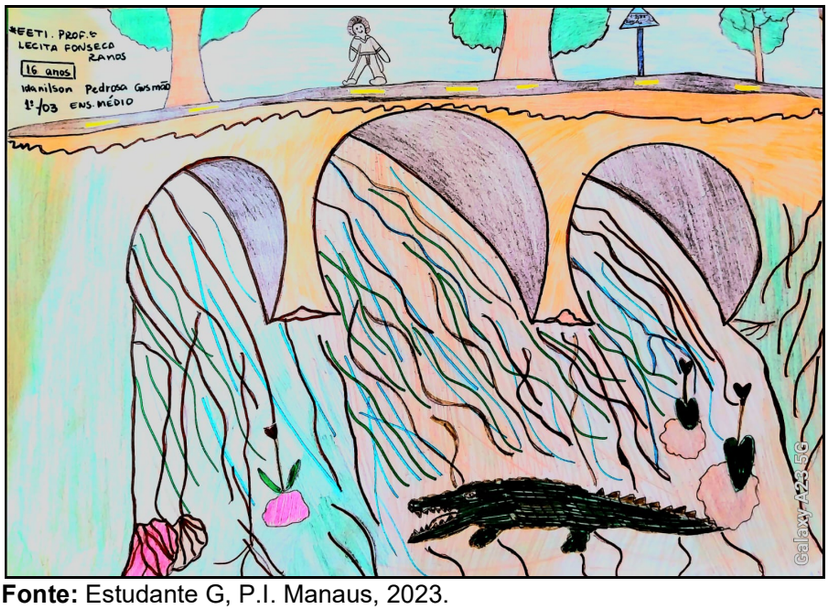
O mapa 08 destaca a parte dos tubos de escoamento das águas das chuvas ou das residências em volta ou adjacentes do Igarapé do Passarinho. Além do despejo de sacolas de lixos domésticos, animais, como o Jacaré etc. E um estudante olhando o estado do Igarapé degradado e contaminado.

A representação do ambiente ou lugar, á mente humana, pode também apresentar uma variedade grande de concepções e percepções, dependendo sempre dos processos mentais que um indivíduo poderá ser capaz de realizar sobre um referido lugar, como podemos visualizar nos desenhos postos e estudados até agora.

Analisando-se diretamente esses processos mentais que podem acontecer sobre um lugar, observa-se que estes irão depender do modo como o indivíduo se apropria mentalmente desse lugar e do modo como a sua vivência lhe deixa sentir e lhe permite transparecer.

Por isso os estudos sobre a percepção do ambiente entram no campo da subjetividade humana, e, esta, só pode ser explicada pela fenomenologia, que "[...] exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência [...]", em forma subjetiva, e esclarece "[...] alguns elementos culturais, como os valores, que caracterizam o mundo vivido dos sujeitos" (TRIVIÑOS, 2012, p.48).

Mapa Mental 8: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante G, P.I. Manaus, 2023.

Estudante G, P.I. (2023):

> A poluição fluvial no Igarapé do Passarinho tem sido uma fonte crescente de preocupação devido ao descarte inadequado de resíduos sólidos e líquidos, resultando em impactos negativos significativos. O acúmulo de lixos, bueiros entupidos, e produtos químicos têm comprometido a qualidade da água, ameaçando a vida aquática e a saúde das pessoas que residem no entorno do mesmo. Contudo, é fundamental o envolvimento ativo da população local, das autoridades governamentais e de ONGS – Organizações não-governamentais na busca por soluções sustentáveis para a preservação ou revitalização do Igarapé do Passarinho.

Observa-se através do desenho e da fala do estudante, uma inquietação, um desconforto, uma possível rejeição pelo lugar, aspectos topofóbicos. Em razão, ao exacerbado descarte de resíduos sólidos e líquidos, resultando em impactos negativos como destaca o docente em sua fala sobre o sentimento pelo lugar ao qual é onde vive.

Um cenário de acúmulo de lixos, bueiros entupidos, e produtos químicos comprometendo a vida aquática e a saúde das pessoas que vivem em seu entorno.
A partir disso, confirma-se que à percepção ambiental dos lugares, os estudos e levantamentos realizados e publicados no livro “Percepção ambiental: a experiência brasileira” do ano de 1996, organizados por Vicente Del Rio e Lívia de Oliveira, tem servido como referência para os estudiosos desse tema no país. Em sua introdução, o livro nos permite compreender um pouco mais sobre como o indivíduo percebe o mundo à sua volta, quando admite que “[...] nossa apreensão do mundo se dá pelos Processos perceptivos que registram e aferem significados à realidade que cada um de nós percebemos como membros de um grupo social e como indivíduos [...]”, e ainda reargumenta que essa realidade é um fenômeno individual, que passa por um processo de reconstrução mental a cada dia.

Como visto a representação no mapa mental na figura 08, do Igarapé do Passarinho, a foto mostra realmente, as tubulações de esgotos nas margens do Igarapé. Quando chove, toda a água escorre por dentro dessas tubulações direto no leito do canal fluvial.

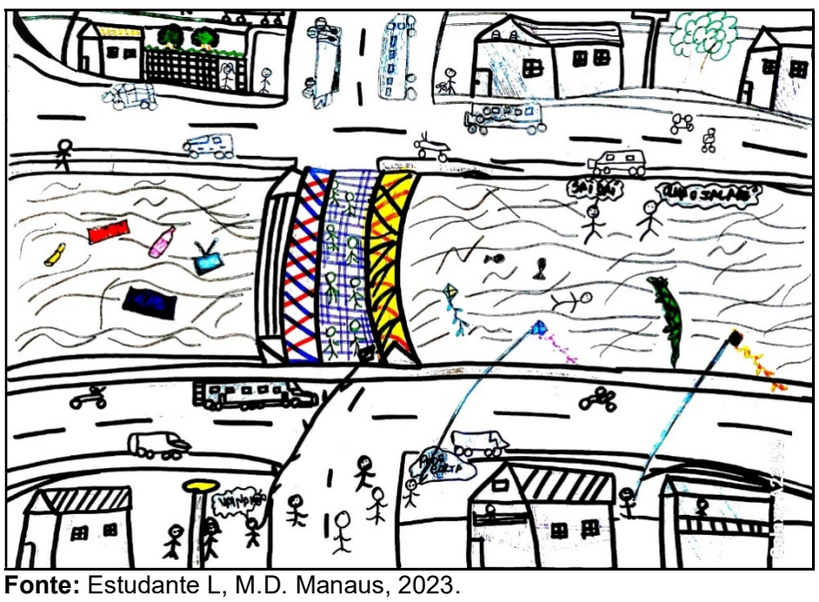
Figura 5: Tubulação de Esgotos nas margens do Igarapé do Passarinho, despejando águas das residências diretas no leito do canal fluvial.

Fonte: Dâmaris Braga, 2023.

Como podemos visualizar no mapa mental 09, temos um cenário poluído, tanto no Igarapé quanto no espaço urbano, por carros, ônibus, casas, pessoas etc.

No que pese ser a realidade de cada elemento fundante para que o indivíduo construa sua percepção sobre os lugares, visto que esta é dotada, como já escrito, de uma subjetividade singular, observa-se que em alguns casos, essa realidade pode referir-se a um grupo de pessoas que possuem certa identificação coletiva com o ambiente, por pertencerem, por exemplo, a um mesmo grupo social que compartilha interesses em relação ao lugar.

Mapa Mental 9: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante L, M.D. Manaus, 2023.

Estudante L,M.D. (2023):

> Eu desenhei o Igarapé do Passarinho como évisto hoje em dia, com muitapoluição e contaminação em razão dos descartes de resíduos sólidos tais como; garrafas pet, televisão, sofá, mesas, guarda-roupas etc. Quando chove, o igarapé fica transbordando e provoca alagações.

A percepção do estudante da representação **do mapa 09**, traz a realidade atual do Igarapé, com a presença de muita poluição e contaminação. Isso traz um descontentamento pelo lugar, um sentimento topofóbico de desafeto.

Praticamente, a maioria dos estudantes que contribuíram por meio de suas representações, falam e transmitem a mesma mensagem de poluição visual, ambiental do lugar em seus mapas mentais.

O mapa mental 10 reporta uma paisagem menos poluída, com vegetação arbórea, contudo transita ao mesmo tempo, que, com a presença do ser humano, temos um lugar que foi sendo destruído, desmistificado, de sua originalidade inicial ao passar dos anos.

Mapa Mental 10: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho.

Fonte: Estudante M, Q. M. Manaus, 2023.

Estudante M, Q.M. (2023):

> Pela minha representação do Igarapé do Passarinho, foi um dia um lugar limpo, mas ao passar do tempo, começaram a degradar, por causa das pessoas vão lá usar drogas, bebidas alcoólicas etc. Almejo ver o Igarapé limpo um dia, mas a colaboração da sociedade é muito importante. Ações estas, como plantar árvores, pararem de lançar lixos etc. Assim, o Igarapé

> poderá voltar a ser limpo, ter menos alagamentos e diminuir a transmissão de doenças por veiculação hídrica.

O estudante do mapa 10 destaca alguns motivos da degradação do espaço urbano, em razão das pessoas usuárias de narcóticos, bebidas alcóolicas entre outras razões. Ao mesmo tempo em que pontua os pontos negativos, ele almeja ver um dia o Igarapé voltar a ser limpo, ter menos alagamentos, e a diminuição dos índices de doenças por veiculação hídrica.

Confirma-se então que a percepção ambiental está intimamente associada ao conceito fenomenológico de lugar, quer individual ou coletivo, pelo modo como os sujeitos lhe atribuem significados e deixam aflorar sentimentos e valores bem expressivos através de suas falas e de suas representações.

Para Amorim filho (2002) através dos estudos sobre a percepção do ambiente ocorre uma valorização da maneira de explorar os lugares e paisagens da Terra. Esse autor esclarece que:

> [...] as aspirações, decisões e ações, individuais ou coletivas, que os homens desenvolvem em relação ao ambiente em que vivem podem ser avaliadas através de uma cuidadosa análise das atitudes, preferências, valores, percepções e imagens que a mente humana tem a capacidade de elaborar [...] (AMORIM FILHO, 2002, p16).

No campo do conhecimento da Geografia, como já foi estudado, o principal representante dos estudos sobre a percepção ambiental na atualidade, é o geógrafo sino-americano Yi-FuTuan. De acordo com esse autor, existem consideráveis diferenças na maneira como as pessoas percebem o mundo, ao ponto de considerarmos, pelas diferenças e preferências próprias de cada indivíduo, há “mundos pessoais”, em que os conceitos e atitudes em relação à vida e ao ambiente onde se vive podem variar, pois refletem necessariamente percepções individuais, podendo mudar de acordo com a idade, sexo ou estrutura social, por exemplo, (TUAN, 2012).

O mapa mental 11 traz uma percepção de um lugar destruído pela ação antrópica, destacando a falta de iluminação, os índices de assaltos têm aumentado nos últimos anos pelo local.

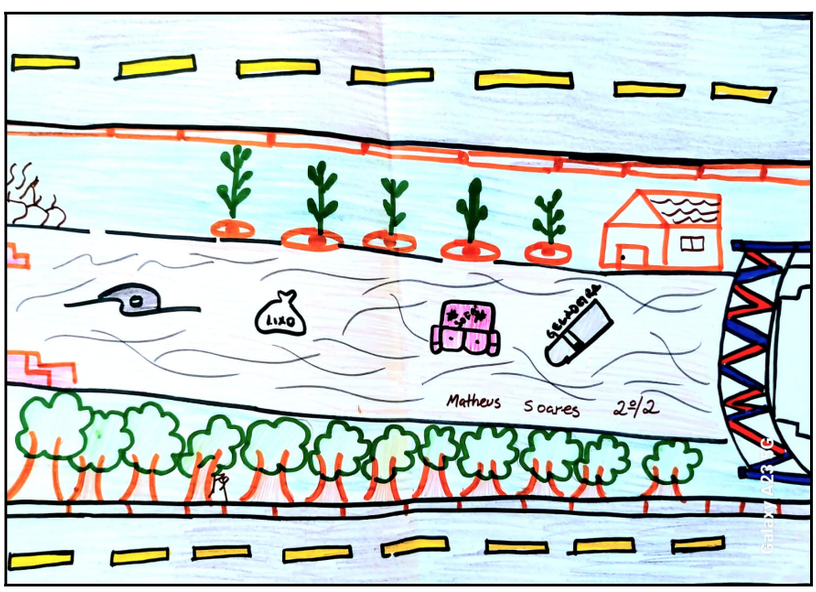
Em vista disto, abstrai-se que a percepção de um indivíduo em relação ao lugar onde vive pode ser influenciada por diversos fatores, que compreendem a sua realidade individual, dos quais destacamos:

- 1 – O tempo em que se vive no lugar;
- 2 – As relações sociais e econômicas que acontecem nesse lugar;

- 3 – As características das paisagens naturais ou humanizadas que foram Historicamente construídas nesse lugar;
- 4 – E ainda quando se compara cada uma destas características com outros lugares, quer estes sejam considerados melhores ou piores.

Sabe-se que é no processo de expansão urbana, com a ocupação de determinados espaços e modificação de outros, as consequências destrutivas ao ambiente muitas das vezes são irreversíveis diante das ocupações irregulares, corroborando para transformações expressivas nos aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais do lugar, impondo valores e preços às áreas ainda não exploradas, intercâmbio de áreas desmatadas, diversidade do uso da terra e apropriação do espaço por diferentes atores sociais responsáveis pela estruturação da cidade, com alteração de seu conteúdo, função e forma (CAVALCANTE, 2003).

Mapa Mental 11: Representação do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante S, M. Manaus, 2023.

Estudante S, M. (2023):

> A minha representação através do desenho do Igarapé do Passarinho, tento transmitir uma mensagem de como tudo mudou durante os tempos. Era tudo perfeito e maravilhoso, mas a humanidade é horrível, a cada dia que passa, o nosso igarapé está mais poluído com lixos e bregueços empilhados, sem contar com a falta de iluminação e índices de assaltos tem acentuado pelo meu bairro.

Como é possível notar, a paisagem humanizada do lugar, que foi historicamente modificada e construída sobre um prisma de degradação praticamente irreversível a voltar ao que era antes.

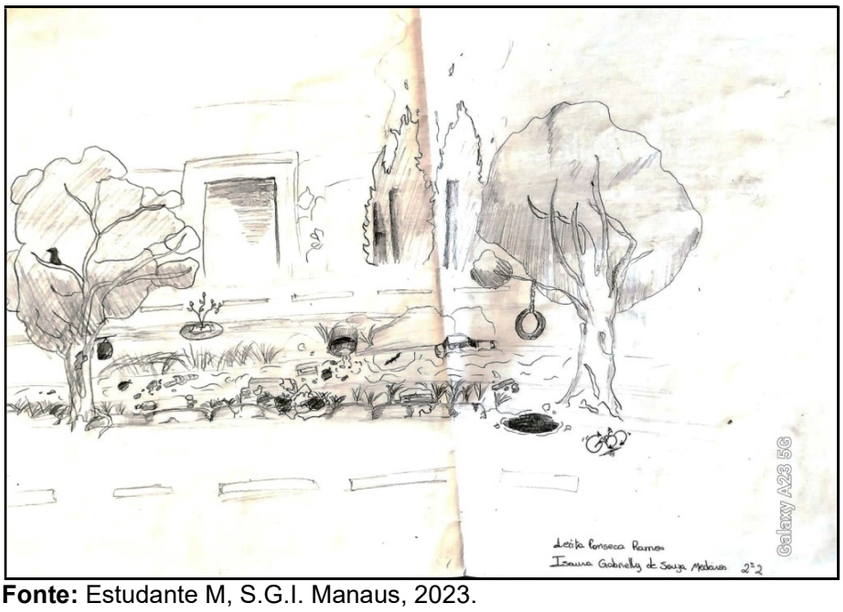
Logo, como confirma os estudos de Tuan que a partir da visão ou percepção de um indivíduo ou sujeito social em relação a um determinado local, principalmente o local onde vive, é condicionada por elementos do ambiente social e do ambiente físico, sendo também fortemente influenciada pelas experiências anteriores que cada indivíduo traz consigo (TUAN, 2012).

Desta maneira, reitera que a percepção aparece associada à atitude, que nada mais é do que a postura ou posição que se toma frente ao mundo, ou frente a situações ou ainda frente às paisagens. A atitude é formada acima de tudo pelo conjunto de experiências e de vivências que temos, e essa experiência além de possuir um caráter pessoal, reflete muitíssimo o ambiente social em que o indivíduo foi concebido e desenvolveu-se. Nesse sentido Tuan (2012, p.18) esclarece que:

> [...] a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados [...].

O mapa mental 12 traz um desenho a lápis da representação do Igarapé do Passarinho, a estudante, procurou impermeabilizar o papel A3 com cola branca, ao qual trouxe certo destaque nos traços desse esboço em preto e branco.

Mapa Mental 12: Esboço Representativo do Igarapé do Passarinho em Preto e Branco.



Fonte: Estudante M, S.G.I. Manaus, 2023.

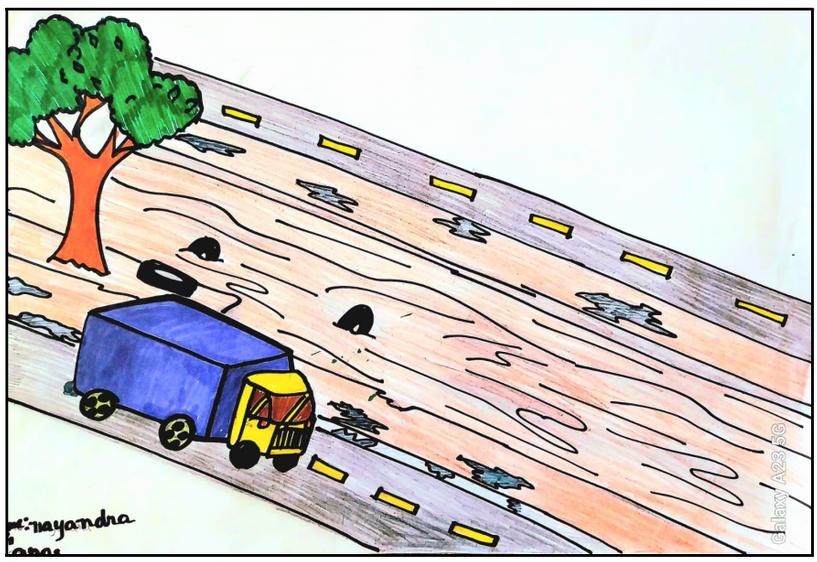
Estudante M,S.G.I. (2023):

> A transcrição do desenho tem a representatividade da realidade da situação encontrada atualmente no Igarapé do Passarinho. Onde acontece vários eventos desagradáveis e destrutivos no desenho como o esgoto cheio, corpo encontrado no Igarapé, tentativa de restauração da Flora, residência pegando fogo etc. O medo do lugar não afeta só o ambiente natural, cidadãos também são prejudicados, animais abandonados, ruas defeituosas, causando acidentes, sem contar com os moradores de ruas, vivendo em condições precárias e risco de vida.

Como podemos compreender através do desenho do **mapa 12** e por meio da narrativa feita pelo estudante. Temos um desenho que transmite um desastre no cenário ambiental do local. Além de trazer um sentimento de medo, pavor, repulso pelo lugar. Como traz a fala do estudante, o medo pelo lugar, não somente afeta o ambiente natural, mas principalmente os moradores deste local. Em razão dos animais abandonados, ruas defeituosas, ocasionando acidentes. Além dos moradores de ruas que vivem em condições precárias e risco de vida.

O mapa mental 13 traz um aspecto de representação de uma ocasião de inundação do Igarapé em dias chuvosos. Ultrapassa o limite das ruas, chegando até nas casas, acontecendo rompimentos de pontes, ruas ou até mesmo destruição de residências.

Mapa Mental 13: Representação em desenho do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante R, F.N. Manaus, 2023.

Estudante R, F.N. (2023):

> O Igarapé do Passarinho está sendo representado em desenho com o intuito de mostrar a realidade do lugar e dos moradores residentes em seu entorno que lutam contra as alagações em suas residências como podemos

> visualizar no desenho mental. Temos o Igarapé cheio em um dia de chuva, o curso fluvial com bastante lixo, atrapalhando o deslocamento de pessoas que caminham nas calçadas que estão erodidas e desgastadas pelos processos físicos e químicos do sol, chuva etc.

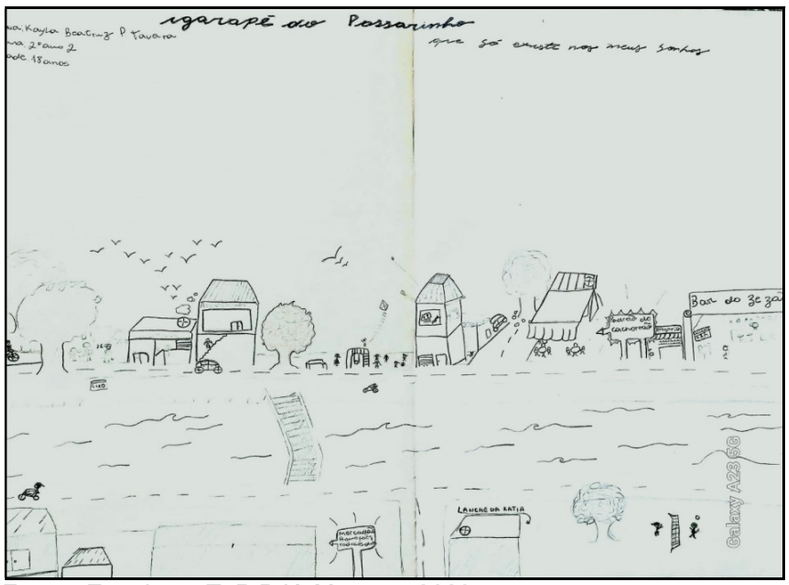
O mapa mental do estudante, expressa um cenário do Igarapé inundado com nível pluviométrico, acima do nível do mar, com bastantes resíduos sólidos, como pneus, garrafas etc. Além da coloração da água, ficar toldada em razão dos sedimentos em suspensão.

Em vista dessa realidade, podemos entender que a percepção do ambiente (quer afetiva ou de rejeição) é pessoal, e dependente do conjunto de experiências que uma pessoa traz consigo, haja vista que, em um mesmo ambiente físico ou social, dois seres humanos, porém com históricos de vida diferentes - portanto com experiências e atitudes diferentes -, percebem o ambiente de distintas formas, baseados sobretudo em suas vivências.

O mapa mental 14 traz um desenho representando o Igarapé estudado menos degradado, uma paisagem mais natural e menos poluição visual e hídrica. A área onde está localizado o Igarapé do Passarinho compõe principalmente o bairro Nova Cidade, o qual foi arquitetado o Conjunto Nova Cidade que foi iniciado segundo Souza (2014) como um Conjunto Habitacional destinado à população de baixa renda, o projeto habitacional da Cidade Nova, foi o responsável por grandes mudanças ou transformações no espaço urbano de Manaus.

Entretanto, a ação das políticas não contemplou os problemas gerados pelo incidente populacional, tendo por consequências, ocupações irregulares ou as empiricamente denominadas “invasões”, ocorridas na década de 1980, dando origem a outros bairros, além dos que foram estabelecidos nos limites da microbacia hidrográfica do Passarinho.

Mapa Mental 14: Representação Mental do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante T, P.B.K. Manaus, 2023.

Estudante T, P.B.K. (2023):

> Quando fiz o desenho mental sobre o Igarapé do Passarinho, tentei transmitir o que gostaria como fosse. Queria muito que fosse um lugar segura, limpa, com pessoas felizes e com uma paisagem bonita e segura. Sei que para chegarmos nesse resultado, precisamos tanto da ação do governo, como da população no local. Atualmente temos projetos ambientais em algumas escolas como o PCE - Programa Ciência na Escola (FAPEAM). Mas só em algumas escolas. De 11 anos de estudos, tive a oportunidade de fazer parte de um projeto na escola quando já estava na 1ª série do Ensino Médio. O projeto que fiz parte, falava sobre a revitalização do Igarapé do Passarinho, foi quase 1 ano de projeto e neste período, pude sentir e perceber também o descaso das autoridades sobre o cuidado e preservação do mesmo. Eu penso, que se as leis ambientais fossem cumpridas, hoje não estaríamos sofrendo tanto com o impacto da poluição e desmatamento, queimadas na área. Assim, para que esse cenário mude, precisamos reforçar a educação ambiental nas escolas, pois é ainda no começo da vida que se forma opiniões e costumes.

O estudante do **mapa 14** buscou transmitir através de seu desenho, um cenário bonito, preservado, com pessoas plenas e felizes. E destaca a importância da ação do poder público nesta área com a finalidade de promover obras de engenharia para a retirada do acúmulo de sedimentos em razão dos despejos de resíduos sólidos no canal.

Como mostra várias pesquisas, o contexto histórico das mudanças espaciais nos Igarapés da Cidade de Manaus abrangeu processos de aterro e compressão das margens dos rios, situando assim, um grupo de alterações no canal original para se adequar às vias públicas. Anterior às obras de intervenções do poder público, pois dentro dos igarapés, apresentava suas morfologias estruturais

sinuosas. Com a retificação do canal, a velocidade da água nestes canais urbanos passa a atingir força suficiente, para transportar os sedimentos, proporcionando a formação de novas barras fluviais.

Como corrobora os estudos de Souza (2014), o autor percebeu que os padrões dos canais existentes no curso principal da Microbacia do Passarinho, retribuem a dois padrões que se alternam ao longo de seu curso fluvial, sendo estes, o retilíneo localizado na área correspondente a extensão do curso superior e o meandrante em toda extensão do curso médio e curso inferior da microbacia.

Souza (2014 p.57) observa o padrão retilíneo principalmente no curso superior da microbacia do Passarinho o autor percebe a influência direta das obras de engenharia: retificação e canalização praticada nas margens e no leito do canal. Perfis estes, de intervenção, são executados pela razão de aprimorar o fluxo e a vazão ou o escoamento pelo canal de drenagem, aumentando o volume de escoamento das águas pluviais e residuárias. Todavia, muitos destes objetivos acabam afetados pela retirada da vegetação marginal, pelo assoreamento do leito e principalmente pela ocupação das áreas de retenção natural das águas, como as planícies de inundações em ambiente urbano.

Apesar disso, quando consideramos os ambientes fluviais em áreas urbanas como é o caso da Microbacia do Passarinho, é possível constatar que as barras arenosas formadas ao longo do canal são compostas não somente dos sedimentos naturais, como descrevem as literaturas clássicas relacionadas à geomorfologia fluvial, mas, incluem-se nestas feições os resíduos sólidos urbanos descartados direto ou indiretamente nos sistemas de drenagem.

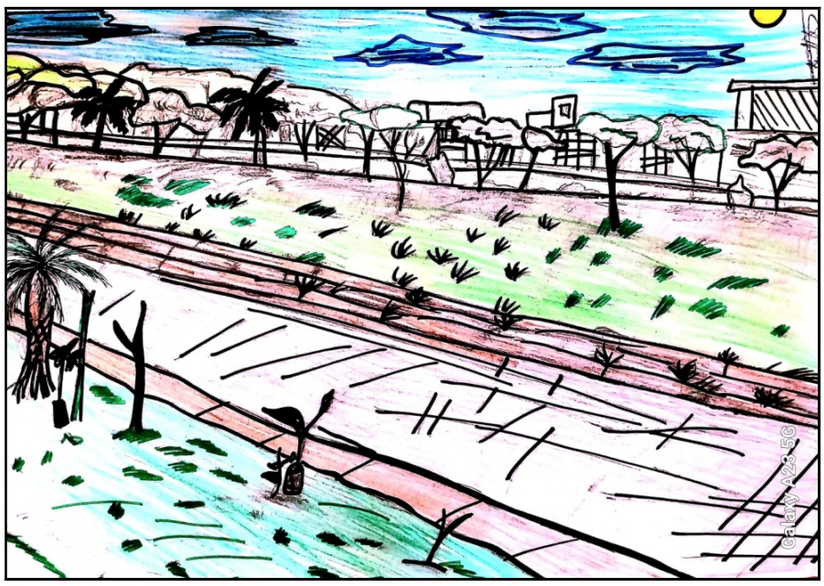
Figura 6: Margem esquerda do canal de drenagem mostra as barras laterais composta por acúmulo de sedimentos naturais.

Fonte: Dâmaris Braga, 2024.

Referente a esse estudo, Cunha (2010), ressalta que no território brasileiro são inúmeros os exemplos de formas de degradação ambiental que acontece em ambientes fluviais, rios e canais de drenagens, trazendo como básicas as alterações nas dimensões da calha, proveniente de erosão das margens, assoreamento, provocados pela chegada de maior volume de sedimentos figura . Por isso, que nos ambientes urbanos, o volume de sedimentos é acrescido pela contribuição de lixo, dando origem a formação de barras laterais, reduzindo a capacidade de vazão do canal, e, favorecendo as inundações e degradação da qualidade da água.

O mapa mental 15 traz uma paisagem bem natural, preservada com vegetação arbórea, o igarapé ainda, não contaminado totalmente. Poucas moradias em seu entorno.

Mapa Mental 15: Representação Cognitiva do Igarapé do Passarinho.



Fonte: L, K. Manaus, 2023.

Estudante L, K. (2023):

> O Igarapé do Passarinho era um lugar lindo, sem poluição e até banho dava para tomar. Atualmente ele se encontra todo poluído, sujo, com mal cheiro, além, de ser um ambiente muito perigoso com muitos assaltos e criminalidade. Eu penso e espero que no futuro melhore, que volte a ser um lugar seguro, habitável e limpo. Com menos poluição, um ambiente agradável para todos de se viver.

O estudante do **mapa mental 15**, conforme sua narrativa e mapa tentaram transmitir o Igarapé de antes, um lugar lindo, sem poluição e até banho dava para tomar. Mas em contraposição, o igarapé de hoje, se encontra todo poluído, sujo, exalando mau cheiro, além de apresentar um ambiente muito perigoso, com altos índices de assaltos e criminalidade.

Em ambientes urbanos como o Igarapé do Passarinho, para que aconteça o processo de canalização eficaz conforme mostra a figura 08, abaixo surgem as obras de engenharia fluvial, com o intuito de realizar a dragagem, corte e/ou a remoção das obstruções do canal fluvial.

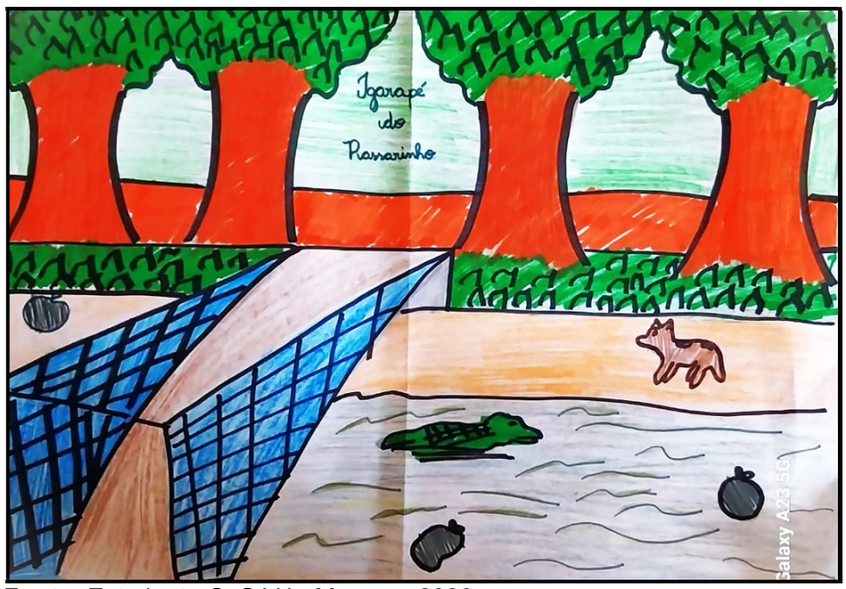
O Igarapé do Passarinho tem se modificado mais velozmente, pela ação antrópica diretamente nos canais, através de obras da engenharia, como construção de barragens, Rip-rap, pontes e diques, retificações dos leitos, alargamentos e profundidade da calha, por meio de dragagens em seu leito como traz a figura 08 abaixo.

Figura 7: Retirada dos sedimentos pelas dragas das margens e do canal fluvial do Igarapé do Passarinho e Resíduos Sólidos.

Fonte: Dâmaris Braga, 2023.

O **mapa mental 16** traz um desenho sob uma perspectiva da lateralidade do canal fluvial, destacando as árvores, sacolas de lixos, animais, dentro do Igarapé do Passarinho. E a coloração da água escura, por contaminação hídrica.

Mapa Mental 16: Representação Espacial sob uma perspectiva lateral do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante C, S.V.L. Manaus, 2023.

O Igarapé do Passarinho é um local, onde passa a água suja e poluída. A água é contaminada e poluída, porque os moradores dos bairros

> adjacentes jogam lixo diretamente no canal hídrico. Antes, o Igarapé era limpo e pessoas tomavam banho e pescavam lá. Mas esses mesmos banhistas, começaram a lançar lixos e resíduos sólidos dentro deste, tais como: Pneus, móveis, garrafas pets, fraldas descartáveis, etc. E atualmente, como mostra o meu desenho, até jacarés ou crocodilos grandes e pequenos são encontrados por lá. Além, dos anfíbios e das cobras que encontram dentro do canal fluvial, principalmente em tempos de chuvas.

O **mapa mental 16** buscou trazer uma representação evidenciando a vegetação das margens do Igarapé, os resíduos sólidos bem como: Pneus de carros, motos, garrafas pets, fraldas descartáveis no leito do canal. Até animais como jacarés, crocodilos grandes e pequenos vivem dentro do canal fluvial e aparecem principalmente em tempos chuvosos.

Figura 8: Vista espacial do Igarapé do Passarinho em dias de chuvosos.

Fonte: Dâmaris Braga, 2017.

Problemas sociais e ambientais tais como: alagamentos, resíduos sólidos, ruas sem pavimentação, sem iluminação na avenida principal. Estão presentes na área atualmente. Os moradores acabam sofrendo de assaltos, violência urbana, riscos de doenças por veiculação hídrica entre outros problemas persistentes na área.

O mapa mental 17 pode observar, na representação do Igarapé do Passarinho, um ambiente bem degradado, destruído, irreversível para voltar ao seu estado de origem. E praticamente, apresenta um ambiente de poluição, desgaste do natural em razão da ação humana. O referido canal fluvial do Igarapé do Passarinho, também se caracteriza por ser um importante tributário do Igarapé da

Bolívia e da bacia hidrográfica do Tarumã uma das mais importantes, situadas no perímetro urbano da cidade.

Assim, considerando os antecedentes de ocupação na área da microbacia, deve-se mencionar que entre os anos de 2001 a 2009, a paisagem ao longo de suas margens passou por grandes transformações, principalmente a partir da construção do conjunto Nova Cidade e das obras de retificação e canalização nos cursos médio e superior do canal principal da microbacia.

Mapa Mental 17: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho.

Fonte: Estudante A, W. Manaus, 2023.

Estudante A, W. (2023):

> O descaso e a poluição dos balneários e igarapés em ambientes urbanos há décadas tem sido um dos grandes causadores de muitas problemáticas socioambientais na cidade de Manaus-AM. O Igarapé do Passarinho, por anos tem sido o reflexo de tais problemáticas como: Enchentes, mal odor, poluição paisagística, sujeira e a propagação de doenças hídricas aos moradores dos bairros e comunidades ao redor e adjacentes. Contudo, os maiores causadores por esta poluição exacerbada no lugar, tem sido originalizada pelos próprios moradores residentes às margens do Igarapé principalmente.

O estudante do mapa mental 17 trouxe em seu mapa, o descaso, e a poluição em balneários e igarapés em ambientes urbanos, que vem acontecendo há décadas e tem sido um dos grandes fatores causadores de muitas problemáticas socioambientais na cidade de Manaus.

O Igarapé do Passarinho tem sido o palco por anos de tais problemáticas como: Enchentes, mau odor, poluição paisagística, sujeira e a propagação de

veiculação hídrica aos moradores dos bairros e comunidades ao redor e localidades adjacentes. Contudo, os maiores causadores por este cenário de poluição exacerbada no lugar, tem sido originalizada pelos próprios moradores residentes às margens do Igarapé.

Em resultado a esta destruição ambiental, acontece grandes inundações, até mesmo acidentes de trânsito, ou até mesmo rompimentos das pontes feitas a concreto, pelas forças das águas no Igarapé do Passarinho. Como mostra a figura 10 na foto abaixo.

Figura 9: Vista da ocasião em que houve uma das maiores inundações e rompimento de uma das pontes de concreto pela força da água em abril de 2009.

Fonte: James Alberto, 2015.

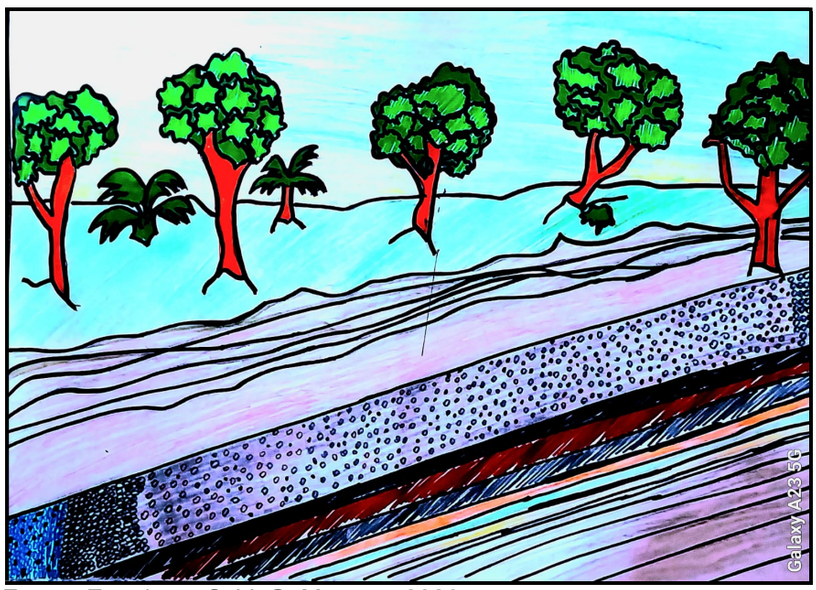
A importância da geografia escolar, neste quesito é indiscutível, lembrando que o ensino de geografia busca ampliar o discurso é notável de se construir um olhar mais cuidadoso para as transformações que ocorrem no espaço, sejam elas de cunho político, cultural, econômico, natural, social, ambiental, individual, coletivo, etc. (RICHTER, 2010).

Compreender essa relação existente do homem social com o mundo em que vivencia, é fundamental para se adquirir uma melhor e maior reflexão para o ensino escolar.

O mapa mental 18 traz um desenho de uma paisagem bem natural, quando era possível utilizá-lo como um recurso natural para fins específicos das práticas

humanas. Como tomar banho, lavar roupas, pescar entre outras funcionalidades de uso e apropriação dele.

Mapa Mental 18: Percepção e Representação do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante S, V. G. Manaus, 2023.

Estudante S, V.G. (2023):

> O desenho representa o meu imaginário mental sobre o Igarapé do Passarinho, eu quis mostrar o Igarapé de antigamente. Com uma configuração panorâmica *in natura,* quando ainda era possível tomar banhos, continha variedades de animais aquáticos, como peixes, aves, diversidade de pássaros. A fauna e a flora eram fantásticas neste ambiente urbano. Como sabemos, um Igarapé é um curso d'água típica da região amazônica, geralmente de menor porte, crucial no Ecossistema da floresta tropical. Fornecedor de água e *hábitat* para uma grande variedade de espécies de plantas e animais.

O estudante no seu mapa tentou transmitir a importância do recurso hídrico para o ciclo da água como ao Ecossistema do Planeta Terra. Afinal, água é fonte de vida e existência humana e animal.

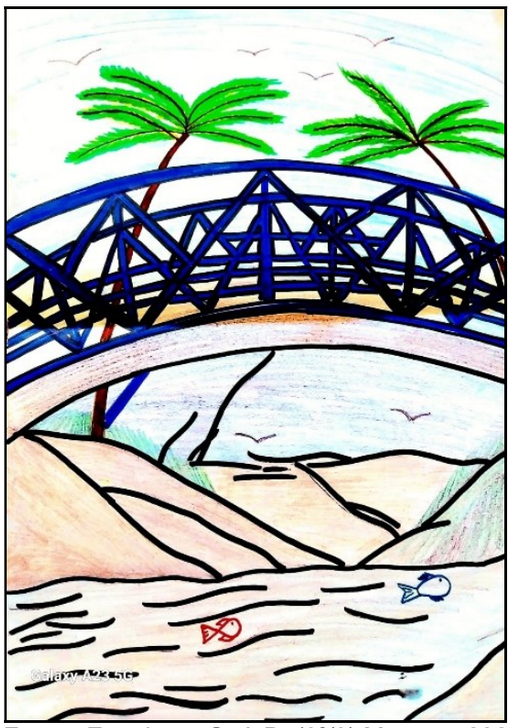
O mapa mental 19, traz um ambiente do Igarapé renaturalizado, como era antes de ter sido destruído pela ação humana no local. Na formação do pensamento geográfico, a paisagem destaca-se como ponto de partida de análise, capaz de fazer a aproximação em primeira instância com o lugar de vivência.

Desta forma, "estudo da paisagem não só traz consigo o ensino de geografia, como também o aperfeiçoamento da percepção, dos sentidos e do aparelho

cognitivo, auxiliando de maneira ampla a aprendizagem do educando" (MACIEL; MARINHO, 2011, p. 59).

Assim, considerando os antecedentes de ocupação na área da microbacia, deve-se mencionar que entre os anos de 2001 a 2009, a paisagem ao longo de suas margens passou por grandes transformações, principalmente a partir da construção do conjunto Nova Cidade e das obras de retificação e canalização nos cursos médio e superior do canal principal da microbacia.

Mapa Mental 19: Representação de um Igarapé Restaurado.



Fonte: Estudante O, A.D. (3º/3) Manaus, 2023.

Estudante O, A.D. (2023):

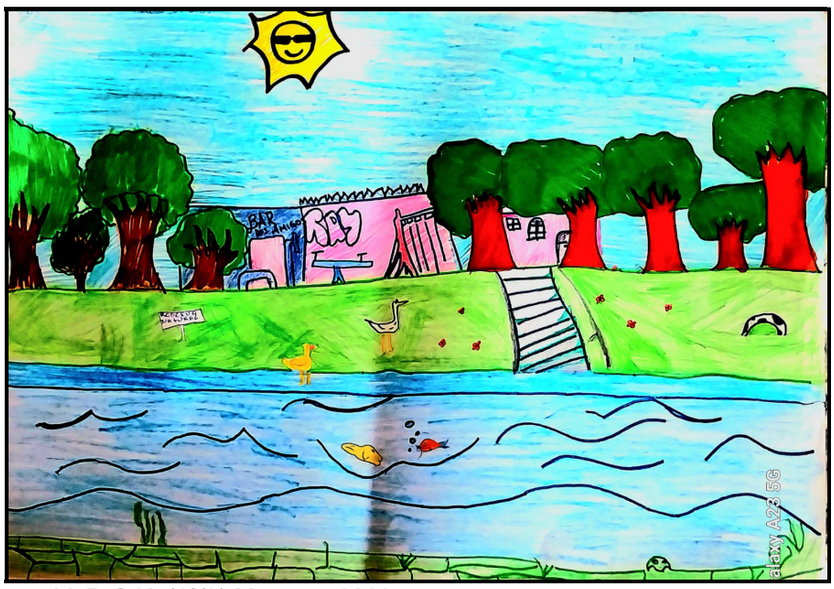
> Como proposta de representação em desenho do Igarapé do Passarinho. Tentei expressar uma perspectiva sem contaminação, pois acredito em um amanhã melhor. Atitudes individuais e coletivas tanto do Estado e da sociedade como um todo bem como: Campanhas de sensibilização ambiental, mobilização e ações sociais que movimente uma campanha de limpeza para o igarapé, um sistema de esgoto organizado e estruturado para que não deságüem detritos sólidos dentro deste recurso hídrico. Espero por ver um dia a possibilidade de voltar ao que era antes, um grande espaço de balneário e poder desfrutar do mesmo.

O estudante que desenhou o **mapa mental 19** tentou transmitir uma perspectiva de um lugar sem contaminação, poluição hídrica, pois, este acredita em um amanhã melhor.

É formidável mencionar que a cidade de Manaus é entrecortada por densa rede fluvial, destacando-se a Microbacia do Passarinho, onde o sistema de drenagem desempenha importante papel com relação à dinâmica do ciclo hidrológico na Amazônia. As causas da degradação de bacias hidrográficas têm sido bastante estudadas, e caracterizadas por seu caráter antropogênico e os principais fatores poluentes em todas as bacias hidrográficas de Manaus são: o lançamento dos esgotos residenciais e a enorme quantidade de lixo sólido que são lançados diariamente dentro e nas margens dos afluentes que formam a bacia.

O mapa mental 20 traz um desenho de uma visão positiva de uma possível ressignificação/restauração do lugar.

Mapa Mental 20: Representação e Concepção do Igarapé do Passarinho.



Fonte: Estudante V, D.C.K. (1º/3) Manaus, 2023.

Estudante V, D.C.K. (2023):

> O meu desenho foi construído sob uma perspectiva possível de ressignificação/restauração do lugar. Uma paisagem de um Igarapé limpo, pois há tempos atrás, podia-se nadar e beber água cristalina deste. Mas infelizmente as pessoas, os próprios seres humanos, nós não respeitamos a nossa morada, não cuidamos da nossa casa. Com isso, o Igarapé do Passarinho virou um esgoto à céu aberto, um verdadeiro lixão. Ao passar ao lado, é possível enxergarmos um verdadeiro estrago que causamos como humanos; não seria incrível se estivesse completamente limpo? Teria pássaros em todo o panorama do lugar. Afinal, não é denominado Igarapé do Passarinho? Por que não há pássaros, aves? É uma pergunta a se pensar, eu sou uma pessoa que julga muito, mas se eu faço a minha parte, tento minimizar os estragos.

O estudante do mapa mental 20 tentou despertar um senso crítico através de sua narrativa e por meio do desenho representativo do Igarapé. Com o rápido crescimento das populações humanas em todo o mundo tem levado o crescente aumento da produção de bens de consumo. Além disso, cada vez mais, o homem tem-se enveredado pelo caminho do desperdício intencional, com a introdução na sua vida de objetos “descartáveis” que constituem moda hoje em dia.

A observação *in loco* de que nas grandes aglomerações urbanas o problema do lixo assume proporções caóticas, sendo que, é nas grandes cidades, onde o consumismo e a utilização de material descartável são bem maiores, e o problema do acúmulo do lixo é o que mais afeta a sociedade direta e indiretamente. O problema causado por esses “objetos descartáveis” varia de local para local. Por exemplo, em cidades com excelentes serviços de coleta e reciclagem de lixo essa questão pode ser minimizada. Porém, em cidades com condições precárias nesse tipo de serviço o problema torna-se complexo.

A sociedade de consumo e de descartáveis transformou as cidades em fábricas de lixo. Decorrente do desenvolvimento acelerado e desorganizado da zona urbana, o lixo tornou-se um dos maiores problemas ambientais da atualidade. No Brasil, o processo de urbanização é caracterizado pelas elevadas taxas de crescimento populacional e expressiva concentração de espaço, o que causa graves problemas ambientais, tais como: lançamentos concentrados de esgotos sanitários “*in natura*”; recorrência de cheias nos igarapés urbanos; deposição inadequada de lixos sólidos, comprometimento dos mananciais com a redução de oferta hídrica para o abastecimento público; limitação de tarefas que usam a água como recurso produtivo e degradação de áreas de interesse para a manutenção de níveis adequado de qualidade do meio ambiente (PQA, 1997).

Em suma, podemos até sonhar com um igarapé limpo, in natura, mas não vai passar de uma utopia tudo isso. Frente à realidade do ambiente destruído, e irreversível a voltar o seu estado cristalino e puro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fenomenologia subsidia teoricamente a Teoria da Percepção, proporcionando a abordagem das relações que o sujeito tem com o ambiente, por meio de seus processos cognitivos, mentais e sociais, ocasionando a compreensão do mundo observado pelo sujeito. Quando estabelecemos uma relação entre a Percepção

Ambiental e Educação Ambiental pode-se perceber que ambas se correlacionam, esta conduz o sujeito a refletir sobre as questões ambientais, e pensar consciente as relações entre o homem e o meio ambiente. A percepção ambiental, trata-se, portanto, de compreender as modalidades segundo as quais os seres humanos constroem suas relações com os lugares, quer eles sejam simbólicos, constitutivos de identidade, ou mais banais e familiares.

Em vista destes pressupostos, os resultados, as discussões e as convicções apresentadas nesse trabalho foram construídos ao longo de alguns anos. Refletem a consolidação de um projeto desenvolvido sob a perspectiva de um estudo voltado diretamente para um grupo de moradores, os estudantes; eles não representaram diretamente estudantes dentro de uma escola, mas moradores que vivenciam, percebem o ambiente urbano em seu entorno como um lugar sob um prisma Topofílico ou Topofóbico. Dois termos que foram estudados, conceituados e ampliados pelo Geógrafo Sino-Americano Yi-Fu Tuan em 1979 como já vimos anteriormente.

O objetivo de: Compreender a percepção de estudantes do Ensino Médio em relação ao Igarapé do Passarinho, observando se este espaço é de topofilia ou de topofobia na cidade de Manaus a partir da representação dos estudantes das séries finais do Ensino Médio por meio dos mapas mentais. Levou-nos a buscar a fenomenologia como o princípio metodológico, que veio guiar nossas etapas e procedimentos, tendo os mapas mentais como recursos, que representaram a percepção dos estudantes.

As ideias e as convicções debatidas nesse texto, foram pautadas em discussões que levam em consideração o sujeito como agente que percebe o fenômeno, são indivíduos sociais que vivenciam a realidade cotidiana de uma cidade, eles não são tabulações, nem números, não representam apenas informações coletadas, eles são moradores, atores principais, com experiências vivenciadas nas paisagens que representaram. São estudantes, mas poderiam ser motoristas de ônibus, feirantes, comerciantes, professores, ambulantes; entretanto, seriam moradores. Portanto, os estudantes envolvidos nessa pesquisa são acima de tudo, moradores da cidade de Manaus-AM.

Procuramos discutir a realidade de uma área de preservação permanente-APP. Assim, o cenário socioambiental presente na Microbacia do Passarinho não difere de outras regiões brasileiras, o processo de urbanização acelerado sem

acompanhamento de infraestrutura acarretou como consequências, a destruição da base física e social para as cidades brasileiras. Logo, exemplos como a retirada da cobertura vegetal, que acelera processos erosivos e aumenta a carga de sedimentos nos canais fluviais, com a implicação da perda de profundidade, lançamento indiscriminado de esgoto nos cursos d'águas, ocupações espontâneas em áreas de encostas com o risco de desmoronamento ou das margens dos canais urbanos, expostos ao transbordamento do canal, impermeabilização do solo; além do limite permitido em bacias hidrográficas, favorecendo o escoamento superficial, obra de engenharia inadequada nos canais gerou a perda do índice de sinuosidade alterando as características naturais que colaboram para o bom funcionamento da rede de drenagem; lançamento de lixo nos corpos d'água entre outros, completa o cenário de destruição.

Esse trabalho trouxe como resultado as representações do Igarapé do Passarinho, em ambiente urbano, constituídas de símbolos percebidos pelos estudantes das séries finais do Ensino Médio, elementos perceptíveis e imperceptíveis. Contudo, cada uma delas, nos proporciona variadas informações acerca do tema estudado. Essas paisagens do lugar vivido, representadas por meio dos mapas mentais, foram formadas a partir da percepção que cada um dos estudantes possui das paisagens do Igarapé Urbano que eles vivenciam.

Logo, essa pesquisa ressalta dois pontos importantes acerca dos resultados. Primeiro, é um estudo que leva em consideração a percepção de estudantes (moradores), que vivem e percebe o lugar nesse caso, o nosso objeto de estudo, o Igarapé do Passarinho, como um espaço de topofilia ou topofobia, como já discutimos no desenvolvimento desta pesquisa. Evidenciando aspectos socioambientais dentro das cidades a partir das experiências de seus moradores.

A segunda premissa, não menos importante, é a relevância que esta pesquisa possui para os planejadores, ou melhor, para um plano diretor das cidades, pois este estudo confirmou que existem variados elementos que compõem a paisagem urbana e que ao mesmo tempo representam simbolicamente, a sujeira, a violência urbana, o medo, e a insegurança, resíduos sólidos, inundações, problemas no trânsito etc. A poluição visual paisagística do lugar gera aversão ao ambiente. Sendo de suma importância, uma atenção mais específica e concreta diante dessas problemáticas, ambientais, sociais e econômicas, visando mitigar a simbologia que esses elementos representam aos habitantes do lugar.

Em suma, esperamos que os resultados dessa pesquisa, forneçam aos pesquisadores e as agências governamentais de planejamento urbano, tanto no âmbito municipal como estadual da cidade de Manaus, bases que venham fundamentar estudos e ações que tenham como objetivos de prevenir, mitigar, os aspectos de poluição hídrica, violência urbana, criminalidade, poluição visual, dos canais fluviais em ambiente urbano da cidade de Manaus.

ANEXOS

Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
IFCHS/DEGEOG/Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestrado Conceito 4 - Aprovado pela Resolução nº 009 – CONSUNI de 17/08/95 - Credenciado pela CAPES em set/2000
Reconhecido através da Portaria N. 1.077 - MEC, de 31 de agosto de 2012

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos à Gestora Arethuza Karla Amorim Cavalcanti, a E.E.T.I. Profª Lecita Fonseca Ramos, autorização para realização da pesquisa de mestrado da discente Dâmaris de Jesus Braga, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, orientada pela Professora Amélia Regina Batista Nogueira, tendo como título *Percepção e Ambiente: O Igarapé do Passarinho através dos Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio da E.E.T.I. Profª Lecita Fonseca Ramos na Zona Norte em Manaus-AM.*

Os procedimentos adotados serão através de construção de mapas mentais. A participação dos estudantes é voluntária, tendo eles plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Informamos também no momento da coleta de dados será repassado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos e que, a mestranda assume a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa a participação dos integrantes.

Manaus (AM), 20 de abril de 2023

Cordialmente,

Mircia Ribeiro Fortes
Profa. Dra. Mircia Ribeiro Fortes
Coordenadora do PPG-GEOG
Portaria n. 394, 07/03/2022

Amelia Regina Batista Nogueira
Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Orientadora

Dâmaris de Jesus Braga
Mestranda

IFCHS/PPG-GEOG/MESTRADO EM GEOGGRAFIA/UFAM – Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Setor Norte, Campus Universitário – 69077-000 – Manaus/AM – E-mail: ppgeog@ufam.edu.br; ppgeog@hotmail.com

Recebi em 26/07/2023. Vanessa Lima de Almeida
Pedagoga

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS**. O Comitê de Bacia Hidrográfica: o que é e o que faz?.** Brasília: SAG, 2011.

ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ALVES, Rahyan de Carvalho. et al. **Mapas Mentais e a Representação geocognitiva: Novas possibilidades instrumentais e metodológicas para a compreensão dos lugares e das paisagens.** ISSN: 2446-6549. Interespaço. Revista de Geografia e Interdisciplinaridade. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202109 . Rev. Interespaço. Grajaú/MA; V:07. P. 01-24, 2021.

ALMEIDA, Ana Cristina Figueira. **Uma Análise Interpretativa das Percepções Ambientais dos Condutores do Parque Nacional do Itatiaia/RS**-2017.105f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Geografia. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/13273/1/Dissertacao%20completa%20Ana%20Cristina%20Figueira%20de%20Almeida.pdf Acesso: 10/06/2024.

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação.** São Paulo: Contexto, 1989.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia.** Sociedade & Natureza, Uberlândia, v.11, n.21 e 22, p.67-87, jan./dez. 1999. Disponível:<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/28472/pdf_110>. Acesso em: 27 fevereiro 2022.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico.** São Paulo: Atlas, 1987.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993. (Didática).

ARCHELA, R. S.; GRATAO, L. H. B.**O lugar dos mapas mentais na representaçãodo lugar.**Geografia (Londrina), Londrina, v. 13, n.1, p. 133-149, 2004.

ARMSTRONG, T. **As melhores escolas**. Porto Alegre, Artmed, 2008. BRABANT, J. Crise da Geografia, crise na escola. In: OLIVEIRA A.U.de. (Org.) para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto,1953.

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

AZARA. M. **Paisagem sensível: A percepção do espaço urbano na obra de Samuel Rawet.** Belo Horizonte v. 21 n. 3 set.-dez. 2015.

BATISTA, N.L; BECKER, E. L. S; CASSOL, R. **Os mapas mentais e a percepção ambiental dos alunos de ensino médio do município de Quevedos/RS**. In: XI Encontro Nacional da ANPEGE. Presidente Prudente, SP: ANPEGE, 2015.

BATISTA, Natália Lampert; CASSOL, Roberto; BECKER, Elsbeth Léia Spode. **Os mapas mentais e a percepção ambiental de estudantes do ensino médio: uma abordagem na Geografia Humanística.Geografia em questão**, v.9, n.1, p. 45-59, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/13078/9599>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BERTIN, M. **O ensino da geografia na Tríplice Fronteira (Puerto Iguazú/AR, Foz do Iguaçu/BR e Ciudad del Este/PY), e o turismo como possibilidade de reflexão das representações sociais e espaciais**. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Porto Alegre, RS: 2014.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Editora UFPR. R. RA'E GA, Curitiba, n.8, p. 141-152, 2004.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002.

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (Org.). ***Perspectivas da Geografia***. São Paulo. Difel, 1982. Cap. 8. P. 165-194.

CABRAL, Luiz. Otávio. (2000). **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Geosul, Florianópolis, v.15, n.30, p. 34-45, jul./dez.2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252/13053 Acesso em: 07/11/2023.

CALLAI, H. **Estudar o lugar para compreender o mundo.**In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Aldani Braz; SANTOS, Bianca Cristtina Ferreira et al. **Mapas Mentais e Percepção da Paisagem por Estudantes do Ensino Médio da Escola Dairce Pedrosa Torres em Altamira-PA.** Revista Percurso-NEMO. Maringá, V. 12, n.1, p. 49-75, 2020.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. **Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica.** Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, volume especial, p. 59-79, março de 2013.

Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3443/2069>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CASTELLAR, Sônia. M.V. **Ensino da Geografia.** São Paulo: Cengage Leaning. 2010. (Coleção ideias em ação). P. 29.

CASTELLAR, Sônia. M.V. **A Geografia no Ensino Fundamental**. In: Secretaria de Educação. PEC. Formação universitária: Municípios: São Paulo: Secretaria de Educação. 2004. V. 6 p. 15161.
CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano** / Antônio Castrogiovanni, organizador. – Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.

CAVALCANTI, L. S**. Geografia, escola e construção de conhecimento /**Lana de Souza Cavalcanti. – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CERDEIRA RIZZO, C. P. **A percepção do lixo na perspectiva de diferentes atores sociais no ambiente urbano de Paranaguá: Curitiba, UFPR** (Tese de Doutorado) 1999.

CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática. 2006.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **As Perspectivas dos estudos geográficos.** In: . ***Perspectivas da Geografia.*** São Paulo: Difel, 1982, Cap. 1, p. 11-36.

CLAVAL, Paul. **O Papel da Nova Geografia Cultural, na compreensão da ação humana.** In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto, L. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001 p. 40,41.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo:
Ática, 2003. (Série Princípios).

. **Espaço, um conceito-chave da Geografia.** In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo
César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia:* conceitos e temas. Rio de
Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.15-47.

. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Silvia Adriana Lima. **Do Igarapé ao Rip Rap: O Processo de Constituição da Paisagem de um "Lugar Perigoso" em Manaus.** DOI 10.53000/rr. v14il.17024.RURIS. Campinas. SP, V.14. n. 01. P. 18-48. Mar. 2022.

COSTA, Carlos Odilon da. **Fundamentos epistemológicos da geografia.** Indaial: UNIASSELVI, 2019. 217 p. ISBN 978-85-515-02556. Centro Universitário Leonardo da Vinci.

COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues; NOGUEIRA, AméliaRegina Batista. **De Eduardo a Eduardo: a cidade sobre os igarapés.**Revista eletrônica *Aboré***,** Manaus, Escola Superior de Artes eTurismo Manaus, n 5. p.190 dez. 2010.

COSTA, R.C. (2015). **Do Lugar à totalidade: metabolismo urbano, previsão de impacto e planejamento.** In: Freitas, C.M., & Giatti, L.L. (Org.). Sustentabilidade, ambiente e saúde na cidade de Manaus, (pp.73-90). Edua, Editora: Fiocruz.

CUNHA, Sergio Luiz (org.) **Manaus: minha cidade, meu lugar**. 1ª ed. São Paulo: Sistech Tecnologia Educacional, 2016.

DA INCARNAÇÃO, Iuri Duque. **Percepção Ambiental dos estudantes do ensino médio em Porto Real – RJ**. 2013. 91p. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, 2013.

DARDEL, Eric. (2011). **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução: Holzer, Werther: São Paulo: Perspectiva, 2011 p. 39, 41, 47, 51...

DEL RIO, V. **Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ**. In: _____; OLIVEIRA, L. (Orgs.). Percepção ambiental:a experiência brasileira. São Paulo: Ed. UFSCAR, 1996. p. 3-22.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** Trad. Maria José J.G. Almeida. São Paulo: Centauro, 2008.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DIEGUES, A,C. **Etnoconservação**: **Novos rumos para proteção da natureza.**SãoPaulo: HUCITEC,2000,P.28.

DUNCAN, James. **A paisagem como sistema de criação de signos.**In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagens, textos e Identidades. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 90-132.

ENTRIKIN, J. Nicholas**. O humanismo contemporâneo em Geografia**. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1976.

FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural**: uma visão sobrea sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERNANDES, Márcio Luis. **Um outro horizonte em busca da humanização da geografia**. In: Revista: Geograficidade. V. 4. N. 1. Verão, 2014. ISSN: 2238-0205. Notas e Resenhas. P. 78-87. Acesso em: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12891/pdf - 07/11/2023.

FILHO, Amorim, O.B. **Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental.**

Disponívelem:https://sigcursos.tripod.com/percepcao_ultima_fronteira.pdfAcesso em: 23/07/2022.

~~Topo~~**filia, Topofobia, em Minas Gerais**. Percepção Ambiental. São Paulo, 1996.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **DIAS, Edineia Mascarenhas.** ***A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920.*** Rev. Bras. Hist. 21 (40) • 2001. Universidade Federal do Pará. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/XtLF8zgH885V7MgBW4MgTDM/#

FONSECA, Juliana Martins. **Paisagens Amazônicas [Manuscrito]: Os Caminhos do Imaginar, Olhar e Sentir**, 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia. Área de Concentração: Organização do Espaço.

FORTES, Mircia Ribeiro. **Diagnóstico morfodinâmico aplicado ao planejamentoambiental da microbacia hidrográfica do rio Puraquequara**. Manaus: UA/ICHL, 2000. (Dissertação de mestrado em Geografia).

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática,1993. (Série educação). Disponível em: file:///C:/Users/usuario-01/Downloads/FPF_PTPF_12_037.pdf
Acesso em: 07/11/2023.

GALLAIS, Jean. **Alguns aspectos do Espaço vivido nas civilizações do mundo tropical.**Boletim Geográfico. Rio de Janeiro, v. 35, n. 254, 1977.

GALVÃO, W. **Que geografia se ensina? Um estudo sobre representações de geografia segundo alunos da 6ª série do Ensino Fundamental.** Curitiba: UFPR, 2007 (Dissertação de Mestrado).

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2017. ISBN: 978-85-97-01292-7. (p. 1-128).**Disponível em:** https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7237624/mod_resource/content/1/Antônio%20C.%20Gil_Como%20Elaborar%20Projetos%20de%20Pesquisa.pdf**Acesso:** 07/11/2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** .4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso: 07/11/2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf

GOMES, Karla da S. **Os igarapés de Manaus na percepção dos jovens manauaras**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Centro de Ciência do Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. v. 1. 319p.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista.** 2010. 266f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-31052011-143633/pt-br.php>. Acesso em: 29 abr. 2022.

GROBE, Cristiana Maria Peterson. (2014**). Manaus e seus igarapés: A construção da cidade e suas representações (1880-1915).** (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus.

GUIMARÃES, Solange. T.L. (2002). **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental.** Geosul, Florianópolis, v.17, n.33, p 117-141, jan./jun. 2002.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

HIGUCHI, M. I. G. e HIGUCHI, N**. A Floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental.** Manaus: INPA, 2004.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: Sua Trajetória de 1950 a 1990.** 1992.Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão.** Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, Edição comemorativa 1993-2008, p.137-147, 2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6142/4414>. Acesso em: 29 abr. 2022.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90.** Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.55, n.1/4, p. 109-146, 1993. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1993_v55_n1_n4.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

HOLZER, Werther. **Paisagem e Lugar: Um Estudo Fenomenológico Sobre o Brasil do Século XVI.** São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Revista Território. Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, p.77-85. Jul/Dez. 1997.

HOLLMAN, V. Mapas, imaginarios y memoria ambiental en Argentina. In: **Revista Geografares**, Edição Especial, p.96-117, janeiro-agosto, 2014.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**.Lisboa: Edições 70, 1990.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Estatística dos municípios: Cidade de Manaus.** Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/manaus.html>. Acesso em agosto de 2023.
JORDÃO, Eduardo Gonçalves. **A geograficidade dos moradores de Samambaia: topofilia e topofobia.** 2021. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/29793. Acesso em: 8 out. 2023.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945.** São Paulo: Difel, 1986.

KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: as homonímias sígnicas da paisagem em áreas preservadas.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - Setor de Ciências da Terra - Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: www.litoral.ufpr.br/sites/default/files/TESE_Helena%20MIDORI. PDF. Acesso em 23/05/2024.

KASHIWAGI, H. M. **A contribuição dos mapas mentais na identificação do patrimônio cultural de um lugar: subsídios às ações pedagógicas de educação patrimonial**. Disponível em:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_geo_artigo_regina_lucia_rocha_micrute.pdf
Acesso em 22/12/2023.

KOZEL, Salete. **Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais.** Geograficidade, v.3, número especial, p. 58-70, primavera de 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/120/pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KOZEL; S. SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Org.) **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural Humanista**. São Paulo: Terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica.** São Paulo: FFLCH/USP, 2001 (tese de doutorado).

KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. **Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas.Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 2, n. 3, p.33-48, dez. 2008. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/5333/4394>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KOZEL, Salete. **Representação e Ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos.** In: SERPA, Angela (org.). Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, p. 71 – 88, 2008. Disponível em: <http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Sociologia/Espaco_culturais_VIvencias_imaginacoes_erepresentacoes_SERPA.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

KOZEL, Salete. **Mapas Mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas**. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

KOZEL, S. e KASHIWAGI, H. **O processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: O caso da Favela do Parolin em Curitiba-Pr.** Ra'E GA, Curitiba, n. 9, p. 69-82, 2005.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP,2003.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. (trad. Sandra Valenzuela) São Paulo: Cortez,2001. 240p.

LEITE, A. F.**O Lugar: duas acepções geográficas.** Anuário do Instituto deGeociências (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érica Vanessa. **A Pesquisa Qualitativa em Geografia.** Presidente Prudente. Caderno Prudentino de Geografia. n. 37, v. 2. p. 27-55. ago/dez. 2015.
Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618
Acesso em: 18.03.2024.

LINDÓN, Alicia. **La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento.** Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, Córdoba, v. 1, n. 1, p. 06-20, 2009. Disponível em: http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/45. Acesso em: 18 out. 2023.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOPES, Aline Rodrigues Cândido. **O Ensino de Geografia e a Linguagem Cartográfica:Os Mapas Mentais e sua Contribuição para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica**, 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2018.

LOPES, Jecson Girão. **A Geografia Humanística como ferramenta de Ensino.** Revista Geosaberes – V. 1, nº 2. dezembro/2010. Artigos Científicos.

LOUREIRO, Antônio**. Histórias esquecidas: A Cachoeira do Passarinho**. 23 de OUT. 2023. Blog do Francisco Gomes. Disponível em:https://franciscogomesdasilva.com.br/historias-esquecidas-36.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica.** In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. Cap. 6, p.103-141.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Geografia Humanista: percepção e representação espacial.** Revista Geográfica de América Central, n.52, enero-junio de 2014, p. 29-50.
Disponível:<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/6285/6305>. Acesso em: 19 abr. 2018.

MALANSKI, Lawrence Mayer; KOZEL, Salete**. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo.***Ateliê Geográfico,* Goiânia, v. 9, n. 2, p. 154-169, ago.2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na Geografia contemporânea.** Geograficidade, v.3, n.2, inverno de 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/123/pdf>. Acesso em: 07 maio 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo**. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia**. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil.** Geografia, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6668>. Acesso em: 10 junho de 2022.

MARIN, Andreia Aparecida**. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental**. Pesquisa em Educação Ambiental, vol.3, n.1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30047/31934>. Acesso em: 03 maio 2018.

MARTINEZ, Rogério. **Geografia e meio ambiente: Uma análise do pensamento geográfico e da problemática ambiental nos parâmetros curriculares nacionais.** Marília, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista.

MELAZO, G. C. **Percepção Ambiental e Educação Ambiental**: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. Olhares e Trilhas, 2005.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira 1928/1991: Uma Introdução à Geografia Humanística.** 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

_____. **Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como e documento para a construção de conceitos geográficos**. 2000. Paginaçãoirregular Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal doRio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. [et al.] (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes,1994.

MORAES, Antônio Carlos Robert**. A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: Edusp,
1989.
_. **Geografia pequena história crítica**. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2001.

NASCIMENTO, E.M.D. (2013). **Parque Municipal do Mindú: Um olhar para a sua problemática ambiental.** Edua.

NEVES, Renato Kennedy Ribeiro. **Subsídios para o Planejamento e Gestão dos Recursos na Bacia do Rio Puraquequara – AM**. Manaus, 2018. 106 f. Dissertação – Mestrado Profissional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos – Universidade do Estado do Amazonas.

NIEMEYER, Ana Maria de. **Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia.** Textos Didáticos (Campinas-IFCH/UNICAMP, n.12, janeiro de 1994.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental: recurso didático no ensino de Geografia no 1º Grau.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. **Mapa mental: Recurso didático para o estudo do lugar.** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografia em perspectiva**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 125-131.

_____. Percepção e Representação gráfica: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcação no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

_____. **Uma interpretação fenomenológica na geografia.** In: SILVA, Aldo A. D. da; GALENO, Alex (orgs.). Geografia: Ciência do Complexus. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 209-236.

OLIVEIRA, J.A. de**. Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso.** Manaus: Editora: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

OLIVEIRA, José Aldemir de; COSTA, Danielle Pereira de. **A análise da moradia em Manaus (AM) como estratégia de compreender a cidade.***Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales,*Bacelona,2007. Volume 11 Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24530.htm.Acesso em: 30 de set. de 2023.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Espaço – Tempo de Manaus**. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, UERJ, 2008. n. 33, p. 33-41.

OLIVEIRA, Lívia de. **Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia.** In:Francisco Mendonça; Salete Kozel. (Org.). 2013.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar.** (Orgs.). Por Eduardo Marandola Jr.; Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. (ISBN: 978-85-7983-893-4).

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção e Representação do Espaço Geográfico**. In: DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (orgs). Percepção Ambiental – a experiência brasileira. São Paulo: UFSCar,1999. p. 69-89.

OLIVEIRA, R. C. **A Percepção do Meio Ambiente em Geografia.** In: Revista OLAMCiência e Tecnologia. Rio Claro, 2001.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Permanências.** São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de Concentração: Geografia Física.

PINEDA, Edith Elvira Kuri. **Representaciones y significados en la relación espacio-sociedad: una reflexión teórica.** Sociológica, Cidade do México, v. 28, n. 78, p. 69-98, 2013. Disponível em: http://www.sociologicamexico.azc.uam.mx/index.php/Sociologica/article/view/52. Acesso em: 18 out. 2023.

PIZARRO, Ana. ***Amazônia:* as vozes do rio. Imaginário e modernização**. Tradução: Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

REGO, Nelson, CASTROGIOVANNI, Antônio C.; KAERCHER, Nestor André. **Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre. Artemed, 2007,148p.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Revista Geografia. Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr., 1979.

RICHTER, Denis. **Um olhar para os mapas mentais: os percursos e suas leituras doespaço.** In: Maria Adailza Martins de Albuquerque; Joseane Abílio de Souza Ferreira.(Org.). Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. 1ª ed.João Pessoa: Editora Mídia, 2013, v. 01, p. 183-218.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RICHTER, Denis; MARIN, F. A. D. G.; DECANINI, M. M. S. **Ensino de geografia, espaço e linguagem cartográfica.** In: Mercator. volume 9, número 20, 2010: set./dez.

ROCHA, L. B**. Mapa mental: forma de comunicação espacial**. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (Orgs.). Discutindo Geografia:Doze razões para se (re)pensar a formação do professor. Ilhéus, BA: Editus, 2007.

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia Humanista: História, Conceitos e o Uso da Paisagem Percebida como Perspectiva de Estudo.** Curitiba, n. 13. p. 19-27, 2007. Editora: UFPR.

RODRIGUES, Mariana Lima; *et al*. **A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais.** Saúde e Sociedade. São Paulo, v.21, supl.3, p.96-110, 2012. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/53486/57454>. Acesso em: 11 maio 2017.

ROSA, Peter da Silva. **Mapas Mentais e Educação Ambiental: Experiência com Alunos do Ensino Médio**. Niterói, 2018. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Geociências, Niterói, 2018.

SANTOS JÚNIOR, D. N. **Geografia do espaço percebido: uma educação subjetiva** / Donarte Nunes dos Santos Júnior. _ Porto Alegre, 2007. 280 f.

SANTOS, Maria Tereza Pereira dos. **Mapas Mentais na Percepção dos Moradores do Baixio, Iranduba-AM.** São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Vera Maria dos. **História do pensamento Geográfico**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

SAUER, Carl. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. P. 12-74.

SEEMAN, Jorn. **Mapas e Percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa.** Olam Ciência e Tecnologia, Rio Claro,v. 03, n.1, p. 200-223, set. 2003.

SIFFERT, Paulo Vitor et al. **Paisagem, Topofilia/Topofobia e Empreendedorismo. Proposta de um modelo teórico.** XLVI – Encontro da ANPAD – EnANPAD, 2022. On-line – 21-23 de set. de 2022. 2177-2576. Versão online. (P. 1-19).

SILVA, Armando Corrêa da. **Fenomenologia e Geografia.***Revista Orientação*, São Paulo,n.7, p.53-56, 1986.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, Elda Teixeira Vila – Nova da. **Geografia e Literatura: As Crônicas Literárias Como Linguagem para o Estudo do Lugar e das Paisagens da Cidade de Manaus**. Manaus – AM, 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas.

SILVA, Gerson da; LOPES, Claudivan Sanches. **Topofilia e Topofobia: Um Estudo da Percepção Ambiental de Alunos do Ensino Médio em Paiçandu-PR**. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3. Cadernos PDE – Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor. Volume I. Artigos. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_geo_artigo_gerson_da_silva.pdf Acesso em: 15/03/2024.

SILVA, José Roselito Carmelo da. SCUDELLER, Veridiana Vizoni. **Os ciclos econômicos da borracha e a Zona Franca de Manaus: expansão urbana e degradação das microbacias.**Research, Society and Development, V. 11, nº 6 e 33611629103, 2022.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. In: CARLOS, A. F. A. A. (Org.). Geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, J. C. S. de. **Modificações no padrão de drenagem da microbacia do Passarinho – Manaus (AM): A Formação de Barras Sedimentares tecnógenas por deposição de resíduos sólidos**. 2014 p. 102.

SOUZA, N. D. de. **Moradia em áreas inundáveis na cidade de Manaus: O igarapé do Quarenta.** Manaus: Centro de Ciências do Ambiente – Universidade Federal do Amazonas, 1999. (Dissertação de mestrado, 114 p.).

STEFANELLO, A.C.; SILVEIRA, M.A.T. **Percepção Geográfica de Riscos Naturais**. Um Estudo dos Balneários Turísticos de Caiobá e Flamingo em Matinhos/PR. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. 2005, Londrina, 2005. Disponível em: https://geografiahumanista.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/11/ana_clarissa.pdf
Acesso: 09/10/2023.

SUESS, Rodrigo Capelle. **Geografia Humanista e ensino-aprendizagem: perspectivas em Formosa – GO.** 2016. 171p. Dissertação (Mestrado em geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB). Brasília-DF, 2016. Disponível:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23078/1/2016_RodrigoCapelleSuess.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SUERTEGARY, Dirce Maria Antune; SCHAFFER, Neiva Otero**. Análise ambiental: a atuação do Geógrafo para e na sociedade.***Terra Livre*, São Paulo, v.3, p.89-103, mar. 2005.

TEIXEIRA, Salete Kozel; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida.** Revista do Departamento de Geografia, n. 13, 1999. P. 1-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53819/57782>

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. ***Topofilia:*** **um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980; 2012.

_____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____.**Geografia humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. P. 143-164.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2012, p.30-53.

WATANABE, S. et al., **Glossário de Ecologia**.1ª. Ed. Edição da Acad. de Ciências. de SP. , CNPq, FAPESP. São Paulo. 1987.

VALENÇA, M. M.; COSTA, M. H B.V.(orgs.). **Espaço, Cultura e Representação**. Natal: Editora da UFRN, 2005.

VESENTINI, J. Willian. **Repensando a Geografia Escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009. 161p.

VIEIRA, A. F. G. **Desenvolvimento e distribuição de voçorocas em Manaus (AM): Principais fatores controladores e impactos urbano-ambientais.** 223p. Tese de Doutorado em Geografia – Universidade Federal de Santa Catarina 2008. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91352>

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. In: VYGOSTKY, L. S. ET AL (Orgs) Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afreche. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes,1994.